



“SÓ ESTOU BEM ONDE NÃO SOU”:
TOXICODEPENDÊNCIA E DOR MENTAL

João Miguel do Rosário Piedade Penedo

Nº 12351

Orientador da Dissertação:
Professor Doutor António José dos Santos

Coordenador do Seminário de Dissertação:
Professor Doutor António José dos Santos

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica.

2011

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor António José dos Santos, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Começo pelos meus pais, por 26 anos de total dedicação e apoio incondicional, por me terem sempre dado a liberdade para tomar as minhas decisões e o espaço para poder ser quem sou, o que me permitiu iniciar e concluir esta etapa do meu caminho.

Ao Guêngue, por serem os melhores amigos que eu alguma vez poderia ter encontrado e por terem contribuído para a construção da base da pessoa que sou hoje, através de todas as experiências que partilhámos.

À Tatiana, pela grande amizade, disponibilidade e apoio que sempre me deu, e por todas as manhãs, tardes e noites de reflexões sobre esta tão complexa experiência que é ser uma pessoa no meio da multidão, que contribuíram, não só para a elaboração desta dissertação, mas também, para futuramente me tornar um melhor psicólogo.

À Ana e à Vanda, por toda a amizade, mas principalmente por terem contribuído de forma decisiva, cada uma à sua maneira, para que a visão que tinha do mundo e das pessoas que nele habitam, mudasse completamente.

À Manuela, por ter tornado melhor a minha experiência no estágio, que me permitiu fazer esta tese.

À Marilaura, por toda a disponibilidade e todos os materiais que me dispensou.

À Dra. Isabel Prata, pela orientação, transmissão de conhecimentos e toda a ajuda que sempre me deu ao longo do meu estágio.

Ao Professor Doutor António José dos Santos, por toda a paciência, orientação e principalmente por todas as conversas que tivemos, que acabaram por ser bastante importantes para que conseguisse acabar esta tese.

Ao Mestre Luís Sousa Ribeiro, por me ter levado ao “caminho da rectidão” e por me ter iluminado neste caminho, por vezes obscuro, da compreensão do comportamento humano.

Finalmente à Ângela, minha namorada, minha amiga, minha companheira, minha mulher, minha vida. Pelo sorriso que me põe na cara todos os dias, por todo o amor, por ser a fonte da minha inspiração e por me ter conseguido transmitir a motivação, sem a qual, não teria conseguido fechar este importante capítulo da minha vida.

RESUMOS

Nome: João Miguel do Rosário Piedade Penedo

Número: 12351

Curso: Psicologia Aplicada

Área de Especialização: Clínica

Orientador: Professor Doutor António José dos Santos

Data: 22/09/2011

Título da Dissertação: “Só Estou Bem Onde Não Sou”: Toxicodependência e Dor Mental

RESUMO

Existe uma grande complexidade na dinâmica estabelecida entre cada sujeito, o seu mundo interno e o externo. O movimento de aproximação e afastamento do seu psiquismo, permite a cada individuo construir a sua individualidade, tornando-se diferente daqueles que o rodeiam. Este movimento atinge uma importância decisiva na problemática da toxicodependência, durante o processo acaba-se por atingir a dor mental, que para os toxicodependentes, é insuportável. Devido a isto, surge uma fuga efectuada pelos toxicodependentes ao seu psiquismo e seus mecanismos e processos, que lhe estão associados.

ABSTRACT

There is a great complexity in the dynamics established between each individual, its internal world and the external one. The movement of approach and removal of its psyche, allows each individual to construct its individuality, becoming different from those that encircle him. This movement reaches a decisive importance in the problematic of the drug addiction, as during this process mental pain is attained, which is unbearable to the drug addicts. Consequently, there is an escape by the drug addicts from its psyche as well as from its associated mechanisms and processes

ÍNDICE

Introdução.....	1
A Formação do Psiquismo – Reparação vs. Fixação.....	2
Toxicod dependência – Bloqueamento do Mundo Simbólico.....	11
O Espaço Terapêutico na Toxicod dependência – Reparação do Mundo Interno.....	20
Método.....	25
Caracterização da Instituição.....	25
Estudo de Caso.....	26
Apresentação de Casos.....	26
Resultados.....	28
Caso 1.....	28
Caso 2.....	40
Discussão.....	53
Considerações Finais.....	62
Bibliografia.....	64
Anexos.....	66

INTRODUÇÃO

“Só estou bem onde não sou”. Este “sou”, é o que nos distingue enquanto indivíduos, o que nos faz ser diferentes da pessoa que está ao nosso lado e resulta da forma como lidamos com aquilo que sentimos. Isto acaba por ser um obstáculo para os toxicod dependentes, pois no caminho que fazemos para alcançarmos o “sou”, temos de contactar com o que sentimos e de elaborar esses sentimentos. A certa altura deste movimento, atinge-se a dor mental e é este o ponto essencial que desencadeará e tornará contínuo, o ciclo de consumos dos adictos. Como esta dor mental se torna demasiado insuportável, existe apenas algo a fazer, fugir dela. Será o consumo de substâncias que permitirá aos toxicod dependentes, fazerem a referida fuga. Quando estes estão sob o efeito da droga, acabam por ficar numa espécie de estado anestésico. Este estado permite-lhes fazer uma viagem de dentro para fora, do seu mundo interno para o externo, da dor para o prazer. A fuga permite-lhes ir para um local onde se sentem confortáveis. Local esse que fica longe dos seus sentimentos, dos seus pensamentos, do seu “ser”. Daí surgir a expressão que utilizei para ilustrar este meu trabalho: “Só estou bem onde não sou”.

Desta forma, acabo por introduzir o objectivo da minha dissertação, que será uma reflexão sobre toda a complexidade que está por trás da dinâmica estabelecida entre cada sujeito, o seu mundo interno e a realidade que o rodeia. O movimento de aproximação e afastamento do seu interior, permite a cada individuo descobrir-se como tal, um ser individualizado de um outro. Este processo atinge uma importância capital quando nos tentamos debruçar sobre a problemática da toxicod dependência, algo que explorei neste trabalho.

O tema do meu trabalho passará pela análise da fuga que é efectuada pelos toxicod dependentes ao seu psiquismo e seus mecanismos e processos, que lhe estão associados. A partir daí, interpretei e tentei dar sentido a esta tão complexa realidade, que todos os dias encaramos, uns mais de perto que outros.

Para reflectir sobre este fenómeno, utilizei as consultas de dois pacientes que acompanhei no meu estágio, no ano de 2008. A análise destes casos foi a base deste meu trabalho, servindo para que conseguisse mergulhar nesta matéria com bastante mais propriedade e objectividade.

A Formação do Psiquismo – Reparação vs. Fixação

De um ponto de vista compreensivo, a toxicod dependência está estreitamente relacionada com a construção do mundo interno e eventuais fixações em determinadas fases que abarcam a formação do psiquismo.

Quando se tem em conta a relação do toxicod dependente com as substâncias verifica-se que através destas há uma tentativa de recuperação da relação simbiótica com a mãe, de forma a fugir à angústia e depressão. Poderá dizer-se que surge como uma perturbação da relação objectal, que cria uma perturbação do pensamento, devido ao restabelecimento de uma regressão aos estados mais arcaicos do *self*, o que acaba por provocar uma perturbação nível simbólico. Na existência desta perturbação do mundo objectal, o que não foi simbolizado, vai criar ansiedades confusionais ligadas aos objectos. Estas angústias registam-se desde o início da criação do mundo interno.

A construção do psiquismo e do mundo simbólico tem origem na posição esquizoparanoide, na fase de sadismo puro, Klein (1996). O seio da mãe e o interior do seu corpo, serão nesta fase, o alvo dos impulsos sádicos do bebé, existindo um desejo voraz de obtenção de satisfação, ao mesmo tempo que se verifica uma necessidade de destruição deste. Os bons e maus objectos são introjectados pelo ego na posição paranoide. Enquanto que o bom objecto é percebido quando a criança obtém satisfação através deste, o mau é experienciado quando ele é perdido, levando a sentimentos de angústia e frustração. Os instrumentos introjectivos e projectivos vão então emergir no psiquismo do bebé. Será através da projecção agressiva que os objectos serão sentidos como maus, surgindo os bons quando são introjectados, abrindo caminho a uma identificação que lhe confere conforto e segurança.

Quando o objecto relacional não responde às necessidades sentidas é encarado como perseguidor, sendo sentido como ameaçador à integridade do eu. Ao tentar destruir os maus objectos, introjectando e projectando os mesmos, a criança sentirá medo de perder o bom objecto, porque deste surgem ataques de ansiedade, medos de retaliação e sentimentos de culpa. Para que as ansiedades persecutórias e o receio de destruição sejam esbatidos, será solicitada no ego a necessidade de utilização do simbolismo através das ansiedades e angústias referidas anteriormente (opr. cit.). Através desta perspectiva, foi possível vislumbrar o simbolismo como um mecanismo dinamizador da relação do sujeito como mundo exterior, afastando-se da relação

simbiótica mantida até ao momento. É assim formado um espaço onde se poderá desenvolver o mundo fantasmático da criança.

Seguindo esta visão, (Klein, 1996) os sentimentos de onnipotência da criança serão de uma certa forma abandonados. Haverá uma elaboração da posição esquizoparanoide, levando o sujeito a formar uma consciência de si próprio, saindo da idealização e destruição do objecto. Isto deve-se à entrada da criança na posição depressiva, que possibilitará a capacidade de elaboração dos próprios limites do *self*, para que sejam reparados os ataques sádicos sofridos pelo objecto. Com esta contenção, será possível alguma tolerância aos sentimentos de frustração, através da elaboração das emoções sentidas. A elaboração anteriormente referida adquire-se através do pensar que a posição depressiva confere, tal como salienta Ricoeur, “um momento de internalização do objecto ausente introjectado, não como mau e indigesto, mas como simbólico e fazendo pensar (cit. Rezende, 1995, p. 53).

Como vai ocorrer uma assimilação das separações infligidas ao ego, na posição depressiva haverá um relacionamento com o objecto total, integração do bom e do mau objecto. A incorporação do positivo no negativo, a junção dos instintos de “vida” e de “morte”, passam a ser capacidades do eu. Apesar disso, a introjecção e incorporação intensa do objecto, será a base de um certo tipo de ansiedade e onde se irão desenvolver sentimentos de posse do objecto (Klein, 1996). A criança ainda projectará as ansiedades sentidas para o mundo exterior, resultado do receio de expelir juntamente com os maus objectos os bons, apesar de começar a ter uma maior consciência de si próprio. Quando a ausência da mãe despoleta o surgimento de certas ansiedades causadas na criança pelo receio de contactar com os maus objectos que foram sentidos no seu *self*, vai ocorrer esta projecção. No entanto, o medo da criança perder o objecto amado, poderá ser sentido como algo que compromete a sua integridade, levando à tentativa de preservação do bom objecto no seu mundo interno.

No seguimento da separação com o objecto, dá-se um reconhecimento deste, sendo este percebido na sua totalidade. O desenvolvimento da criança e a sua adaptação à realidade exterior vai ser extremamente influenciada pela forma como ela vai resolver os conflitos existentes entre o amor e o ódio.

A criança vai deixando de utilizar de forma recorrente os mecanismos projectivos, atingindo um amadurecimento interno necessário para que haja um maior distanciamento dos seus conteúdos psíquicos, gerando uma adaptação ao mundo externo. É assim alcançada uma segurança interna que irá permitir uma maior facilidade em lidar com sentimentos, tais como, o ódio, a raiva e a inveja. Caso isto não se verificasse, a integridade do psiquismo poderia ser posta em causa, desintegrando-se.

Um autor que partiu dos pensamentos Kleinianos para criar as suas próprias ideias foi Bion (1991). Dentro das suas reflexões, aprofundou o conceito de identificação projectiva. Para Bion, este era um mecanismo que estava presente em todos os tipos de personalidades, sendo este a origem do aparecimento de sentimentos de fragmentação. Apesar disso, este seria também um processo que permitiria ao sujeito distanciar-se dos fragmentos referidos. Bion não se resumiu a este tema e acabou por dar uma importante contribuição para o desenvolvimento e inovação da Psicanálise, nas suas variadas problemáticas.

Ainda em relação à identificação projectiva e tomando como ponto de partida a visão de Klein, Bion refere que esta abrange dois níveis de funcionamento: um primeiro “enquanto fantasia onipotente de projectar e controlar no interior do objecto partes não desejadas do próprio (...) o objecto passa a conter as partes não desejadas do self” e de seguida, “o objecto transforma-as, de forma a permitir uma reintrojecção tolerável”; um segundo em que “estão serviço da constituição do vínculo empático, do ulterior desenvolvimento de boas relações objectais e da formação de símbolos.” (cit. Dias 1995., p. 13)

Em toda a teoria desenvolvida por Bion existe uma questão marcante, a identificação projectiva. Este mecanismo pode ser visto como um conteúdo que se instala num continente. Foi encarado pelo autor, com base na “ideia de um continente no qual o objecto é projectado, objecto que designarei pelo nome de conteúdo.” (cit. Dias, 1998, p. 10)

Bion utiliza este modelo continente-conteúdo, para explicar a génese do crescimento e da transformação psíquica. Acrescenta ainda que este modelo será elaborado através da relação precoce mãe-bebé, permitindo à criança desenvolver tolerância à frustração. Assim, os elementos contaminados da criança podem ser transformados através do tipo relação estabelecida com a mãe, que será mais eficaz quantas mais respostas ajustadas a mãe fornecer ao bebé. Desta forma, estes conteúdos

podem tornar-se mais facilmente assimiláveis e até apaziguadores para o bebé. A mãe processa uma transformação dos elementos contaminados (não-seio), em elementos digeríveis (seio), assim como os sentimentos de medo, angústia, terror, e ódio, em sentimentos de amor e segurança. Esta transformação dá-se através da activação da “função alfa” da mãe, que vai alterar os elementos fragmentários sentidos pela criança em sentimentos apaziguadores.

Na sequência deste caminho, a criança irá introjectar um bom seio, impulsionando a introjecção interna da “função alfa” que tem um fim desintoxicante para o bebé, despoletada pelo objecto primário. As experiências vividas pela criança de forma negativa e insuportável para a integridade do seu mundo interno, vai ser contido pela mãe e transformado no seu interior através de um mecanismo de introjecção. A criança passará a estar habilitada a transformar elementos contaminados/“elementos beta”, em elementos toleráveis e “digeríveis”/“elementos alfa”. Desta forma o bebé vai adquirir progressivamente um poder organizativo do seu mundo psíquico, transformando as vivências caóticas no seu interior, a partir do momento que a capacidade anteriormente referida é interiorizada. A “função alfa” acaba por fazer a ligação entre o indivíduo e o pensamento, podendo ser entendida como uma função simbólica fundamental. Este processo vai permitir ao sujeito conseguir elaborar e comunicar. Como referiu Bion, quando tal não acontece surge “a incapacidade de tolerar a frustração que faz com que a balança se incline no sentido da fuga e não da transformação.” (cit. Rezende, 1995, p. 49).

A importância atribuída à posição esquizoparanóide (Ps) e à posição depressiva (D), também referenciadas por Melanie Klein, foi descrita nas reflexões de Bion, e usada no seu modelo continente-conteúdo. Nesta sequência, Bion referiu que na Ps os “elementos beta”, geradores de medo e angústia, ficam dispersos mas em D esses conteúdos são integrados através da transformação, pela activação da “função alfa” e pela sua integração, permitindo a elaboração de pensamentos tranquilizantes para o *self*. O movimento de Ps e de D irá surgir com o apoio da função continente-conteúdo, que permite a transformação dos “elementos beta” em “alfa”. Ainda assim, Bion distingue estas posições, dado que no seu modelo continente-conteúdo, desenvolve o pensamento que, de uma função Ps e D adequada surge a representação do objecto total, enquanto que da função continente-conteúdo surge a significação da representação do objecto. (Dias & Fleming, 1998, p. 15). No entanto, no contacto com o mundo externo do sujeito

(Ps), são suscitados sentimentos desintegrativos e fragmentários, originados pela dispersão concebida pelos elementos contaminados, existe ainda uma outra interveniente neste processo. Na oscilação da posição entre Ps↔D, podemos alcançar uma nova coerência e integração do indivíduo, através de uma activação criativa. Esta mudança só ocorrerá com êxito se os processos inerentes forem representados no sentido de promoverem o desenvolvimento e a significação do indivíduo. Surge igualmente uma dor mental, cuja origem é este processo de construção conjugado com a contínua flutuação entre Ps e D. Isto deve-se ao facto de ocorrer uma transformação dos elementos numa nova significação, em que está na base de um sofrimento interno, envolvendo sentimentos de amor, ódio e raiva. Dependendo da forma como estes sentimentos são interiorizados, maior sucesso terá a evolução psíquica do sujeito, e que sendo correctamente interpretados e distanciados de angústias fragmentárias que surgem do estado fusional com os objectos, vão permitir o conhecimento que o sujeito tem de si próprio bem como da realidade externa através do verdadeiro pensar, sendo que, “nasce da experiência emocional da frustração” (cit. Rezende, 1995, p.85) adjacente à tolerância criada a esta.

Na obra de Bion (cit. Dias & Fleming, 1998), surge uma designação importante, a “Mudança catastrófica”. Esta designação tem origem numa desorganização, o que pode vir a ser violento para o sujeito, dado que com esta “mudança catastrófica”, aparecerá no próprio uma receptividade a algo novo e transformador, permitindo que ocorra uma reconstrução do passado no presente. No entanto é adquirida uma maior flexibilidade, que origina um conhecimento integrador do eu. Deste processo resulta uma transformação que vai possibilitar um maior crescimento mental e um insight, levando a que o sujeito fique mais próximo de uma realidade psíquica essencial, ainda que não a adquira totalmente. O autor apresenta uma distinção de uma forma clara os conceitos de “mudança catastrófica” e “catástrofe”. Este segundo conceito apenas irá promover desorganização e caos interno, dado que poderá resultar uma dor mental muito superior à primeira, uma vez que advém de uma “intolerância à frustração que não deixa espaço para o pensamento. Bion diz que, sem tolerância, o pensamento torna-se dogmático e moralista (de um moralismo psicótico).” (Rezende, 1995, p. 87)

Bion referiu que a mudança catastrófica, permite ao sujeito ficar mais perto do conhecimento interno, existindo apesar disso, uma impossibilidade em perceber a sua “realidade última”, por já estar mais distanciado. Isto levou-o a afirmar que tal

promove “ (...) o pensar verdadeiro (O) e a não verdade ou compulsão [T (-O)] ” e que “ a compulsão logicamente precisa de pensador” (Bion, 1991, p. 114). Desta forma podemos concluir que para Bion esta diferença está expressa em dois pontos possíveis: o questionamento saudável, ou a fixação que a mente pode adquirir através do aprisionamento interno de conteúdos contaminados. No primeiro ponto pode estar presente o mundo psíquico e ser potenciador de mudança, o segundo pode conduzir ao caminho patológico.

Apesar disto, o sujeito sente a fragilidade do seu *self* quando surge um novo conhecimento que vem pôr em causa aqueles que já faziam parte da base do seu ser, acabando isto por levar à dor mental, ao sofrimento. Ao se integrar uma nova ideia que poderá possibilitar o crescimento interno, dar-se-á o aparecimento de uma tolerância à frustração (tolerância a D), sendo que possibilitará uma consciência de que o conhecimento puro não foi alcançado, mas sim uma aproximação a este. Partindo desta perspectiva, podemos afirmar que para chegarmos a algo novo, é necessária a criação de determinados conhecimentos, que por sua vez, não vão levar a certezas absolutas, mas sim a uma maior procura de novos saberes.

No conceito de catástrofe está inerente “um pensamento aberto (...), como num beco sem saída. É uma atitude de quem não tem paciência, mas, apressadamente, quer passar de um ponto para outro. A intolerância leva-me a ficar com pressa em afirmar alguma coisa, e em afirmá-la enfaticamente, com força dogmática, a ponto de cair no moralismo. O intolerante invoca não o pensamento, mas uma lei que, finalmente, é psicótica, violenta e superegógica.” (Rezende, 1995, p. 86)

O pensamento é uma peça fulcral em toda a teoria Bioniana. Nesta, o inconsciente engloba vários pensamentos que ainda não atingiram o verdadeiro pensar. É então essencial que ocorra um verdadeiro pensar sobre os próprios pensamentos, ou seja, o pensamento existe por existirem determinados pensamentos que ainda não se estruturaram na linguagem (cit. Dias, 2003). Para Bion, o verdadeiro pensamento é precedido de um pensamento primitivo. Na sua perspectiva, o inconsciente é um pensamento primitivo, não elaborado, não verbalizado, e não estruturado. O autor expõe ainda que o pensamento resulta da experiência emocional da frustração, que poderá por sua vez, potenciar a tolerância a esse mesmo sentimento (Ps↔D). Podemos afirmar que tanto a plena satisfação como a intolerância à frustração não deixam espaço para o pensamento (Dias & Fleming, 1998).

Em relação à percepção da realidade interna e externa, Bion (1994) desenvolveu uma associação de importância extrema, entre a posição depressiva e o desenvolvimento do pensamento verbal. O autor afirmou que, o sujeito pode frequentemente experienciar uma fantasia onipotente de destruir a realidade com a qual está em contacto e que por outro lado, essa fantasia pode ser construída a partir da consciência que este tem face a essa mesma realidade. Vem aprofundar a ideia de que no psiquismo existe sempre uma parte psicótica da personalidade e uma parte não-psicótica, nunca estando o contacto com a realidade totalmente ausente. Bion referiu que existe uma ilusão face à realidade, relativamente à parte psicótica da personalidade, onde o indivíduo mantém um estado fusional com o seu redor, potenciada por uma forte e abusiva utilização do mecanismo de identificação projectiva, sendo que, “consequentemente, o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica perturbado e, em vez disso, dá-se o desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projectiva.” (cit. Rezende, 1995, p. 50).

Na parte psicótica da personalidade, Bion (1994) refere a obra de Melanie Klein ao dizer que o indivíduo faz uso da posição esquizoparanoide, onde vai surgir um estilhaçamento dos objectos e do seu ego, resultando numa cisão entre os pensamentos. “É a intolerância à frustração que vai aparecer como manifestação psicótica no processo de pensar. Além de negar a realidade, a intolerância tem ainda como efeito o ódio e o ataque a ela.” (Rezende, 1995, p. 175).

No surgimento de conteúdos fragmentários, todo o conhecimento da realidade se torna odiado. Desta forma para Bion (1994), o sujeito é invadido por uma sensação de impotência face à possível restauração dos objectos e do seu próprio ego, muito embora essa restauração possa ocorrer se houver uma passagem para a posição depressiva. Através deste movimento surgirá uma integração dos estilhaçamentos efectuados pela parte não-psicótica do indivíduo. A partir de uma simbolização face à elaboração da realidade vivida anteriormente, conseguida pela parte mais saudável da mente, pode surgir uma nova percepção e integração da realidade (que deixa de ser sentida como negativa). Bion mencionou que, quando tal não acontece, “o resultado final é todos os pensamentos serem tratados como se fossem indistinguíveis de objectos internos maus. A ideia é que o instrumental adequado seria não um aparelho para pensar pensamentos, mas um aparelho para livrar a psique do acumular de objectos internos maus.” (cit. Rezende, 1995, p.50).

Nesta linha de pensamento Bion, descreve que da percepção da realidade irá depender o desenvolvimento da capacidade de pensamento verbal (capacidade simbólica do indivíduo). Com a formação de símbolos, o sujeito fará a reparação da fragmentação do ego e dos seus objectos, que através da conservação das diferenças e semelhanças entre os objectos vividos, permitirá uma consequente integração dos elementos através do acto de pensar. A partir desta reparação existirá uma maior consciência da realidade psíquica e o sujeito deixa de estar fundido com aquilo que é exterior a ele.

Em relação ao anteriormente referido, Bion (1965) afirma que, “Por definição, o termo consciente refere-se a estados dentro da personalidade; a consciência da realidade externa decorre do estar ciente da realidade psíquica interna. Em suma, a consciência da realidade externa advém da aptidão da pessoa para tolerar e se lembrar de uma realidade interna.” (p.96).

Bion (1994) distingue claramente os mecanismos subjacentes à parte psicótica e não-psicótica da personalidade. Refere que a cisão e a identificação projectiva, usadas pela parte psicótica da personalidade, são processos substitutos da repressão utilizada pela parte não-psicótica, de forma a que o psiquismo se liberte da acumulação de estímulos. O que vai permitir-lhe um controlo através da elaboração dos elementos que foram projectados para fora do seu *self*. Desta forma como os objectos e as partes do *self*, que foram expelidas são reintrojectadas, surge a necessária inversão da identificação projectiva, trazendo uma nova integração e integração do mundo psíquico.

Podemos concluir, que a posição depressiva possibilita ao sujeito pensar e elaborar os conteúdos do psiquismo, promovendo a organização do aparelho interno.

Acompanhando a reflexão de Bion, não importa qual a parte da personalidade dos sujeitos que está mais saliente, existem sempre pensamentos na realidade interna dos mesmos. Contudo, afirma que o sujeito não pode apenas ter uma capacidade provisória de pensar sobre os pensamentos, sob pena de não conseguir efectuar uma integração e elaboração destes.

Para Bion, os pensamentos podem ser classificados de acordo com a natureza da história evolutiva, como pré-concepção, concepções ou pensamentos e por fim os conceitos (sendo que têm nome e são portanto, concepções ou então pensamentos, firmados). A concepção inicia-se através da ligação de uma pré-concepção com uma

realização. Em psicanálise, a pré-concepção pode ser encarada como análoga do conceito Kantiano de “pensamentos vazios” (Bion, 1965, p. 128-129). Segundo esta perspectiva subentende-se que a pré-concepção é um pensamento que aguarda para ser pensado e elaborado, que ainda não atingiu forma. Todavia, a concepção é como uma pré-concepção que contactou com a realização do indivíduo, estando relacionada com a experiência emocional de satisfação. Quando isto não ocorre e a pré-concepção não contacta com a realização, o sujeito pode viver sentimentos de frustração, ou seja, segundo Bion, quando não surge o “produto da justaposição da pré-concepção” com a “realização negativa, torna-se um objecto mau, indistinguível de uma coisa em si e que se presta apenas à evacuação.” (cit. Rezende, 1995, p. 49).

A partir da parte madura da personalidade, o psiquismo pode conseguir transformar essa vivência, caso haja capacidade para tolerar a frustração, estabelecendo um aparelho para pensar e elaborar pensamentos. Em suma e partindo dos conceitos de Bion, pode-se afirmar que o sujeito pode trazer coerência e substância à sua personalidade, através da “função alfa” (a parte mais madura da sua mente), transformando conseqüentemente as sensações e criando desta forma pensamentos que podem ou não ser traduzidos através da acção.

Com base nas teorias anteriormente referidas, Bion tal como Klein, atribuíram uma especial importância à criação dos símbolos, indispensáveis ao desenvolvimento do ego, na superação do narcisismo e na criação do reconhecimento da existência do outro. Assim, a criação do simbolismo é perspectivada como uma estratégia precoce do ego para habilitar o sujeito a lidar com determinados sentimentos e ansiedades existentes no seu psiquismo. Poderá dizer-se que quando tal é atingido, alcança-se o bem estar interno a partir do acto da elaboração. Rezende refere assim, a importância inerente ao pensamento, “pensar é gestar. Pensar é ter uma mente preta que se prolonga no processo de maturação da ideia. Há um pensamento à procura de um pensador. Isso ocorre num processo de gestação mental. Claro que esse processo na vida humana, não dura apenas nove meses, dura a vida toda.” (Rezende, 1995, p. 61).

Toxicod dependência – o Bloqueamento do Mundo Simbólico

“Se queres ver o mundo inteiro à tua altura

Tens de olhar para fora sem nunca esqueceres que dentro é que é o teu lugar.”

(Na Terra dos Sonhos, Jorge Palma)

Muito embora o toxicod dependente não atinja uma verdadeira simbolização, uma vez que a percepção das realidades interna e externa, é deturpada pelo uso de substâncias, não havendo contenção dos conteúdos psíquicos, não permitindo uma verdadeira elaboração destes. O que se regista é também uma “manifestação de desencontro com a realidade frustrante é a fuga (“Parem o mundo que eu quero sair!”). A fuga tem uma falsa eficácia, pois serve-se da política da avestruz.” (Rezende, 1995, p. 175).

Para Fleming (2001, p.13), os toxicod dependentes não têm “liberdade interna para criar e sonhar outros mundos.”. Estes sujeitos são frágeis, com carências de afecto, estão em grande sofrimento e sobre o efeito da droga estes sujeitos adquirem uma falsa grandiosidade. Esta carência de afecto não é satisfeita, pois quando surge uma relação objectal positiva, aparecem “os medos da realidade, do crescimento, da autonomia, da responsabilidade e surgem porque uma estrutura deficitária do self emerge” (p.18).

Para Sequeira (2006, p. 25), a visão de que os toxicómanos são pessoas que sofrem, contamina as manifestações delirantes, alucinatórias e obsessivas. “O toxicómano mantém-se agarrado a uma novidade, construída na sua própria existência e que subverte o terreno pulsional na medida em que o desliga do passado, da linguagem, da demanda de amor e do Outro, acreditando, desta forma, solitariamente, que a satisfação a ele foi revelada”, desencadeando uma forte tendência em abolir a linguagem, acreditando conhecer a essência do gozo. O autor afirma que os toxicod dependentes são “pacientes que sofrem”.

O autor concorda com a questão de que o ser humano já nasce dependente, as “satisfações das necessidades elementares prende-se unicamente com o desejo de a mãe lhes responder. Desta interacção primária, nascerá, pouco a pouco, um Eu objectal e a consciência de si próprio.” (p. 28). A angústia provoca a sensação de desamparo e a sua

intensidade vai desenvolver o trauma. O “não objecto” é que estabelece a imaturidade do sujeito. Assim a droga tem a função de aliviar as angústias e saciar suas necessidades.

O toxicodependente sofre de uma depressão originária de um comportamento ansioso gerador de dor, e ao mesmo tempo possuem um alto grau de intolerância à dor, assim, o desejo psíquico centra-se na necessidade de encontrar alívio. Este estado ansioso é gerado pela falta de relações objectais suficientemente boas, desenvolvendo a incapacidade para lidar com situações de tensão, dor, frustração e situações de espera.

A personalidade do toxicodependente desenvolve-se nas características depressivas com feridas narcísicas do mal desenvolvimento do Eu, que acarretará na intolerância à dor e à frustração, o indivíduo então, busca na droga a manutenção do amor-próprio e auto estima, adoptando assim uma nova identidade sustentada por um novo estilo de vida. A força da droga está em proporcionar a força que falta na estruturação do superego, actua superficialmente ocupando o espaço vazio da má relação do objecto, esta actuação é fantasiosa e de pouca duração, conduzindo ao aumento do consumo.

O autor (Sequeira, 2006) salienta que o efeito droga protege o sujeito das angústias que ameaçam sua existência e sua identidade. E afirma que “este sistema autocentrado é devorador de si próprio, enlouquece, bloqueia e esvazia.” O carácter de urgência da droga, “aqui, agora e já” nos faz pensar na angústia do bebé com muita fome a abocanhar o mamilo da mãe. A relação que o toxicodependente estabelece com a droga é anaclítica, Agarra-se a droga, para receber satisfação mental e prazer com a diminuição da angústia.

Para Ribeiro (1995), a toxicodependência actua como um estar perdidamente apaixonado, onde o amor é considerado como soberano e conduzido até as ultimas consequências, onde a relação é vivida com exclusividade, como um enlouquecer amoroso. (cit. Sequeira, 2006).

Bion defende que “A incapacidade de tolerar a frustração poderá obstruir o desenvolvimento dos pensamentos e da capacidade de pensar, embora a capacidade de pensar diminuísse o sentimento de frustração inerente ao reconhecimento do hiato que existe entre um desejo e uma satisfação.” (cit. Sequeira 2006, p. 113). Esta incapacidade é desenvolvida pela falta que origina a ferida narcísica. “denuncia que a onipotência

pode falhar... um afastamento do narcisismo primário e uma intensa tendência em retornar a ele.”

O toxicodependente busca o ideal no objecto externo, idealizando o objecto vai encontrar nele tudo que necessita para se sentir ideal também. Pois o objecto droga é poderoso e consegue diminuir momentaneamente sua dor.

Segundo Bergeret (1983), o toxicodependente passa de uma falta afectiva para a falta do produto (droga) de forma a colmatar as grandes falhas narcísicas existentes, assim a falta de ser (um eu separado de um outro), torna-se a falta de ter (a substância). O vazio é assim preenchido pelas drogas registando-se uma confusão entre o dentro e o fora. O consumo pode ser encarado como uma tentativa de organizar o desorganizado, preencher temporariamente o vazio e quando esta pseudo-organização e este preenchimento se “evaporam”, vai-se consumir a repetição do acto.

Bion (cit. Bergeret, 2004), referiu que o empobrecimento do eu resultaria da intensidade dos fenómenos defensivos do tipo projectivo. O que se encontra muito no toxicómano, pois há um esvaziamento do *self* através destes instrumentos defensivos e a onnipotência aparente nestes sujeitos, deve-se a uma compensação a esse mesmo esvaziamento do eu.

Assim, podemos ver a toxicodependência como uma “defesa” face às falhas narcísicas preexistentes, pois não há depressão devido à existência de um *self* empobrecido. O que existe é uma verdadeira fuga da depressão, o que se regista quando o toxicómano, face à falta da substância activa mecanismos de compensação e defesas maníacas. E por outro lado quando este está sob o efeito, de substâncias alcança um estado de grande satisfação e/ou euforia provocado pelo consumo. O que os leva afastarem-se cada vez mais da realidade intolerável, e a aproximar-se cada vez mais de um mundo ilusório, mas que não deixa de ser, realmente doloroso pois há uma grande incapacidade em lidar com a frustração, nos estados de sobriedade.

Rado, (cit. Marcelli & Bacaunier, 2005) falou que na toxicomania existe um prazer auto-erótico, dizendo mesmo que os toxicodependentes encontram no produto um alívio ao seu sofrimento, o que leva a uma “dilatação falaciosa” do narcisismo. É como se, o eu a partir de uma substância encontrasse, a sua dimensão narcísica original de onnipotência, onde há uma reactivação da crença de imortalidade. Essa onnipotência (defesa maníaca), muitas vezes, tem por trás uma dependência afectiva

que é camuflada pela dependência tóxica, assim sendo, a droga recobre toda a psicopatologia, pois nestas situações o que é visível é a e apenas o sintoma toxicológico e não o seu pano de fundo.

No toxicodependente a crença de imortalidade é reactivada, e pode perspectivarse a adição como sendo um comportamento auto-destrutivo, pois é gerador do caos e não da significação, por isso mesmo contraria um dos instintos base, que é o de autopreservação. O toxicómano devido às falhas internas que tem subjacentes: fuge do sentido, do significado, ele intoxica-se para não pensar, para não ser. Para ele não interessa o significado pois inerente a este estará sempre alguma frustração, o que é insuportável, pois neste não existe contenção. Somente lhe interessa a satisfação imediata, por isso mesmo encontramos no toxicómano uma incapacidade de perceber os seus próprios sentimentos e os sentimentos dos outros, isto porque, este não consegue dar palavras às emoções e aos sentimentos. Poderá até ser imprudente falar em verdadeiros sentimentos e emoções, pois ele parece contentar-se com as sensações, um adormecimento dos pensamentos e um silêncio dos afectos.

Para Jaques (1999, p. 38), a dor do toxicodependente “evoca a localização corporal, a apropriação pelo corpo da experiência dolorosa”. O toxicodependente procura através da droga, a cura da sua dor mental, que é tão intensa que se confunde com a dor física. Na evolução da Psicanálise Freudiana, diferencia-se o significado da dor física e da dor mental, onde a primeira é de ordem narcísica e a segunda está relacionada com o investimento libidinal do objecto, com híper-investimento. A dor passa a ser vista, como um fenómeno tanto psíquico, como somático.

Na maior parte dos toxicómanos o objecto inicial deste sujeitos não foi vivido como “suficientemente bom”, nem como mau, por isso muitas vezes se dá uma má formação do super eu. O que se regista nestes sujeitos é uma imaturidade, um “falso self” devido a uma incapacidade funcional do aparelho psíquico onde existe um sentimento de vazio interno.

Normalmente na família dos toxicodependentes, encontramos mães híper-protectoras, e muitas vezes essa híper-protecção advém de uma rejeição inconsciente. Estes toxicodependentes são apelidados por Pierre Luquet, com alguma ironia, de “filhos da mãe”. Por vezes, estas mães estabelecem relações com os filhos próximas do plano incestuoso e revelam uma grande desvalorização do marido, o que afasta a figura parental e o que cria claras deficientes ao nível do imago que é crucial, para o

desenvolvimento, o que faz com que impossibilita o indivíduo de crescer e se separar. Muitos outros casos são «filhos da mãe» por não poderem ser do pai. Uma perda objectal importante na primeira ou na segunda infância ou na pré-puberdade, seja do pai ou de um substituto paternal, é muito frequente. De resto, o que encontramos é também uma patologia do pai «cintilante», a expressão emprestada por Francisco Alvim. Certos pais dos jovens que nos procuram, lembram efectivamente os pirilampos, isto é, aparecem e desaparecem.

Mas é sobretudo a falta permanente de uma mãe solícita, atenta às reacções complementares da criança, que é preciso marcar e lembrar. A sociedade humana é organizada pelo afecto, e a actividade materna deverá ser suficientemente gratificante para se poder tornar formadora.

A droga não só favorece a regressão, como também é na sua essência a regressão. Obter a satisfação imediata, um prazer sem conflitos, e ser um pouco como o bebé na ralação fusional com a mãe é, de algum modo, recusar a sociedade do pai, tal como a vê e a sente.

A exclusividade materna no início da vida do bebé é crucial, mas é igualmente importante, que esta acabe por ser rompida pela entrada de um terceiro membro, permitindo instaurar assim a lei do pai/lei do simbólico. Assim, a entrada do pai simbólico é primordial. Nos adictos, a substância gera uma espécie de reparação patológica da simbiose original. Ou seja, devido ao impedimento da lei do pai o sujeito vai procurar a satisfação num objecto que não traga repercussões para a integridade do seu *self*. A substância torna-se a substituição do objecto, uma substituição doentia pois sai da esfera do relacional, não faz com que as angústias deixem de ser remetidas na mesma para com os objectos, e por isso mesmo a criação das ansiedades confusionais com estes.

Lemaire (1982) na sua obra fez referência a três conceitos Lacanianos: o gozo, o desejo e a falta. O gozo, através da lei do simbólico, é transformado em desejo, surgindo dessa transformação o sentimento de falta. Desta forma, o desejo nasce do interdito, do proibido, que gera a separação com o objecto inicial, surgindo o sentimento de falta. É o sentimento de falta que faz recorrer a um objecto substitutivo, para que este preencha esse sentimento.

Nos sujeitos toxicómanos a substituição do objecto materno não é efectuada por um objecto substituto, mas sim, pela substância de forma a conseguirem alcançar um estado idêntico à sensação de gozo da relação original. Deste modo, sob o efeito da adição este não sente a falta, alcançando um estado fusional. No entanto, quando os adictos estão num estado de sobriedade atingem um sentimento de vazio aterrador, o que os leva ao acto de repetição.

Para Coimbra de Matos (2001, p.235), “a dor é o deserto relacional. A ausência do outro para investir; o que, reflexamente, desinveste o próprio”. Ao perder o objecto há desinvestimento libidinal e para não sentir a dor da perda o sujeito desenvolve um vazio egoico.

Como refere Carlos Amaral Dias (1991), “a toxicomania, instala-se sempre sobre um vazio”. Com a presença desse vazio interno o toxicodependente, para o não sentir ou para o camuflar vai procurar no exterior aquilo que devia ser elaborado no seu mundo interno, que acaba por ser o seu refúgio num mundo ilusório, no mundo do consumo e da acção onde não há lugar para a comunicação afectiva.

A maior parte dos toxicodependentes teve o primeiro contacto com a droga na adolescência, ou seja, numa fase da vida conturbada, na altura em que ainda não se instaurou uma verdadeira identidade.

Assim, a adolescência é uma altura crucial para a vida de um sujeito, pois o adolescente nessa altura tem de se fazer determinados lutos de forma a se individualizar e criar uma identidade enquanto “pessoa”. Carlos Amaral Dias (1991) referiu que, a adolescência é quando, “se deve fazer um desinvestimento das ligações de dependência narcísica que uniram a criança aos pais, e na capacidade de reinvestimento e de reobjectualização subsequentes.

E o que acontece é que, a toxicomania luta contra a depressão dos objectos infantis, que é uma depressão normal na adolescência, funcionando esta como um verdadeiro anti-depressivo. Visto isto a toxicomania faz com que a imaturidade persista e se mantenha, visa esconder “a parte mais autêntica e profunda da personalidade (isto é, a depressão) através de um sistema de para-excitação, ” há assim uma regressão oral-narcísica onde se cria ilusão fusional. A imaturidade visível, nestes indivíduos, é marcada por uma regressão e uma negação da realidade e das frustrações e um foque acentuado na procura do prazer.

Visto o que foi dito anteriormente, o adolescente está mais susceptível e disposto a aceitar algo que o faça sentir melhor. Ao começar a entrar no “ciclo vicioso da droga” começa a haver um desapego face ao real pois este é encarado como gerador de sofrimento, não se concluindo os processos de luto que conferem estruturalidade e organização psíquica, perpetuando-se a não formação de uma verdadeira identidade, pois este continua fundido não com o objecto original mas com uma substituição “doentia” deste.

Neste sentido, falta no toxicodependente essa capacidade de transformação, o que faz pensar que a sua capacidade criativa está comprometida, como se a sua patologia estivesse ligada a uma patologia psicossomática. Fleming (2003) afirma que a dor leva o sujeito a um sentimento total de desamparo. “A dor rompe a unidade, rompe o ritmo habitual da existência, produz a descontinuidade...neste sentido arranca o homem de si mesmo” (p. 21-22).

O funcionamento mental humano é construído alicerçado nos sentimentos de prazer, amor e também na dor. Fleming (2003, p. 15), “a dor mental...é dominadora e cruel...para o qual o paciente só vislumbra uma saída onnipotente: antes morrer do que continuar a sofrer, e esta morte pode ser a morte psíquica ou a loucura”. Para a autora, a dor foi simbolizada pelo homem para transformar as suas experiências geradoras de sofrimento e poder assim suporta-las.

A autora (Fleming, 2003), refere que o toxicodependente tem dificuldade em estabelecer uma relação com a sua dor, uma vez que, para se relacionar com algo, é preciso conhecer e dar-lhe sentido, e só se dá sentido a algo quando se pensa sobre. Assim, como recusa pensar sobre o seu sofrimento, o toxicodependente vai alimentando a falta de sentido que a sua dor tem, tornando-a insuportável, o que provoca um movimento frenético em busca de algo que o alivie.

Para a Fleming (2003), o limite da sensibilidade de cada sujeito é singular, cada indivíduo responde à sua dor influenciado por variações condicionadas pelas experiências de vida que são elaboradas e simbolizadas através das influências do meio onde o sujeito desenvolve o seu funcionamento psíquico.

Com base na afirmação da autora, pode dizer-se que o toxicodependente tem dificuldade em estabelecer uma relação com a sua dor, uma vez que, para se relacionar com algo é preciso conhecer-lhe e dar-lhe sentido, e só damos sentido a algo se

pensamos sobre ele. Assim como recusa o pensar sobre o seu sofrimento o toxicodependente vai alimentando a falta de sentido que sua dor tem, tornando-a insuportável, o que provoca um movimento frenético em busca de algo que alivie esse desespero.

Seguindo o pensamento da autora, cada indivíduo vai lidar com a dor conforme a sua estrutura mental, todos os seres humanos possuem o dispositivo mental para identificar a dor, Botella refere que, “num dos extremos do corpo libidinal portador de um sentido simbólico e no outro um corpo deslibinizado sem simbolismo algum.” (p.32)

Referindo a autora, Weiss (1934), definiu a dor mental como sendo um sentimento experienciado na ocorrência de um dano narcísico no interior do ego. Assim, a dor desperta o ego para uma perda de um objecto externo, afectivo e permanente.

Fleming baseada na teoria de Freud, afirma que a dor “força as redes de barreira de contacto... baixa os desnivelamentos entre os subsistemas psíquicos, tende a difundir-se em todas as direcções ... e o eu não existe mais enquanto Eu” (Fleming, 2003, p. 37).

A autora afirma que Freud considera que o prazer desperta a atracção pela imagem do objecto que causa ou causou prazer, “a experiência da dor leva a uma repulsa, a uma aversão por manter catexizada a imagem mnésica hostil. Eis aqui a atracção de desejo primária e a defesa primária.” (cit. Fleming, 2003, p. 43).

O ambiente deve ser condutor de cuidados no desenvolvimento do indivíduo. O sentimento de desamparo no bebé faz com que o bebé procure o objecto para não o perder, o que demonstra o primeiro sentimento de dependência humana. Quando este sentimento de desamparo não encontra objecto para diminuir a sua angústia, o sujeito pode agarrar-se a outros objectos, tornando-se dependente dos objectos que apresentam possibilidade de diminuir sua angústia.

A psicanálise freudiana vai preocupar-se com a neurose, mas aprofunda os seus estudos na angústia, onde descreve o funcionamento humano baseado em dois princípios: o do prazer e o da realidade. Neste sentido, podemos afirmar que esta teoria defende a ideia da presença/ausência da mãe vivida pelo bebé: “a situação que ele sente a ausência da mãe como mal compreendida, não é para ele uma situação de perigo, mas uma situação traumática, nesse momento ele sente uma necessidade que a mãe o deveria satisfazer, as situações de satisfação repetidas criaram este sentimento, a mãe que é alvo

no caso de necessidade de um investimento intenso e que se poderá chamar de nostálgico. É a este novo estado de coisas que é preciso trazer, para a compreender, a situação da dor.” (Fleming, 2003, p. 52).

A autora concorda com a ideia de Amaral Dias, quando este diz que “O problema da separação é iludido por Klein” (Dias, 1991). A teoria kleiniana defende que a dor é uma ansiedade sinalizadora que se torna inacessível e incompreensível. Segundo esta teoria, o objecto deve ser ao mesmo tempo gratificador e frustrador e possuir sentimentos como o amor, o ódio, o rancor, a ingratidão, a inveja, a culpa, etc. Mas o bebé tem necessidade de ver o amor na figura materna, assim defende que é fundamental para uma boa estruturação do sujeito, a introjecção do bom objecto.

Ainda baseada nos conceitos kleinianos, as defesas contra o sofrimento podem manifestar-se como tolerância a dor, reparando o dano causado pelos objectos parentais, mas se não for tolerado, o sujeito escolhe a defesa através da negação maníaca que anestesia a dor. Desta forma, podemos afirmar que a dor do toxicod dependente é uma defesa maníaca.

A diferença entre Freud e Klein na definição de dor mental, está no ponto onde o primeiro defende que a dor se desenvolve alicerçada no sentimento de desamparo e a segunda acredita que a dor é consequência do medo de aniquilamento, “o medo de deixar de ser”. Assim para Freud a dor está relacionada com o sentimento de perda, de separação. E Klein defende que a dor tem origem no pensamento consciente “de estar separado e de ser diferente do objecto primário que se depende, é a descontinuidade entre a pulsão e o objecto que provoca a frustração dolorosa.” (p. 66).

Fleming explica que Bion defende que a dor mental é uma das funções da personalidade, o funcionamento mental é composto por uma quantidade de dor tolerável. Mas o excesso de sofrimento mental desperta mecanismos de defesa que fazem com que o sujeito perca a aptidão para as experiências emocionais.

Sequeira (2006), considera que “a experiência de ingestão de drogas reflecte sérias dificuldades ao nível da capacidade de pensar e elaborar o afecto...

A capacidade de tolerar a frustração, portanto, possibilita que o psiquismo desenvolva o pensamento, como um meio através do qual a frustração que for tolerada se tornará mais tolerável.” (p. 112) Assim, a incapacidade de tolerância a frustração conduz o sujeito para uma fuga à dor causada pela frustração.

Para Sequeira (2006, p.118), esta dor está na origem daquilo que o sujeito procura. “A palavra heroína foi forjada a partir dos seus efeitos sobre as dores heróicas, isto é, mais intensas.”, o dependente de heroína está então a aliviar uma dor que sempre existiu nele, uma dor heróica, intensa e duradoura, dor que pode levá-lo a desintegração. A dor do desamparo que leva a toxicodpendência “tem como característica necessária, uma dor, que foi ignorada, recalcada, indivizível, não simbolizável.” O sujeito tenta sempre afirmar o seu desejo de ideal no objecto negativo, negando a existência de um objecto materno considerado bom.

O Espaço Terapêutico na Toxicodpendência – Reparação do Mundo Interno

“... ”

Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê
Que nasce não sei onde
Que vem não sei como
E que dói não sei porquê.”

*(Busque Amor novas artes, novo engenho,
Luíz Vaz de Camões)*

A toxicodpendência é gerada por sentimentos sem sentido, para a sua prevenção em todos os níveis é preciso possibilitar ao sujeito uma simbolização para estes sentimentos.

Para Morel (1977), “A obsessão quotidiana, desde o acordar, transforma-se na privação: não é somente uma dor, é também uma perda da sensação de ser, uma prova radical na sua relação consigo e com os outros.” È necessário reestruturar toda a existência psicossocial. Onde deve ser promovido o bem-estar e a capacidade de alcançá-lo sem o consumo de drogas.

Segundo Dias (1979, p.56), na prevenção primária, a simbolização é possível através da recriação das “defesas naturais do grupo social, que engloba família, escola, etc.”; a prevenção secundária, a simbolização está ligada a consciencialização de que “ a droga é um sintoma, entre outros, do mal-estar e da depressão... o tratamento individual deve sobretudo restabelecer as possibilidades de crescimento.”; e a prevenção terciária

requer “uma reinserção durante a cura e pós-cura nas estruturas sociais e sócio-afectivas às quais o drogado pertence.”

Dias (1979), afirma que as comunidades são lugares privilegiados para estudar a resolução de problemas nos quais os grupos humanos são confrontados.” Há nestes espaços investimento nas virtudes, capacidades e limites do grupo (p. 113).

Sissa (1997) afirma que para a filosofia, a recuperação do sujeito que vive em função da busca do prazer como alívio da dor, só pode existir através da vida intelectual. “Se nos desviarmos do interesse pelas coisas apetitosas, se convertermos esse desejo em desejo de saber, descobrimos a possibilidade de possuir duradouramente um objecto, de aceder a plena propriedade e fruição.” (p. 118).

Segundo a autora o saber leva ao sentimento de hedonismo que faz o sujeito desenvolver-se com autonomia, dispensando assim a dependência do objecto.

Segundo Jaques (1999), o psicanalista tem como obrigação libertar o toxicodependente, esta libertação não diz respeito ao libertar do acto de consumir, pois esse actua como medicamento e a seguir sintoma. Salienta que devemos pensar no efeito da droga “sobre a libido, sobre a expressão da linguagem e sobre a produção dos sonhos” (p.210).

Farate (2001), defende que a intervenção na adolescência é o eixo de toda intervenção reparadora. Por acreditar que o sofrimento relacional depressivo é interiorizado na adolescência e por ser este sofrimento que predispõe o primeiro consumo. E intervenção deve ser multifocal, onde estarão envolvidos um grupo de profissionais, com formações diversificadas, a realizar um trabalho em grupo “integrado e compreensivo. Os profissionais agem partilhando seus conhecimentos com o intuito de encontrar uma resposta “aos desafios teóricos e práticos” (p. 336).

O autor propõe que seja dedicada uma atenção especial nas dificuldades de adaptação do adolescente. Mas para um resultado nos tratamentos é necessário que seja o toxicodependente a ter o desejo e a iniciativa de procurar ajuda nos órgãos competentes.

Para Pinto-Coelho (2001), um programa de tratamento de heroinómanos deve preocupar-se em desenvolver no indivíduo a capacidade de administrar o seu tempo livre, a capacidade de manter relações gratificantes com familiares e amigos que não se droguem, mostrando-lhe sempre que “o herói é ele, não a heroína”. Destaca que a maioria busca tratamento por três motivos principais: a falta do efeito da heroína

produzido anteriormente; a falta de recursos financeiros para manter o consumo; e a carência da droga no mercado. Os factores importantes para o tratamento são “uma boa motivação; um bom suporte familiar; estar ocupado com um emprego; e estar activamente envolvido em relações com profissionais da saúde” (p.67).

Amaral Dias, afirma que não há possibilidade de tratamento da dor sem que o sujeito sinta a própria dor. Reconhecer a dor é senti-la, é dar-lhe sentido.

Portanto, a relação que o sujeito tem com a droga é como se esta fosse outra pessoa, criando uma intimidade forte devido a ser com ela que começaram suas fantasias, onde tudo que causa dor deixou de existir momentaneamente. (cit. Pinto-Coelho, p. 213).

Fleming (2001, p. 86), acredita que há “necessidade de implementar a abordagem e intervenção nas famílias dos consumidores de droga... são de privilegiar as Terapias familiares que se fundamentam no modelo estrutural. Angel (2002), afirma que o tratamento só terá eficácia se assentar no pedido subjectivo do próprio toxicodependente, mesmo em situações prisionais, é necessário estabelecer uma relação terapêutica onde o interesse inicial deve partir do toxicodependente.

Segundo Patrício (2002), o tratamento de dependentes de heroína é difícil, uma vez que não basta a desintoxicação física, é também necessário encontrar meios de libertação da dependência psicológica, que possibilitará uma reaprendizagem de como viver em harmonia e equilíbrio, para resgatar os sonhos, os desejos, os interesses e os prazeres abandonados anteriormente.

Fleming (2003, p. 14), acredita que para tratar o toxicodependente é necessário acima de tudo estabelecer “uma relação humana continuada”, esta relação vai proporcionar harmonia interna ao sujeito, já que o toxicodependente tem a tendência de rejeitar a relação humana, demonstrando que não precisa desta através das suas faltas as sessões psicoterapêuticas e vai de encontro a “pseudorelações amorosas, esporádicas e vazias”.

Esta técnica tem como base o desalojar o toxicodependente da posição narcísica que se mantém, quebrar os mecanismos de defesas de grande poder, como a arrogância, o desprezo, a negação, a fuga à realidade. Além disso a relação com o psicoterapeuta deve ser construída através da transferência e contratransferência. O toxicodependente vai assim entregar-se ao terapeuta de forma a possibilitar a si próprio uma nova oportunidade de estabelecer relações afectivas com o outro, com o meio e consigo

próprio. Portanto, analisar é “coser através da linguagem simbólica o que se rompeu no tecido de um corpo à procura de ser contido e investido afectivamente. E assim, o informúlável da dor estranha (que não encontra pensamento) pode ser formulado e integrado num registo do pensável.” Fleming, (2003, p. 26). Dando sentido à dor do analisando e promovendo no indivíduo o acolhimento para suportar e pensar na sua dor. “O símbolo age com eficácia sobre a dor.”

Na psicanálise, “Freud e Breuer acrescentam uma outra lógica, a lógica do inconsciente, a ordem da lógica simbólica, a partir da qual os fenómenos da dor também têm de ser observados...” (p.27)

Segundo a autora, o amor é contrário à dor. O primeiro produz som e gera a palavra; a dor não tem cordas vocais, não produz símbolo. A dor é inibidora, “paralisa o pensamento. Quando a dor é grande, o pensamento não é realizado... A dor embarga a voz, dilacera e não encontra palavras para se dizer.” (p. 28)

O toxicodependente funciona com base nos seus desejos primários e nas defesas primárias, que justificam a sua imaturidade emocional, que permite que as suas defesas primárias tenham intensidade proporcional à sua dor. Para Freud, “a experiência biológica ensinará, então, a iniciar a descarga antes da chegada da indicação da realidade e, tendo essa finalidade em vista, a não levar a catexia das lembranças desejadas além de certa medida.” (in cit., 43).

Fleming esclarece que Bion defende a possibilidade de transformação através do desenvolvimento da capacidade de pensamento verbal onde o sujeito pode reestruturar o Ego. Esta capacidade de pensar é desenvolvida através da relação psicanalítica, onde a Identificação Projectiva agirá de forma contrária para que os fragmentos do ego possam novamente ser controlados.

Para Bion o objecto materno tem a função de continente, esta função proporcionará ao bebé o desenvolvimento da capacidade para suportar os seus conteúdos psíquicos principalmente seus sentimentos de dor. Assim o analista deve ser capaz de “aceitar conter e transformar os conteúdos expelidos por Identificação Projectiva.” (p. 72). O sujeito terá oportunidade experienciar o elo de ligação com o objecto materno através da capacidade do analista de “receber as identificações projectivas do paciente.” E assim como um continente possibilita ao sujeito a aquisição da tolerância à dor “para que esta possa ser sofrida e pensada.” (p. 73).

Para Sommer (2004), é importante que os técnicos que apoiam os toxicómanos “possam oferecer uma imagem consistente de si”, (p.109). Isso pode influenciar o toxicodependente a desejar cuidar e mudar a sua imagem de toxicodependente.

MÉTODOS

Caracterização da Instituição

Na Equipa de Tratamento do Restelo, local em que estagiei e onde acompanhei os dois pacientes mencionados nesta dissertação, pode-se observar, participar e acompanhar os utentes em simultâneo com todo o funcionamento estrutural da instituição. Assim, os técnicos psicossociais que participam, colaboram e integram as equipas, são o primeiro contacto humano dos utentes e que com eles primam.

São estes técnicos que levam pela primeira vez às reuniões de equipa, que decorrem semanalmente, as triagens efectuadas, e que dão conhecimento a todos os técnicos os casos ocorridos.

O acompanhamento psicológico que é realizado aos utentes passa por explorar os motivos da vinda à instituição. Estes acompanhamentos processam-se por uma análise da trajectória de vida familiar, particular, dos consumos de substâncias, bem como as doenças associadas à toxicodependência ou outras já existentes.

Os médicos desenvolvem e articulam o seu trabalho com a restante equipa, dando soluções de tratamento adequadas ao utente, bem como observando o estado clínico fisiológico e mental dos pacientes.

A Assistência Social efectuada a cada utente, tem em vista as necessidades básicas de cada indivíduo. Esta avaliação é realizada com o objectivo de encontrar a melhor solução para cada indivíduo, de forma a proporcionar uma elevada recuperação, reabilitação e reinserção na sociedade.

Algumas das técnicas utilizadas, passam por terapias individuais ou familiares, de acordo com as necessidades de cada utente. Por exemplo, as «tomas» de metadona também são uma das alternativas existentes. Neste caso, os utentes em substituição opiácea vão diariamente receber tratamento (podendo ou não efectuar análises no acto da toma).

Estudo de caso

Escolhi como método deste meu trabalho o estudo de caso. Esta é uma metodologia qualitativa, adequada ao estudo de determinadas problemáticas, em que as medidas quantitativas não são, por si só, suficientes para a elaboração de uma descrição e interpretação de todos os factos envolvidos.

Por estudo de caso entende-se, uma exploração que pretende dar sentido e resposta a um determinado fenómeno, com a hipótese de utilização de várias ferramentas de recolha de dados, como entrevistas, observações, documentos e artefactos. Pretende-se com isto, atingir uma descrição e análise profunda do acontecimento em questão, ao qual o investigador terá de ter acesso directo (Yin, 1984).

Recorri então ao estudo de caso como método de pesquisa, por achar ser aquele que me daria uma maior liberdade, que julgo ser indispensável, na investigação de tão complexo fenómeno, como a toxicodependência e fuga à dor.

Apresentação dos Casos

Caso 1

Data de nascimento: 25/10/1972

O estudo de caso que me proponho analisar é o de José, de 35 anos.

O José foi seguido pela Equipa de Tratamento (ET) do Restelo desde 1993. Por esta altura, vem ao serviço, no seguimento de uma desintoxicação levada a cabo na Unidade de Internamento do Centro das Taipas. O José inicia então uma terapia individual. José tem uma irmã mais nova que é alcoólica.

Por volta dos dezasseis anos, José consumia álcool, haxixe e inicia-se com consumos esporádicos de heroína. A dependência desta última fica consumada dois anos após os primeiros consumos, aos dezoito anos.

Ao longo deste percurso, a ET do Restelo foi o principal recurso usado pelo José sempre que necessitava; a terapeuta individual do José foi mudando ao longo dos anos.

Esteve também dois meses na Comunidade Terapêutica do Restelo.

Atentando ao seu historial médico, contam-se alguns internamentos, consequência das doenças que passo a enumerar: hepatite C e Tuberculose.

Antes de iniciar individualmente o acompanhamento do caso, já tinha observado de forma não participante, algumas consultas realizadas pela Dr.^a Isabel Prata, sua terapeuta de referência.

Neste seguimento, a pedido da Dr.^a Isabel Prata comecei a acompanhar o José. Antes da primeira consulta se realizar, a Dr.^a falou com o José na minha presença, relativamente ao facto de começar a ser seguido por mim, algo que ele, prontamente consentiu.

Caso 2

Data de nascimento: 15/03/1975

O estudo de caso que me proponho analisar é o de Rui, de 33 anos.

O Rui foi seguido pela Equipa de Tratamento (ET) do Restelo desde 1991. Por esta altura, vem ao serviço, com a intenção de entrar para o programa de metadona. O Rui inicia então uma terapia individual.

Por volta dos treze anos, o Rui consumia haxixe e tem o primeiro consumo de heroína. A dependência desta última fica consumada três anos após os primeiros consumos, aos dezasseis anos.

O pai do Rui, quando este ainda era bebé, abandonou-o a ele e à sua mãe.

Ao longo deste percurso, a ET do Restelo foi o principal recurso usado pelo Rui sempre que necessitava; a terapeuta individual do Rui foi mudando ao longo dos anos.

Antes de iniciar individualmente o acompanhamento do caso, já tinha observado de forma não participante uma consulta realizada pela Dr.^a Isabel Prata, sua terapeuta de referência.

Neste seguimento, a pedido da Dra. Isabel Prata, comecei a acompanhar o Rui. Antes da primeira consulta se realizar, a Dr.^a falou com o Rui na minha presença relativamente ao facto de começar a ser seguido por mim, ao que ele prontamente consentiu.

RESULTADOS

Caso 1

1ª Consulta (27/02/08)

O José chega à consulta com uma aparência cuidada e apesar de ter uma ar cansado, apresenta-se sorridente e bem disposto.

Começa por referir que na noite anterior à consulta não dormiu, visto ter ido sair com uma pessoa que, como ele diz, “não é bem amigo, é mais conhecido”. José conta-me que conheceu essa pessoa, o Alberto, numa casa de fados, local que ele aprecia bastante. Ele demonstra estar impressionado com as capacidades comunicativas e com as experiências de vida do Alberto.

De seguida, fala um pouco sobre a sua primeira experiência com drogas, afirmando que era muito novo e que encarou essa experiência como sendo uma brincadeira. Fala na sua abstinência nos últimos anos, que tem sido, segundo ele, constantemente interrompida numa altura específica do ano, sempre entre os meses de Outubro e Novembro. José não encontra explicação para o sucedido. Embora não tenha nenhum facto que indique a possível causa destes acontecimentos, sabe-se à partida, que esta é sempre uma altura propícia a mudanças, dadas as alterações climáticas que se registam, às quais algumas pessoas são sensíveis. Embora isto seja um pouco rebuscado, foi a explicação mais lógica que consegui encontrar para este acontecimento na vida do José.

José diz que quer conhecer pessoas novas, pessoas com quem consiga ter uma boa conversa e com quem consiga partilhar experiências de vida, mas refere que “não pode abusar”. Ele explica que se entrega demasiado às pessoas, que por vezes se prejudica para que os outros estejam bem. Fala da sua experiência na Comunidade Terapêutica do Restelo e em como era criticado, tanto por técnicos como por residentes, devido a essas suas atitudes. Aqui fica clara uma enorme necessidade que o José sente de ser aceite, de sentir que aqueles que o rodeiam gostam e requisitam a sua presença. Isso fica ainda mais evidente quando ele adopta uma postura sedutora em relação a mim, afirmando que queria ter mais amigos como eu, com o meu “estilo” (linha_). Ele

tenta, dessa forma, despertar em mim, sentimentos de aceitação. Tenta mesmo criar mais proximidade ao tratar-me por tu.

Passa de seguida a falar dos amigos, ou neste caso, segundo ele, da falta deles. Ele afirma que conhece muita gente, conhece gente em todo o lado, mas que não tem, nenhum amigo verdadeiro. Faz referência aos seus amigos de infância e como perdeu o contacto com todos eles, em alguns casos ao saberem do seu consumo de drogas e outros, pois “têm a vida feita”. Aqui denota-se no José, uma clara sensação de inferioridade em relação, não só aos seus amigos, mas às pessoas em geral, que são casados, têm filhos e um emprego.

Segue-se uma altura em que o José demonstra uma enorme revolta, pois segundo ele, teve à sua disposição inúmeras oportunidades que não soube aproveitar, que o poderiam ter levado a viver neste momento uma vida bastante melhor.

José aborda de seguida um episódio da sua vida em que revela a enorme angústia de separação que ele sente. Tinha uma relação com uma namorada, com quem partilhava uma casa, que durava há dois anos e quando sentiu que a relação estava a ficar realmente séria, sem dizer nada à namorada, fugiu para Espanha, deixando-a até hoje sem nenhuma informação do sucedido. José tinha um enorme medo que a sua namorada o abandonasse, que desaparecesse e então ele antecipou-se e antes que ela o abandonasse, foi ele a abandonar.

Depois de falar um pouco sobre as características dos seus pais, José demonstra uma enorme culpabilidade em relação aos mesmos. Sente-se culpado por a vida dos seus pais não ser melhor e por lhes ter causado tanto sofrimento, tudo devido aos seus comportamentos desde que começou a consumir substâncias.

2ª Consulta (19/03/08)

José começa a falar da entrevista de trabalho que teve na semana anterior, no dia em que nós tínhamos consulta. Diz que correu muito bem e que ficou com a impressão de que as pessoas gostaram dele. Pensa que tem boas hipóteses de ficar com o emprego. Transmite-me depois, que na sua opinião, ter sido chamado para esta entrevista e tudo ter corrido tão bem, se deveu à nossa conversa na primeira consulta. Responsabilizou-me pela mudança, que segundo ele, já estava a ocorrer na sua vida. Tentei afastar um pouco essa sua idealização e tentei transferir essa responsabilização para ele próprio.

Voltou a falar nos seus amigos, de como todos já estão com a vida orientada e a maioria com mulher e filhos. Voltei a sentir que o José se sentia inferiorizado em relação aos amigos cada vez que falava neles. Fala também da família e aí começa pelos pais. Afirma que “choca” bastante com eles, pois estão sempre a lembrá-lo de situações da sua vida, em que ele errou e se prejudicou. O José diz que quando estão chateados com ele ou quando querem que faça algo, “mandam-lhe constantemente à cara” essas situações. Isso deixa-o bastante irritado e leva a muitas discussões, pois o José afirma que quando está “limpo” (como agora) não deixa que lhe “mandem nenhuma pedra”. De seguida, fala um pouco da irmã, com a qual se preocupa bastante. Esta preocupação deriva do facto de esta ser alcoólica e segundo ele, não estar a fazer nada para se tratar. Pelo contrário, fica todos os dias em casa a comer, a beber álcool e a dormir. Apesar de ter uma boa relação com ela, muitas vezes discutem, principalmente devido aos seus consumos de álcool.

Mais à frente fala do seu desejo de encontrar uma namorada. Não quer uma mulher qualquer, mas sim uma que preencha todos os requisitos que ele acha necessários para ser uma boa mulher. Por outro lado, tem algum receio de se magoar nessa possível relação, o que o faz por vezes, recuar um pouco. Apesar disso, José sente a necessidade de estar sempre com uma mulher, não se sente bem sozinho.

Por fim, acaba por falar de novo dos amigos. Refere que por vezes não se sente bem ao ir ter com eles, pois sente alguma inveja. Diz não ser uma “inveja negativa”, mas que tem esse sentimento, pois gostaria de ter “a vida organizada e encaminhada” como eles têm.

José chorou bastante durante esta consulta, principalmente quando falou dos seus amigos e da sua irmã.

3ª Consulta (09/04/08)

O José entretanto conseguiu arranjar emprego numa empresa de distribuição de material de construção. Tanto trabalha num armazém, como também conduz as carrinhas usadas na distribuição dos materiais. Faltou a uma consulta que tínhamos marcado. Telefonou no dia a avisar que não viria, pois tinha um trabalho na hora da consulta e pediu nova marcação.

Apareceu na consulta bastante bem disposto. Essa boa disposição devia-se ao seu novo emprego, com o qual estava bastante empolgado. Dizia estar tudo a correr bem

e a sua integração na equipa parecia estar a fazer-se de forma rápida. Estava contente, pois finalmente tinha uma rotina e estava a ganhar o dinheiro que tanto precisava. Necessitava desse dinheiro, pois tinha ainda bastantes dívidas a pagar aos seus pais e porque queria também tentar alugar uma casa. Esse era um objectivo que tinha, mas que achava ainda estar longe, pois primeiro queria saldar as dívidas e juntar algum dinheiro.

Mais à frente, acaba por referir que a sua semana não foi inteiramente positiva, pois aconteceu algo que o está a preocupar bastante. No regresso a casa, de uma das suas saídas à noite, foi mandado parar pela polícia e soprou o balão. O seu nível de alcoolemia era de 0,71. Isto estava a preocupa-lo bastante porque, para além da multa que teve de pagar, ainda corria o risco de ficar sem carta, o que poderia pôr em risco o seu emprego. Mostra-se bastante arrependido e mesmo frustrado, por ter causado esta situação. Na sequência desta conversa, José afirma que ainda lhe falta alguma coisa. Ele refere-se ao facto de ainda não conseguir ter um controlo absoluto nele próprio. Em determinadas situações, ainda não consegue dizer que não. Isso é algo que sente ser importante melhorar em si.

Mais uma vez, José chorou na consulta, desta vez quando se disse estar arrependido e sentir-se culpado pela multa que teve de pagar.

4ª Consulta (28/04/08)

Nesta consulta, José começa por falar da sua relação actual com os seus pais. Ele afirma que eles (principalmente a sua mãe) têm falado consigo de forma muito bruta e que estão bastante desconfiados que voltou a consumir (ele diz que continua “limpo”). Desta desconfiança, resulta um enorme controlo de tudo aquilo que o José faz, de todas as suas acções. José diz não achar justo, agora que está “limpo” receber um tratamento por parte dos seus pais, mais desconfiado e mais severo do que quando estava a consumir.

A sua irmã aparece de novo no seu discurso. José está preocupado, pois ela continua sem trabalho, sem nenhuma ocupação e sem iniciativa para tratar do seu problema com o álcool. Ele tem falado muito com a irmã e na altura em que estão a falar, ela parece estar bastante atenta e a concordar com tudo o que José diz, mas depois acaba por não seguir nenhum dos seus conselhos, o que o deixa bastante triste e preocupado.

Algo que também o tem preocupado são as dívidas que tem. Estas dívidas são principalmente aos seus pais, o que o deixa bastante irritado, pois eles estão constantemente a “mandar-lhe isso à cara”. É algo que ele quer resolver o mais rápido possível, mas diz ser difícil nesta altura, pois o seu ordenado, apesar de ser bom, não é muito avultado.

Por fim, quando lhe dei a data da próxima consulta, José diz ter de arranjar uma estratégia para vir às nossas consultas, sem que os seus colegas de trabalho e patrão saibam que ele vem ao CAT. Não se sente ainda à vontade e pensa não ser uma boa altura para contar às pessoas que teve toda uma vida de consumo de drogas e que está neste momento a tentar tratar-se. Eu transmiti-lhe que teria de ser apenas ele a tomar essa decisão e a arranjar uma solução para esse seu problema.

5ª Consulta (05/05/08)

José aparece nesta consulta com um ar um pouco abatido e desgastado.

Começa por dizer que tem andado bastante cansado. Pensa que este cansaço é algo pelo qual costuma passar quando passa por esta fase da sua recuperação. Das outras vezes que teve sem consumir e chegou aos três, quatro meses (em que já se encontra sem consumir) começa a ficar bastante cansado. Ele atribui grande parte deste cansaço também ao trabalho. José já há muito tempo que não trabalhava e não tinha de se levantar todos os dias tão cedo. Para além de ter de se levantar cedo, também afirma que tem saído bastante à noite, principalmente à sexta e ao sábado e sempre até bastante tarde, o que também tem contribuído para este cansaço.

O José hoje também chegou bastante cedo para a consulta. Diz que isso foi por ter trazido a carrinha da empresa o que o deixou contente. Ficou contente, pois acha que o facto de terem deixado que trouxesse a carrinha, demonstra que têm cada vez mais confiança em si. Chegou mais cedo também, porque neste momento quer fazer tudo bem, para não dar quaisquer motivos aos seus pais para lhe “apontarem o dedo”. Afirma que é mais a sua mãe que mais lhe chama a atenção e mais discute com ele. O seu pai, desde que ele não lhe peça nada, está sempre tudo bem. Apesar disso, diz que a sua mãe é bastante importante para si. É um enorme suporte na sua vida, ao qual ele recorre sempre que algo não lhe corre bem. A sua mãe é “algo que não lhe pode faltar”, principalmente nesta fase de recuperação, pois se isso acontece, ele sente-se “desequilibrado”.

Volta a falar da sua irmã, que está neste momento a tentar mudar-se para um quarto alugado, o que o deixa preocupado. Se ela em casa dos pais já não fazia nada, sozinha será então, na opinião do José, bastante pior.

Mais à frente, reafirma a sua vontade de arranjar uma mulher com quem possa partilhar uma casa e constituir família. Lamenta as oportunidades que já perdeu para que isso se pudesse concretizar, que segundo ele, já foram duas. Quando esteve a viver com a Antonieta e desapareceu para Espanha e também quando namorou um tempo considerável com uma rapariga chamada Paula. Estas eram duas pessoas que, segundo ele, podiam tê-lo feito bastante feliz e que se arrepende da forma como agiu com ambas. Apesar disso, afirma que a única vez que esteve realmente apaixonado, foi quando tinha catorze anos e teve uma namorada de dezassete, que se chamava Catarina. Muitas vezes dá por ele ainda a pensar nessa relação e nessa rapariga que nunca mais viu.

Fala de novo dos seus pais e de como, mesmo com algumas discussões, o dia-a-dia em sua casa começa a ficar cada vez mais calmo.

Lamenta, todas as oportunidades (que segundo ele foram muitas) que foi desperdiçando ao longo dos tempos. Ele não consegue arranjar uma razão, para além dos seus consumos, para explicar esta situação que se repetiu tantas vezes.

Acaba por me falar da solução que encontrou para não ter de dizer aos colegas e ao patrão que vinha às consultas comigo no CAT. Disse então, que iria à Cidade Universitária arranjar os seus dentes. Desta forma, pedia para sair um pouco mais cedo para almoço, o que lhe daria tempo para vir às consultas. Afirmou que começaria a ser mais difícil vir todas as semanas às consultas.

6ª Consulta (26/05/08)

O José chega a esta segunda consulta com bastantes queixas da mãe. Afirma que ela o trata como uma criança e que aproveita todos os pormenores, mesmo aqueles, que segundo ele, não têm relevância, para o chatear e para controlar tudo o que faz, o que leva a algumas discussões. Numa dessas discussões, José diz ter exagerado, dizendo coisas que logo a seguir se arrependeu. Ele sentia-se bastante culpado pelas coisas que disse à mãe, ao ponto de não querer falar sobre pormenores da situação durante a consulta.

Revelou ter sentido uma enorme ansiedade e vontade que chegasse o dia da consulta, pois queria falar comigo sobre algo que o tinha preocupado. Ao passar por sítios onde antigamente ia buscar as suas doses e onde chegava mesmo a consumir, teve pensamentos sobre consumos. Isto revela a enorme insegurança que o José ainda sente, em relação à manutenção da sua abstinência e ao cumprimento dos objectivos que traçou para esta fase da sua vida.

Sente que houve uma mudança nele nestes últimos tempos, na forma como se relaciona com as pessoas que o rodeiam. Diz que, como lhe diziam na Comunidade, já pensa primeiro nele próprio e só depois nos outros, não parece sentir tanta necessidade de agradar aos outros e de ser aceite como tinha. O facto de ter começado a trabalhar pode ter contribuído para esta mudança. Este emprego foi um motivo de orgulho para ele e como tal veio fazer suscitar o seu amor-próprio. O José quer sentir segurança por parte dos outros, a segurança que não tem nele próprio, ou seja, procura-a no exterior. Assim, essa sua necessidade diminuiu e o José conseguiu sentir-se confortável com aquilo que os outros pensavam dele nesse momento.

No fim da consulta o José volta a falar nas discussões que ultimamente tem tido com a mãe, afirmando que iria tentar falar com ela sobre isso.

7ª Consulta (18/06/08)

Nesta sessão começasse a notar algo de diferente no José, uma mudança, tanto da sua atitude nas consultas, como na predisposição que demonstra para comparecer às mesmas. José parece entrar numa fase de fuga a este nosso espaço terapêutico. De início chegava sempre a horas, era muito raro faltar e quando faltava avisava no próprio dia e normalmente até antes da hora marcada. A partir deste momento, quando vem, por vezes chega atrasado, começa a faltar com bastante mais frequência e quando o faz, muito raramente avisa. Parece tentar manter uma postura mais distante, mais defensiva e menos emocional durante as consultas. Ele parece querer fechar a porta para o seu “mundo”, que anteriormente, parecia deliberadamente escancarada. Começamos por falar desse seu desaparecimento, que justifica com o aumento da desconfiança dos seus colegas de trabalho e da sua patroa em relação às suas idas ao dentista (que na realidade, eram estas nossas consultas) e como tal, não poderia vir tão frequentemente às consultas. Esta justificação, embora possa fazer algum sentido e tenha alguma relevância, não me parece ser a principal razão para este seu súbito desaparecimento, opinião que lhe transmito. O José parece estar em fuga, visto ter chegado a uma altura

em que a nossa relação se estava a tornar realmente importante para ele. Este tem sido o seu registo, tanto nas suas relações terapêuticas como nas suas relações amorosas, quando chegam a esta fase mais profunda, ele começa a desaparecer. Isto parece-me dever-se à enorme angústia de separação/medo da perda do objecto, que o José revela em todas as suas relações. Ele revela uma angústia tão grande perante a possibilidade de ser abandonado que, antes que isso possa acontecer, ele próprio abandona a outra pessoa envolvida na relação, ele próprio se põe em fuga. Esta é também uma reflexão que lhe transmito.

De seguida, afirma que o ambiente em casa está melhor, que a mãe já não o chateia tanto e que tem uma nova forma de organizar o seu dia. Depois do trabalho já não vai para o café beber imperiais. Em vez disso, vai para casa ver o Euro e afirma também não sair tanto como costumava, agora só sai ao fim-de-semana. Diz que esta mudança se deve principalmente a razões monetárias, mas também, por as pessoas que ele encontrava no café, não lhe interessarem.

Começamos então, a falar sobre os seus amigos e o José afirma que estes já têm todos, as suas vidas organizadas e que ele sente falta de ter amigos. Fala do Alberto (amigo de quem ele tinha falado anteriormente), com o qual ele tem saído muito ultimamente. Sente-se então algo culpado com estas suas saídas, pois tem gasto muito dinheiro, dinheiro esse, que diz poder ser melhor aproveitado para outros fins. Parece faltar algum controlo ao José, visto que, mesmo pensando que não devia gastar tanto dinheiro durante as suas saídas, não consegue evitar fazê-lo.

Surge então na conversa, os pensamentos que o José tem (que já tinha referido numa consulta anterior) sobre consumos. Ele afirma continuar a ter por vezes esses pensamentos e que isso é algo que o incomoda, chegando a sentir-se assustado. Tenta transmitir que apesar disso se sente seguro sobre aquilo que quer e que não irá de forma nenhuma voltar a consumir. No entanto, estes seus pensamentos denotam, mais uma vez, uma enorme insegurança e fragilidade.

José fala então de algo que diz sentir falta, de uma mulher. Nessa sequência, diz que apesar de ter muito por onde escolher, não lhe parecer fácil conseguir encontrar a mulher que pretende, pois é muito esquisito e não quer qualquer uma, falando depois de características que gosta e que não gosta numa mulher. Refere também que foi a Leiria, local onde tem familiares e conheceu uma mulher pela qual ficou bastante interessado. Para ele, Elisabete (essa tal mulher), parece uma mulher diferente das outras que tem

conhecido ultimamente. Parece ter estabelecido uma “química”, principalmente devido ao tipo de conversas que teve com ela, segundo ele, bem mais profundas e com o intuito de se conhecerem melhor um ao outro. No entanto, não quer entusiasmar-se demasiado com essa perspectiva. Acaba por referir que, seria melhor gastar dinheiro numa ida a Leiria num fim-de-semana, do que numa saída à noite em Lisboa. Considera fazer isso futuramente.

8ª Consulta (30/06/08)

Nesta consulta, José começa por falar do seu trabalho que vai bastante bem. Já se sente bastante à vontade com todas as pessoas que trabalham consigo, mesmo com o seu patrão, que diz gostar cada vez mais dele. Sente-se também cada vez importante em termos profissionais, na empresa e aos olhos dos seus colegas.

A sua irmã vem de novo à conversa. Diz ter cada vez mais discussões com ela e que isso o está a deixar bastante incomodado. Essas discussões começam a acontecer cada vez depois de ela beber. Segundo o José, ela tem “mau vinho”, quando bebe começa a tratar mal toda a gente e tudo serve para dar início a uma discussão. José sente-se bastante mal pois gostaria de ajudar realmente a sua irmã.

Outra preocupação que tem no momento, são as suas “finanças”. Apesar de já estar a trabalhar há algum tempo, ainda não conseguiu pagar todas as dívidas que contraiu ao longo do tempo junto dos seus pais. Ele quer resolver isso o mais rápido possível para que os seus pais não lhe possam “atirar nada à cara”. Quer saldar essa dívida também para estar mais à vontade e poder mais vezes fazer algumas coisas que lhe dão prazer, como por exemplo, ir jantar fora.

Acaba a consulta a falar de alguma apatia que tem sentido. Já não costuma ir ao ginásio, apesar de achar que isso sempre lhe fez bem. Já teve dois convites para jogar regularmente futebol com alguns amigos, mas também ainda não tomou a iniciativa de aparecer, mesmo dizendo que é algo que lhe dá bastante prazer e que já não faz há muito tempo.

9ª Consulta (15/07/08)

Esta consulta começa, mais uma vez, com o José a dar o trabalho como justificação para a sua ausência nas últimas marcações acordadas por nós. Prossegue dizendo que o ambiente em sua casa está um pouco melhor pois a sua irmã saiu de casa e foi viver com um amigo. Nesta altura, fica com a atenção toda virada para si. José

sente-se aliviado, pois já não aguentava tantas discussões. Segundo ele, a sua irmã estava constantemente a discutir com os seus pais, algo que o deixava bastante desconfortável. Grande parte desse desconforto, devia-se ao facto de o José, mesmo sabendo que os seus pais tinham razão, não se pôr do seu lado, ficando antes numa posição neutra, não apoiando nem a sua irmã, nem os seus pais. Com esta posição, ele acabava por ficar no meio das duas partes. Ele poderia fazer isto, para não sentir a perda de nenhum dos lados. José refere que anteriormente, tentou muitas vezes, “pôr juízo na cabeça” da irmã, que segundo ele seria ela procurar emprego ou uma ocupação para si, mas ultimamente estava apenas preocupado em acabar com as discussões que se instalavam.

Mais à frente o José volta atrás e diz que pensando bem, não está tudo assim tão bem. Refere que está farto de viver em casa com os pais e que se sente cada vez mais controlado e o seu espaço a ser invadido (principalmente pela sua mãe). Dá um exemplo em que, um dia, quando estava no quarto, ligou a música um pouco mais alta (mas segundo ele, levantou muito pouco o som) e a sua mãe foi logo discutir com ele para que baixasse o som da música.

Fala então da sua solução ideal para resolver o problema, alugar uma casa e ir viver sozinho. Desde logo, põe a questão monetária como a sua principal dificuldade para conseguir fazer essa mudança na sua vida, mas desde logo percebi que esse não seria a sua maior barreira. Após algum tempo acaba por falar na toma do comprimido. É a mãe de José, que todos os dias o lembra de tomar o comprimido. Ele diz não ter a certeza de ser capaz de continuar a tomar o comprimido na ausência da sua mãe. José aqui demonstra a grande dependência que ainda tem dos seus pais, principalmente da sua mãe. Durante todos estes anos de consumos, os pais sempre estiveram presentes e sempre fizeram tudo pelo José, não deixando espaço para que ele fizesse algo por ele. Desta forma, agora quando o José se vê perante uma situação em que tem que agir por si, sente-se perdido, sem confiança, não sabendo como deve agir. Ele nesta situação é como uma criança que sempre andou de bicicleta com rodinhas pequenas e agora que quer andar sem essas mesmas rodas pequenas não se consegue equilibrar e cai da bicicleta.

10ª Consulta (29/07/08)

Mais uma vez, o José começa por dizer que não pôde vir na semana passada devido ao trabalho. Continua a falar no trabalho, dizendo que se sente bem com o facto de perceber que, cada vez mais, confiam em si. Mais à frente voltamos a falar da toma do comprimido, permanecendo nele as dúvidas, se conseguiria realmente tomar os comprimidos. Ele tenta justificar um pouco essa possível falha na toma dos comprimidos, com o seu regular esquecimento e distração, mas não me parece que seja essa a real razão. Parece-me que o José está realmente bastante dependente dos seus pais, visto estar habituado a que estes lhe façam tudo. Assim, quando se depara com uma situação em que tem que agir sozinho, fica confuso e não sabe o que fazer. Demonstra uma enorme falta de auto-confiança, o que leva a evitar a tomada de decisão e o assumir de uma responsabilidade, tentando sempre remete-la para outras pessoas, neste caso os seus pais. Nas consultas anteriores podemos ver que o José sente-se incomodado com a atitude evasiva da mãe, mas por outro lado, ele tenta, da mesma forma cultivar uma relação de dependência com esta, pois isso sempre fez parte da sua vida.

Faz de seguida referência a algo que eu lhe disse numa consulta passada: que ele era como uma criança a aprender a andar. Uma criança que ainda andava agarrada aos móveis e que tinha de ganhar coragem para tomar a iniciativa de tentar andar sozinha, sem apoios. Ele diz que quer começar então a andar por ele, que tem que agir e tomar a iniciativa. Tenta estabelecer uma relação de amparo, de modo a sentir alguma segurança que falta em si próprio. Para isso, aquilo que ele refere como importante na altura, será encontrar uma mulher, uma namorada. Afirma ter saído com muitas raparigas ultimamente e diz ter a certeza que muitas delas, certamente aceitariam namorar com ele. Perante este panorama, o José rejeita todas estas mulheres. Apesar de conhecer muitas e de já ter tido muitas relações, nenhuma é suficientemente boa para ele. Existe sempre algo que faz com que ele as rejeite. Durante esta parte da consulta, o José faz questão de enaltecer o facto de ter muitas mulheres interessadas nele. Acaba por ser uma tentativa de me demonstrar que ele é bastante concorrido pelas mulheres e que só não tem namorada porque não quer. Isto é algo que demonstra bem a infantilidade do José. No entanto nenhuma mulher lhe agrada, pois o espaço que esta poderia ocupar está reservado à sua mãe, não conseguindo assim dirigir-se para outro objecto. A relação com a mãe parece muito fusional, no decorrer das consultas, pouco ou nada falou do seu

pai, pois este parece ter uma relação bastante ausente, o que leva a crer que não se instaurou uma separação e um distanciamento face a esta, cultivando uma relação de dependência

Desde o início da consulta que o José me parecia ansioso, mas essa mesma ansiedade evidenciou-se ainda mais nesta fase da consulta. Eu perguntei-lhe então, a que se devia essa ansiedade. José revela então, que essa ansiedade se deve a esta ser a nossa última consulta. José fala então um pouco do que está a sentir em relação a isso. Refere ter sentimentos antagónicos. Sente-se feliz por eu começar uma fase nova da minha vida, que me poderá trazer coisas positivas. Por outro lado, sente-se triste pois, estava a gostar bastante das nossas conversas, que segundo ele, lhe fizeram bastante bem. Refere que, pela primeira vez, desde que começou a ter um acompanhamento psicológico, se sentiu à vontade para dizer tudo aquilo que estava a pensar e a sentir. Pela primeira vez não ficava nervoso numa consulta e não pensava em cada coisa que dizia. Diz que pode ter tido influência o facto de pela primeira vez ter consultas com um homem, mas que gostou bastante. Muitos elogios, muita idealização, um registo que o José revelou bastante nas nossas primeiras consultas e que com o passar do tempo foi perdendo. Pareceu-me que, nesta consulta o José recuou um pouco a esse registo, quase como numa tentativa final de evitar esta separação e este final de relação, algo que sempre o angustiou bastante.

Mais à frente eu revelo ao José que senti que ele teve duas fases diferentes durante as nossas consultas. Numa primeira, ele trazia realmente os seus sentimentos e pensamentos para as nossas consultas. Estava completamente disponível para partilhar comigo todas as suas experiências. Numa segunda fase, o José fez um desinvestimento nas nossas consultas, entrando mesmo em fuga. Tudo isto, aconteceu da mesma forma que em outras alturas da sua vida, em que o José estabeleceu relações importantes. Tudo isto, penso dever-se à enorme angústia de separação sentida pelo José. A angústia resultante da possibilidade da outra pessoa envolvida na relação é tão grande, que antes que isso aconteça, ele próprio, abandona a relação.

Acabo por referir que, provavelmente seria bom ele conseguir preservar alguma da disposição que demonstrou inicialmente comigo, agora nas consultas com a Dr. Isabel. Por fim despedimo-nos e o José pediu-me um abraço como tinha feito numa das nossas primeiras consultas. Desta vez aceitei com muito gosto o tal abraço.

Caso 2

1ª Consulta (10/03/08)

O Rui aparece nesta primeira consulta com um aspecto descuidado. Este aspecto descuidado estava tanto na roupa, que se encontrava torcida e mal arranjada, como também na sua barba por fazer e cabelo desmazelado.

Ele começa, a minha sugestão, a falar um pouco sobre si. Rui passou parte da sua infância (até aos oito anos) numa aldeia pequena no norte do país, vivendo com a sua madrinha e os seus avós. A sua mãe, cedo veio para Lisboa, pois encontrou um melhor emprego. Rui deixa bem claro que gostava bastante de viver na aldeia, pois podia brincar e correr à vontade. Refere que andava constantemente com a sua madrinha, que brincavam muito os dois. Quando tinha oito anos, a sua mãe foi buscá-lo e trouxe-o para Lisboa, para morar com ela. Rui refere que não gostou desta mudança, mas não disse nada à mãe em relação a isso. Rui, em momento nenhum falou com a mãe sobre esta sua vontade de continuar na aldeia.

Rui também refere que, outro factor que levou a sua mãe a vir para Lisboa, foi o desejo de viver com o seu padrasto. Ele passou então a viver com a mãe, o padrasto e o filho do seu padrasto. Começa de seguida a referir que o seu padrasto sempre o maltratou, especificando algumas das agressões de que foi alvo. Numa dessas vezes, segundo o Rui quase o matou. Diz ter sentido muita raiva em momentos como este, mas não apenas quando o padrasto o maltratava. Também sentia bastante raiva quando, segundo ele, o seu padrasto tratava o Rui e o seu filho, de formas completamente distintas. Para o seu filho comprava tudo novo e para o Rui só comprava coisas velhas e estragadas. Nunca batia no seu filho, mas agredia o Rui com grande frequência, chegando mesmo a agredi-lo, depois de o seu filho ter feito uma asneira. O Rui sentia-se fortemente injustiçado e bastante inferiorizado, por esta diferença de tratamento. Afirma que, apenas pensava em ter idade suficiente para se vingar e fugir. Quando chegou essa altura o Rui perdeu esse sentimento de vingança, dizendo não ter vontade de fazer nada ao seu padrasto a partir do momento em que deixou de viver com ele. Este reencontro seria tão doloroso, devido a tudo o que passou, a todos os mal tratos, que a estratégia que o Rui utilizou para fugir a esse confronto, foi a denegação de todas esses sentimentos de revolta e de vingança contra o seu padrasto. Desta forma, não sentiu a necessidade de confrontá-lo.

Mais à frente diz, depois de a sua mãe ter deixado o seu padrasto, ter ido viver com a sua madrinha e os seus avós, na casa destes. Gostava de lá morar, mas por vezes discutia com a sua madrinha. Segundo ele, isso devia-se a ciúmes que a sua madrinha sentia dele. Esses ciúmes, tinham origem no facto dos seus avós gostarem mais do Rui do que da sua madrinha (segundo ele). Isto acabava por gerar algumas discussões entre os dois.

Rui diz não sentir nada, quando pensa nas alturas em que o seu padrasto lhe batia. Este é mais um indicador da tendência do Rui para utilizar a denegação como mecanismo de defesa.

Para arranjar dinheiro para a droga, Rui costuma arrumar carros ou fazer pequenos roubos em supermercados. Entra de seguida num registo paranóide. Refere que não gosta que as pessoas fiquem a olhar para ele na rua. Sempre que vai na rua, sente as pessoas a olharem para ele e sabe que as pessoas pensam que ele anda na droga e que não presta. Quando tem que apanhar um autocarro, não espera na paragem, fica mais longe e só quando chega o autocarro se aproxima da paragem. Ele faz isto pois não quer que as pessoas fiquem a olhar para ele enquanto está na paragem. O Rui sente-se bastante excluído pelas outras pessoas, devido a este tipo de percepções. Ele expulsa do seu mundo interno partes desagradáveis, alojando-as nos outros.

2ª Consulta (8/04/08)

O Rui apresenta-se nesta consulta de forma semelhante à primeira.

Começa por afirmar que não se sente muito bem, pois tem andado bastante violento e furioso, principalmente depois de fumar heroína. Entretanto toca o telemóvel, o Rui pede licença e atende. Acaba o telefonema rapidamente e diz que era a namorada e que esta pensava que a consulta já tinha acabado e queria saber como tinha corrido. Durante todo este processo o Rui não mostrou qualquer constrangimento, revelando uma ausência de normas de comportamento em sociedade.

Fala de seguida que está a tomar conta da avó, que se encontra acamada devido a uma trombose. Ele tem evidenciado alguma violência com a sua avó, pois esta chama-o muitas vezes e quando ele lá chega não precisa de nada, o que o deixa bastante irritado. Refere também que tem tido discussões frequentes com a sua madrinha. O Rui afirma, que ela inventa coisas a seu respeito e conta mentiras para o prejudicar. Ele diz saber a razão dessas mesmas discussões, ciúmes. Mais uma vez, ele fala nos ciúmes que a sua

madrinha sente por ele. Fala então de um episódio em que a sua madrinha inventou que ele lhe tinha roubado dinheiro. Quando estas discussões surgem, o Rui tenta afastar-se, pois tem medo que um dia possa perder a cabeça e agredir a sua tia. Assume que já pensou em fazê-lo, mas que não é essa a sua intenção, pois ela é sua tia. O Rui tentou algumas vezes falar com a sua tia, mas esta vira-lhe as costas. Ele diz que ela tem essa atitude com outras pessoas e que pode vir a sofrer com essas reacções. Faz-lhe também confusão o facto de a sua madrinha não dar comida decente aos seus avós, segundo ele, para guardar o dinheiro que sobra para ela.

O Rui refere que estas discussões começaram quando, numa das muitas corridas que ele costumava fazer com a sua madrinha, quando ainda moravam na aldeia, ela ganhou, o que nunca tinha acontecido antes. A partir desse momento, segundo o Rui, tudo mudou e a sua madrinha começou a discutir muito mais com ele. Existe aqui claramente um ambiente de enorme competição entre o Rui e a sua madrinha. Esta competição acentua-se principalmente, na tentativa de captação da atenção das pessoas que os rodeiam.

3ª Consulta (15/04/08)

O Rui aparece na consulta algo revoltado, pois diz estar farto da vida que leva devido à droga. Afirma que quer começar uma vida nova e esquecer tudo o que passou desde que começou a consumir. Diz sentir-se um inútil, um coitado, que para arranjar dinheiro para a droga tem de roubar em casa ou em supermercados, mas nunca em casas de outras pessoas. Ele diz-se incapaz de roubar em casas de outras pessoas, porque se roubar alguma coisa da casa de um amigo, pode estragar a amizade. Não o faz também por não querer que as outras pessoas pensem mal dele. Mais uma vez, verifica-se que as noções de vida em sociedade do Rui estão bastante adulteradas. Ele em vez de não roubar na casa do amigo, pelo simples facto de ser amigo dele, não rouba pois ele pode ficar chateado com ele e estragar assim a amizade. Isto poderá dever-se ao facto de, em criança, nunca se ter instaurado nele as noções de correcto ou incorrecto, pois qualquer que fosse a sua postura, recebia sempre a mesma resposta por parte do padrasto, a agressão.

Assume que já foi duas vezes apanhado a roubar e não gostou dessa sensação porque sentiu as pessoas a olharem para ele. Começa depois a falar de alturas em que toma determinadas acções sem pensar, como foi o caso de ter roubado uma coisa de

casa de uma amiga da mãe (afinal sempre roubou de casa de outras pessoas). Refere então outras ocasiões em que faz algo sem pensar: responde mal à avó, à mãe ou à tia.

Mais à frente, fala de outro tipo de ocasiões em que faz algo sem pensar. Diz que, por vezes quando está num grupo de amigos a falar sobre algo, de repente muda de conversa a meio e começa a falar de algo completamente diferente. Aqui o comportamento do Rui, parece ser mais uma vez influenciado por aquilo que outros podem pensar dele. O Rui está a falar de algo e quando acha que o não tem mais nada a dizer sobre esse tema ou que aquilo que vai dizer não tem interesse, muda de conversa, para que as pessoas que estão à sua volta não se apercebam disso. Ele faz isto para evitar sentir-se inferior aos outros, porque se os outros perceberem, que ele sabe menos de um assunto que eles, o Rui irá sentir-se inferior.

Logo de seguida o Rui começa a falar de outros momentos, em que age sem pensar. Conta que quando era mais novo torturava animais. Descreve inúmeras dessas torturas. Afirma que desde que foi morar com a sua madrinha, estes desejos de fazer mal aos animais, de os ver a sofrer voltou e começou a tortura-los de novo. O rui, durante muitos anos, foi maltratado pelo seu padrasto. Essa era a forma que o seu padrasto encontrava de resolver os problemas e enfrentar as adversidades. Essa foi a prática que o Rui mais presenciou de enfrentar os problemas e como tal foi a prática que ele melhor interiorizou. Ele sente uma raiva enorme, principalmente da sua madrinha, mas como não consegue exteriorizar essa raiva, da única forma que sabe, maltratando, na sua madrinha, projecta-a para os animais. Ele projecta também para os animais, toda a agressividade interior que sente pelo seu padrasto, por todos os maus tratos que lhe causou. Esta agressividade que projecta, poderá também ter origem na raiva que sente pela mãe, por esta ter assistido aos seus maus tratos, não fazendo nada para que estes acabassem.

O Rui refere também que gosta de ver os animais sofrer, mas quando estão quase a morrer ele pára. Este poderá ser um gozo sádico semelhante àquele que o seu padrasto poderia ter quando o mal tratava. Esta também é uma forma do Rui ter controlo absoluto sobre algo. Durante anos, ele foi maltratado, não podendo fazer nada, não tendo o mínimo de controlo sobre o que lhe acontecia todos os dias. Nestas torturas que faz aos animais, o Rui poderá sentir um poder, criando sentimentos de onnipotência, pois detém o controlo sobre a vida e a morte destes. Tal poder, também se verificava no seu padrasto quando este o maltratava.

No fim da consulta, pode-se observar mais um relato do Rui, em que ele, mais uma vez entra em competição com a sua madrinha.

4ª Consulta (29/04/08)

Neste dia, como era normal acontecer, fui buscar o Rui à recepção. Quando íamos a subir as escadas para a sala onde tínhamos as nossas sessões, a sua mãe chama-o e diz-lhe para não se esquecer de lavar as mãos.

Rui aparece nesta consulta dizendo que está “na mesma”. O que mudou foi que está um pouco menos irritável. Diz que as coisas ainda não estão a correr melhor porque ainda não entrou no programa de metadona, o que o está a deixar impaciente. Ele quer livrar-se da “porcaria” (droga) o mais depressa possível. Uma das razões para essa sua vontade é não querer continuar a fumar heroína em casa. Sente-se bastante mal ao fazê-lo por estar perto da sua mãe. Também se sente bastante desconfortável a fumar na rua, pois tem medo que apareça alguém e o veja. Quer começar a trabalhar como taxista, mas não pode fazê-lo enquanto não deixar de consumir, pois quando fuma não fica em condições de conduzir e tem medo de ter um acidente.

Afirma também querer ter “conversas em condições”. Agora, quando está a falar com uma pessoa, muitas vezes muda de conversa sem razão aparente e sem ter controlo sobre isso. Isso foi algo que só se começou a passar algum tempo depois de começar a consumir.

Mais à frente fala um pouco da sua infância passada com o seu padrasto. Diz que esses foram tempos em que sentiu muitos ciúmes e muita revolta. Esses sentimentos tinham origem na forma desigual de tratamento do seu padrasto em relação a ele e ao seu filho. Isso foi algo que ele nunca compreendeu e o que por vezes lhe dava vontade de partir tudo.

Contou-me então como começou a consumir, aos treze anos. Quando era mais pequeno tinha o hábito de ir aos bolsos dos casacos do seu padrasto para tirar notas estrangeiras que ele costumava ter (por vezes viajava em trabalho para fora do país). Numa dessas vezes encontrou um saco pequeno com pó branco. Como não sabia o que era, mostrou o saco a um amigo que lhe disse que era heroína. Sem saber muito bem do que se tratava, fumou então heroína pela primeira vez. O seu padrasto quando deu falta do saco deu-lhe então uma enorme tarefa. Ao contar isto, o Rui realçou que essa tarefa tinha sido toda nas suas costas. As costas eram o alvo preferencial do seu padrasto

quando queria bater no Rui, umas vezes por ter feito alguma asneira, outras vez por algo sem importância e ainda outras sem que ele tivesse feito nada. Outra coisa que o seu padrasto fazia com muita frequência era trancá-lo dentro de um guarda-fatos. Ele nessa altura só pensava que quando crescesse se iria vingar, mas agora não sente vontade de fazer isso. Rui acha que deveria sentir uma enorme raiva por tudo isto a que o seu padrasto o sujeitou, mas diz que isso não acontece. Afirma não sentir nada em relação ao seu padrasto e a todos os maus tratos que sofreu.

O Rui desde a primeira consulta (como já tinha referido anteriormente), não me olha nos olhos, em vez disso, olha na maioria das vezes, para o chão. Sempre que começa a falar fecha os olhos e revira-os, olhando para cima e de seguida, normalmente, para o chão. Perto do final da consulta, questionei-o sobre a razão pela qual ele fazia isso. Respondeu-me que achava que o fazia, pois tinha vergonha das pessoas, tinha vergonha que olhassem para si e que pensassem que era drogado.

5ª Consulta (28/05/08)

O Rui faltou a duas consultas, uma porque se deixou dormir e outra porque teve uma consulta médica. Nas duas ocasiões telefonou a avisar.

Inicialmente diz que se sente mais calmo e que o ambiente em casa está bastante melhor. Têm-se dado todos bem e não tem havido discussões.

Continua preocupado com o programa de metadona. Quer entrar o mais rápido possível e começa a ficar bastante impaciente. Eu transmito-lhe que muitas das pessoas que trabalham no CAT e que já o acompanharam, perderam a esperança na sua recuperação. Perante isto, o Rui diz querer mostrar a essas pessoas e a si mesmo, que consegue mudar e deixar a droga. Já tem trinta e três anos e está “saturado” da vida que leva. Quando fuma já não sente prazer e só o faz para não se sentir mal e não ter espasmos (algo que lhe costuma acontecer quando não consome). Está farto também das pessoas que frequentam os sítios onde vai buscar a droga. Só lá vai porque tem de consumir de manhã e à noite.

A sua vontade de começar a trabalhar mantém-se, mas agora quer fazer algo diferente, preparar mortos antes do funeral. Neste trabalho ele tem que vestir e maquilhar pessoas mortas. Isto é um trabalho que já fez anteriormente e no qual ele diz ser bastante bom, tendo feito inclusive há algum tempo, um curso em Espanha. Isto é aquilo que ele gosta e se sente realmente à vontade a fazer. Já falou com uma pessoa

para começar trabalhar e tem boas perspectivas, pois foi alguém para quem ele já trabalhou e que gostou do seu trabalho. Sente-se entusiasmado com esta possibilidade, pois acha que o vai ajudar a distrair e a não pensar tanto na droga. Para começar a trabalhar tem no entanto de entrar para o programa de metadona, pois diz só conseguir deixar de consumir dessa forma.

Diz que esse trabalho também será indispensável para que possa arranjar casa, casar com a sua namorada e esquecer a heroína. Refere que a sua namorada trabalha bastante e que é ela que lhe dá muito do dinheiro que ele gasta na droga. Apesar de estar sempre com um pé atrás em relação a ele, tem sido impecável e tem-no ajudado sempre que precisou. Antes ia passear com ela, agora não o faz porque o seu único pensamento é arranjar dinheiro para comprar droga. Os pais dela estão sempre a fazer-lhe a cabeça para ela me deixar, mas mesmo assim ela tem continuado comigo.

Mais à frente, Rui diz querer começar a pensar só sem si e não nas pessoas com quem costuma estar quando vai consumir. Muitas vezes prejudicava-se para o bem dessas pessoas, que pensava primeiro nelas, mas quer deixar de fazer isso. Quer pensar primeiro em si e deixar de estar com essas pessoas, porque estar com elas só o leva a consumir. Diz ser bastante influenciável e que por isso muitas vezes chegou a roubar para dar aos outros e ser apanhado. Não quer voltar a ficar com as culpas por algo que fez para os outros.

No fim da consulta fala dos amigos que tinha e que agora vê muito poucas vezes. Rui acha que quando se cruza com esses amigos, estes olham-no de forma diferente, falam-lhe de forma diferente, pois sabem que ele é drogado. Isso deixa-o bastante incomodado e triste. Afirma que, apesar de saber que a maioria das pessoas faria isso, ele não seria capaz e não acha bem que o façam. Sente então uma enorme vergonha quando encontra essas pessoas.

7ª Consulta (11/06/08)

No início desta consulta, o Rui começa logo por dizer que se sente melhor, isto porque foi viver para casa da mãe, casa essa que ficou apenas para os dois. Desta forma, não tem as discussões que já eram habituais com a sua madrinha. Rui fala de mais uma das mentiras da sua madrinha. Acusou-o de roubar a sua carteira.

Mais para a frente Rui afirma que agora se sente mais à vontade e que por isso, está mais tempo em casa. Essa não é no entanto a única razão para passar mais tempo

em casa. Isto também acontece, pois a sua mãe não gosta que ele saia de casa. Quando ele sai muito de casa ela ralha com ele, pois diz que ele vai de novo para a má vida. Outras vezes ralha, por ele deixar a casa desarrumada.

Rui afirma que se sente mal quando a sua mãe discute consigo e muitas vezes tem vontade de discutir com ela, mas não o faz. Em vez disso, não responde e vai embora. Ele diz fazer isto, por a sua mãe ter tido um problema de coração há pouco tempo e não se poder irritar. Ele acaba então, por fugir desse confronto. Fugir é algo que o Rui tem feito toda a sua vida, cada vez que se depara com um problema. Rui ainda não sabe do que anda a fugir. Para além de se registar esta fuga, isto poderá ser encarado como uma protecção que este faz sobre a sua mãe, protecção que esta não fez com ele. Assim, os sentimentos agressivos face ao objecto (mãe) não são vivenciados na sua totalidade. Esta protecção poderá advir de sentimentos de culpa e de arrependimento, face a uma agressividade vivida no seu interior e a qual pode destruir (inconscientemente) o objecto. Nesta tentativa de reparação, servem para o próprio alcançar uma segurança mínima.

Afirma mais à frente, estar chateado com a sua mãe. Está chateado pois, a sua mãe ralhou com ele, por ter revoltado as gavetas no quarto da mãe. Isto é algo, que o Rui afirma fazer com regularidade. Quando fica sozinho em casa, vai mexer nas coisas das outras pessoas, nas gavetas, nos armários, nas malas. Isto é algo que ele diz fazer sem pensar. O Rui nestas alturas, está claramente à procura de algo. Ele começou a consumir pois encontrou heroína no casaco, numa dessas alturas em que procurava alguma coisa. Nessa altura em que vivia com o seu padrasto, uma coisa que certamente procurava, seria alguém que cuidasse dele. O padrasto maltratava-o e a mãe permitia, não o retirando do alcance do deste. Assim, o Rui não tinha ninguém que realmente cuidasse dele. Provavelmente, seria então isso, que ele na altura procurava e que o levou ao bolso do seu padrasto, em direcção à droga. Provavelmente, será isso que o Rui continua à procura, cada vez que desarruma as gavetas e os armários da sua casa, alguém que cuide realmente dele.

Mais à frente na consulta, fala então do seu filho. Ele diz que o visita poucas vezes, pois tem vergonha do que poderá pensar dele. Na opinião do Rui, o seu filho pensa que ele não é ninguém, que não serve para nada. Essa é a visão que tem de si próprio. Quer engordar, ter melhor aspecto, para que o filho possa passar mais tempo com ele, mas quando lhe pergunto se gostava de morar com ele, responde que não. Diz

que não queria que o visse a fumar. Esse era um dos factores para não querer morar com o filho, mas o outro e bem mais forte, era o facto de afirmar, não saber tomar conta dele. Aqui fica mais uma vez evidente, que ninguém tomou realmente conta do Rui, o que leva a que, ele próprio não se sinta capaz de tomar conta do seu filho. Quando o Rui está com o filho, tem de lhe ceder a posição que sempre necessitou, mas onde nunca se encontrou, pois ele não foi realmente cuidado e não recebeu o afecto necessário a qualquer criança. Desta forma ele sente-se perdido no papel de pai e pois possivelmente isto tem a ver com o facto de ter dentro dele um pai agressor e uma mãe que permitiu que este fosse agredido.

Depois de um silêncio, o Rui diz algo interessante: que tem pensado em comprar carrinhos, para brincar com eles na areia. Isto era algo que costumava fazer há relativamente pouco tempo. Afirma que quando está a brincar com os carrinhos não pensa em nada, nem mesmo em droga. Esta é uma tentativa de o Rui se colocar, uma vez mais, na posição de criança. Posição essa, que lhe trás tanto conforto, que nem pensa na droga. Esta é também uma forma de reclamar para si aquilo que há muito procura, como já referi anteriormente, alguém que cuide realmente de si.

8ª Consulta (25/06/08)

Na última semana aconteceram duas mudanças bastante importantes na vida do Rui. Entrou para o programa de metadona e começou a trabalhar numa agência funerária como maquilhador de mortos. Ele tem que ir todos os dias ao CAT para tomar a metadona.

Esta consulta começa com o Rui a referir que não pôde vir à consulta marcada para a semana passada, pois teve um “serviço” para fazer.

De seguida, fala dessas mudanças que tanto ansiava. Afirma que se sente outra pessoa, uma pessoa muito melhor, a responsabilidade que agora tem fá-lo sentir-se útil. Diz que foi fácil conciliar a toma da metadona com o seu trabalho, pois aproveita a hora de almoço para vir ao CAT. Os primeiros dias em que foi tomar a metadona, não foram fáceis, ainda sentia muito a falta da heroína, mas agora já está bastante mais habituado e consegue aguentar bem as horas que antecedem a toma. Segundo ele, o trabalho também lhe facilita a tarefa, pois enquanto está a conduzir ou a fazer as suas outras tarefas não pensa em mais nada. Com tudo isto, começou foi a fumar bastantes cigarros (dois maços), coisa que não fazia. O Rui não fuma à frente da namorada e afirma

mesmo que por vezes quando está com ela, fica desejoso que se vá embora para que possa fumar. Fica bastante ansioso até fumar.

9ª Consulta (02/07/08)

O Rui chega a esta consulta com uma apresentação bastante mais cuidada, do que quando veio à nossa primeira consulta. As suas análises permanecem negativas.

Afirma sentir-se melhor a cada dia que passa, tanto no seu trabalho, como ao que ao programa de metadona diz respeito. Refere que o seu patrão tem elogiado o seu trabalho e isso deixa-o bastante orgulhoso.

O Rui quando consumia, era bastante raro sair com a sua namorada e quando saía, ficava bastante pouco tempo com ela. Agora tem ido bastantes vezes passear com ela a sítios como Sintra, à Charneca, ao jardim do Parque das Nações. A sua namorada costumava discutir muitas vezes com ele, pois assim que chegava ao pé de si, já estava a pensar em ir-se embora e muitas vezes despachava-a, tudo para poder ir arranjar droga. Rui diz que agora se sente bastante bem com ela e que consegue aproveitar o tempo que passam juntos, não estando sempre a pensar em ir-se embora.

Outra coisa que diz ter mudado foi o seu consumo de álcool, que aumentou. Agora muitas vezes a seguir ao trabalho, vai para um café ao pé da sua casa, com o seu patrão ou com uma ou duas pessoas que ele conhece por lá e bebe duas, três, quatro imperiais. Rui diz que muitas vezes não se consegue controlar e quando alguém lhe oferece uma imperial, não consegue dizer que não. Apesar disto ele não acha que isto seja algo de anormal.

Mais à frente e já quase no fim da consulta, Rui fala de alturas em que está no seu quarto e ao ouvir uma música triste, que o faça pensar, sente-se mal. Rui afirma de seguida que não gosta de pensar.

Algo que fui reparando ao longo da consulta foi que o Rui, pela primeira vez, começa a olhar-me nos olhos, mas não só. Faz bastante menos vezes o seu habitual movimento de fechar os olhos, revirá-los e olhar de seguida para o chão cada vez que começa a falar.

10ª Consulta (08/07/08)

Rui começa a consulta de novo a dizer que no trabalho está tudo a correr muito bem. Segue dizendo que as suas noites têm sido bastante mais atribuladas que o normal. Tem acordado muitas vezes por volta das cinco da manhã e depois não consegue voltar a dormir e quando isso acontece sente enorme necessidade de fumar. Isso é algo que o incomoda, principalmente porque passa o resto do dia bastante ensonado, o que lhe dificulta o trabalho

Quando consumia, se alguém o convidasse para ir a algum lado, mentia e arranjava quase sempre uma desculpa para não ir. Ele fazia isto para não fazer “figura de parvo”. Afirma que tinha medo que gozassem com ele ou que o pusessem de lado, tal como sempre aconteceu com o seu padrasto. Continua a ter medo de ser rejeitado, mas refere já conseguir controlar um pouco melhor isso e deixar menos vezes que isso o afecte.

Algo que Rui tem um certo receio é ir um dia mais cedo para casa depois do trabalho. Já aconteceu ele acabar o seu serviço mais cedo, mas não sair do seu local de trabalho, ficando a fazer algo que não seria o seu dever apenas para não voltar para casa mais cedo. Isto deve-se ao facto do Rui ter medo que, se for mais cedo para casa, comece a pensar em consumir e não consiga resistir a esses pensamentos.

Mais à frente, o Rui refere que não gosta de falar com as pessoas sobre os seus problemas, por exemplo sobre a droga, pois tem vergonha e medo que gozem com ele. Não se sente à vontade para falar com as pessoas com quem está no seu quotidiano. A única pessoa com quem diz conseguir falar um pouco é a sua namorada, mas mesmo não se sente muito confortável ao fazê-lo.

Quando estava a chegar o fim da nossa hora, informo o Rui que apenas iremos ter mais duas consultas. Ele diz que essa não é uma boa notícia, mas não quis falar mais sobre o assunto.

11ª Consulta (15/07/08)

O Rui, mais uma vez, começa a consulta a dizer que o seu trabalho está a correr muito bem e que está a gostar cada vez mais de fazê-lo.

Fala então das melhorias que ele notou nele próprio quando entrou para o programa de metadona. Quando consumia, por vezes ia com a sua namora a um café

que ficava perto do local onde costumava comprar a heroína e enquanto ela ia à casa de banho, ele fugia e ia comprar droga. Ela apercebia-se disso e discutia com ele. Desde que entrou para o programa, já foi a esse café com ela duas vezes e ele não tentou nada, o que deixou a sua namorada surpreendida e contente. Também tem sentido menos vontade de fumar heroína e sente-se mais à vontade nas horas que antecedem a toma da metadona. Tem-se sentido bem pois sente que está a conseguir alguma coisa. Está com bastante mais apetite e não se sente zangado como se sentia há não muito tempo atrás.

Rui tem o desejo de “pôr as coisas no lugar” com o seu filho. Poder vê-lo cada vez mais vezes (começou a vê-lo de quinze, em quinze dias) e passar bons momentos com ele. Quer fazer com que o seu filho o passe a ver como um bom pai e uma pessoa com quem ele goste de passar os tempos livres.

12ª Consulta (22/07/08)

O Rui entra bastante sorridente e animado na consulta.

Começa então por dizer que o seu ordenado foi aumentado, estando bastante feliz com essa novidade. Refere então de seguida, que finalmente alguém reparou nele. Que não se lembra da ultima vez que alguém reparou que ele fez uma coisa bem feita. Durante os anos em que viveu com o seu padrasto, para além dos maus tratos, teve também de suportar a dualidade de tratamentos que existia entre ele e o filho do seu padrasto. Aí era sempre rebaixado e posto de lado pelas suas acções, nunca enaltecido.

Fala depois mais à frente, que o facto de hoje ser a nossa última consulta, não é uma boa notícia para ele. A vinda às nossas consultas já se tinha tornado, segundo ele, um bom hábito, pois era um local onde sentia que podia falar à vontade.

Depois conta o seu fim-de-semana com o seu filho. Rui afirma, um pouco mais à frente que acha que tanto a forma como o seu filho o vê, como também a forma como ele se vê a si próprio, está diferente, para melhor. À primeira vista, parece que se poderá estar a estabelecer uma espécie de reparação narcísica, através da relação que este está a começar a estabelecer com o seu filho, pois a sua satisfação nesta consulta poderia remeter para isso. Aparentemente, parece que este está a conseguir fazer com o filho aquilo que ninguém fez consigo.

O Rui falou na última consulta que neste momento tem brincado com o filho e nestas brincadeiras têm estado presentes os carrinhos (que me falou numa consulta anterior) comprados recentemente. Nessa consulta anterior, o Rui tinha-me referido os tais carrinhos para ele próprio brincar, por isso penso que faça mais sentido, que a brincadeira que este tem com o seu filho possibilite que a criança que está dentro de si se manifeste, podendo este equiparar-se à posição do filho (neste momento ele não sente que pode falhar nas responsabilidades de pai).

Reflectindo sobre esta última consulta, esta sua postura excessivamente optimista, pode remeter para uma possível angústia de separação. Assim sendo, esta sua atitude poderia ser uma tentativa de camuflar este tipo de ansiedade para que eu não perceba que ele está a ter esta vivência. Por outro lado, também poderá revelar uma forma de se tentar distanciar desse sentimento.

DISCUSSÃO

Este capítulo tem como objectivo a análise de dois casos de toxicodependência que permitirá um aprofundamento desta temática. Para isso serão analisadas as consultas e abordadas as questões relacionadas com as personalidades de cada um, algo que os distingue, assim como, aquilo que os levou ao acto repetitivo de consumos, o que os aproxima. Assim, através destes casos pretende-se dar uma maior significação aos fundamentos apresentados que se direccionam para a problemática anteriormente referida.

Foi na adolescência que estes dois pacientes começaram a dar os primeiros passos no caminho que os conduziria até à toxicodependência. Esta é uma altura em que o sujeito faz determinados lutos, de forma a individualizar-se e a criar uma identidade enquanto pessoa. Deverá ocorrer um desinvestimento das relações de dependência narcísica que uniram a criança aos pais e uma capacidade de reinvestimento em outras relações. Este trajectos, nestes dois casos e na generalidade dos toxicodependentes, não foram efectuados com sucesso, persistindo uma imaturidade (regressão narcísica), que aliada à dor mental sentida pelas angústias e sentimentos fragmentários experienciados, leva a uma tentativa de regressão e negação da realidade, através da procura do prazer. Isto é, alcançado através do consumo de substâncias, que funciona como um antidepressivo. Isto foi algo que ambos vivenciaram, levando o José a começar a consumir aos 16 anos, ficando dependente aos 18 anos e o Rui a ter os primeiros contactos com a droga aos 13 anos, atingindo a dependência aos 16 anos.

Houve algo que ambos sempre tiveram presente na sua vida e que acabou por ser decisivo no seu percurso: uma mãe possessiva. Embora de formas um pouco diferentes, tanto o José, como o Rui, acabaram por estabelecer relações simbióticas com as suas mães, tornando-se uns “filhos da mãe”. A mãe do José esteve sempre tão presente que não deu espaço, para que, este fizesse algo por si próprio. Revela uma necessidade constante de encontrar razões para proteger e cuidar de forma excessiva, levando a que este nunca conseguisse tornar-se realmente autónomo e ficasse mais vulnerável ao nível emocional. Um acontecimento que reforça as características referidas, é o facto da irmã do José também revelar uma dependência relacionada com o álcool. Em relação ao Rui e à sua mãe, estabeleceu-se uma relação mais fusional e de uma dependência patológica. Isso ficou evidente em inúmeras ocasiões. O facto de a mãe acompanhar sempre o Rui

em todas as sessões e este afirmar que “a minha mãe não gosta que eu saia e fico em casa para ela não ralar comigo”, espelham bem este tipo de dependência. Mas, a relação fica provavelmente ainda melhor ilustrada, quando ocorre o episódio em que a mãe lembra ao Rui de lavar as mãos, quando este estava a dirigir-se comigo para a nossa sessão.

Pode também dizer-se que ambos são “filhos da mãe”, por não poderem ser do pai, novamente por razões um pouco diferentes. No caso do José, pois o seu pai, embora não fosse ausente fisicamente, acabava por sê-lo em termos de afectos. José referia mesmo que, desde que não lhe pedisse nada estava tudo bem, ou seja, esta relação era baseada em algo bastante mais superficial e ligado ao mundo externo, do que os afectos. Por outro lado, o Rui perdeu o contacto com o seu pai precocemente e a relação que estabeleceu com a figura paterna substituta (o seu padrasto), acabou por ser caracterizada por enorme violência e destruição, tanto a nível físico, como emocional.

Nos dois casos, as famílias acabaram por potenciar claras deficiências ao nível do imago, ajudando também a criar uma maior incapacidade para os indivíduos se afirmarem verdadeiramente como tal.

Esta relação de grande dependência que, tanto o José como o Rui, estabeleceram com os seus pais (só a mãe no caso do Rui), potenciou também algo que se verificou nos dois sujeitos: o desemprego. Uma vez que a autonomia não foi estimulada, ambos viveram durante bastante tempo em casa dos pais e estiveram dependentes destes financeiramente. Isto foi algo que conseguiram alterar durante o processo terapêutico, visto que, conseguiram os dois arranjar emprego. Esta mudança trouxe a possibilidade de se reorganizarem e funcionou como processo reparador do seu amor-próprio.

De referir que, para além das semelhanças apontadas, existe algo que os afasta, que passa pelo seu funcionamento e pelas características estruturais da personalidade.

É de uma importância acrescida, começar por abordar a infância de ambos. José aparenta ter tido uma infância mais saudável, lembrando esses momentos com saudade, chegando mesmo a emocionar-se. Quando efectua este movimento regressivo, a criança que existe no seu mundo interno reaparece, estabelecendo um contacto com os conteúdos mais depressivos, existentes no seu psiquismo. No entanto, há uma certa fixação na dor mental que não lhe permite uma verdadeira elaboração. Esta fixação ocorre, uma vez que, em criança os sentimentos de onipotência e fusão com o mundo

externo, estão sempre presentes. Quando este se apercebe que é um mero interprete e actuante daquilo que o rodeia, sendo um ser separado de um outro, sente um vazio interno angustiante. Este vazio terá origem no sentimento de falta que se instaurou e que tenta ser preenchido através da elação simbiótica original.

Na sequência desta sua relação com a mãe, quando esta o frustra, suscita o activação das angústias mais arcaicas do *self*, sendo que o desejo de consumir vem ao de cima.

Estabelecendo aqui uma relação com a sua vida actual e o início da sua adição, ele refere que os amigos de infância o abandonaram quando começou a consumir substâncias. Perante isto, denota-se uma projecção de determinados sentimentos internos para a realidade externa, uma vez que, quando começou com os consumos, desinvestiu nas relações, focando-se na droga. Este é um movimento que acaba por ser recorrente no funcionamento do José e que é visível na maioria dos toxicodependentes, uma baixa tolerância à frustração.

No José, esta intolerância referida, é igualmente identificada quando a figura materna o frustra, aumentando as angústias mais arcaicas do *self*, vai despoletar o desejo de procurar o consumo. A objectivação destas carências concretiza-se na sessão em que ele, depois de uma grande discussão com a mãe, recusa-se a aprofundar esse tema, facto que estará relacionado com a dor insuportável que sentiu, o que fez emergir o desejo de consumir. Deverá igualmente ter-se em conta, que esta atitude defensiva está estritamente relacionada com a fuga à origem dos verdadeiros conflitos existentes no seu interior, concentrando-se apenas no sintoma (o acto de adição).

No Rui são reconhecidas carências colossais ao nível da tolerância à frustração, que foram cultivadas desde criança. A infância do Rui foi bem mais atribulada e agressiva. Teve muitas mudanças de casa, não havendo uma verdadeira estabilidade e separou-se da mãe muito precocemente (2 anos), quando esta foi morar para Lisboa. O que lhe poderá ter causado uma instabilidade emocional, através das angústias fragmentárias que não tinham um continente para serem contidas.

Quando foi morar com a sua mãe para Lisboa, começa a sua relação mais destrutiva, que estabeleceu com o seu padrasto. Foi uma relação sempre caracterizada principalmente por violência, não só física, mas também psicológica, que deixou marcas profundas no mundo interno do Rui.

No decorrer da relação violenta com o padrasto, Rui esteve à beira da morte, o que intensificou as angústias mais fragmentárias existentes no seu psiquismo como, angústias persecutórias e a angústia de morte. Ele referiu inicialmente que tinha um grande desejo de vingança do seu padrasto, demonstrando que esse desejo actualmente tinha desaparecido, não sentindo nada em relação a este. O Rui aqui utilizou estratégias para fugir ao confronto, fazendo uso do mecanismo de negação de todos os sentimentos destrutivos que tinha em relação ao padrasto. Contudo, este instrumento defensivo não se mostrou muito eficaz e o seu desejo de vingança continua a estar bem presente, embora tenha sido redireccionado. Esse desejo é agora, de alguma forma, satisfeito quando maltrata os animais (acting-out). Ele gosta de lhes provocar sofrimento, mas a certo ponto pára e não os mata, tal como lhe fazia o seu padrasto.

O Rui, nos ataques sádicos aos animais, leva-os ao limiar entre a vida e a morte, acabando por provocar sofrimento no externo, para não sentir como sua a dor interna. Estes ataques ao outro, projectados nos animais, proporcionam-lhe um gozo sádico, que lhe permite não lidar com a frustração que sente. Durante estes seus actos, o Rui acaba por decidir até que ponto maltrata os animais e se os mata ou não. Isto confere-lhe um poder sobre o outro, um controlo, um sentimento de onipotência. Tudo isto, é algo que ele nunca tinha sentido, pois era sempre o seu padrasto que decidia quando lhe batia e se ele vivia ou morria.

Este sentimento de controlo, acaba por ser bastante importante para o Rui, que tenta preservá-lo ao máximo em todas as situações. Enquanto morava com o padrasto houve um cultivo da parte mais doentia da sua mente. Esta parte mais psicótica, reflecte-se na forma como ele acha que os outros olham para ele. Num registo paranóide, refere que as pessoas na rua ficam a olhá-lo de uma forma diferente. Este tipo de percepções levam a que ele se sinta bastante excluído, chegando mesmo a sentir vergonha (algo que ele refere com grande insistência em algumas consultas). Ele expulsa do seu mundo interno as partes mais desagradáveis do seu psiquismo, alojando-as no outro. Os conteúdos destrutivos, como o ódio, são projectados. Rui acaba até por demonstrar medo da possibilidade de fazer mal às pessoas que o rodeiam, ou seja, em vez de projectar nos animais o desejo de vingança que tem pelo seu padrasto por todo o sofrimento que este lhe infligiu, passar a satisfazer esse desejo sendo agressivo para com as pessoas.

Nestas questões expostas, terá de se aludir ao facto de que a figura materna não foi cuidadora, não o protegendo dos ataques sádicos efectuados pelo padrasto, havendo uma carência ao nível da função alfa (α), possibilitadora da transformação dos elementos intoxicados. Consequentemente, não houve a interiorização por parte do Rui, desta mesma capacidade, o que dificultou o seu contacto com o seu mundo interno e com a realidade externa.

Verificam-se falhas narcísicas devido ao Rui não ter tido uma mãe “suficientemente boa”. Estas feridas materializam-se na inveja, ciúme, raiva e ódio, que se direccionam para os membros do seu núcleo familiar (avó, madrinha e filho do padrasto). Quando o Rui abordou a sua infância aludiu ao facto de se sentir preterido em relação ao filho do seu padrasto, revelando ciúmes e inveja deste, sendo que ele, era completamente negligenciado pelo padrasto, contrariamente ao tratamento que este dava ao seu verdadeiro filho. Relativamente à sua madrinha, surgiram esses mesmos sentimentos. No entanto, o Rui projecta-os no exterior, facto que é bem visível quando refere a competição que este fez quando ainda era criança, que consistia numa corrida, a qual o Rui ganhou. Ele refere este acontecimento, como algo que fez mudar a postura da sua madrinha face a ele, sendo a partir daí hostil. Reflectindo sobre estes dados, os seus sentimentos de inferioridade aparentam activar mecanismos compensatórios, tal como, o sentimento de onnipotência e de superioridade.

Constou-se que relativamente à avó, esta começou a despoletar no Rui sentimentos de inveja e ciúme, devido a toda a atenção que os familiares tinham para com ela (doença).

Tudo isto leva a concluir que existe uma necessidade sempre presente no Rui de que alguém cuide dele. As noções de vida em sociedade do Rui estão adulteradas, uma vez que, nunca se instaurou a noção de correcto e incorrecto, pois qualquer que fosse a sua postura, recebia sempre a mesma resposta por parte do padrasto.

Algo que distingue também o funcionamento do José e do Rui, são as relações que estes estabelecem com os outros, que se caracterizam como relações superficiais e vazias, onde não existe um verdadeiro investimento. Estas são caracterizadas como relações padronizadas, onde não se verifica um aprofundamento autêntico. Os dois pacientes abordam o tipo de relações que estabeleciam com os outros toxicod dependentes, sendo que, estas residiam no interesse exclusivo na droga, dirigindo o seu investimento apenas para a substância, facilitando o não contacto com as

emoções. O José, abordou esta temática nas sessões, mostrando-se insatisfeito pela futilidade destas relações, manifestando que existia em si, um forte desejo de investir no outro, mas ao mesmo tempo, uma dificuldade ao nível da materialização deste mesmo desejo. Desejo esse, que era apaziguado pelo prazer que a droga lhe trazia.

O Rui por sua vez, não mencionou a necessidade do estabelecimento de relações significativas. Tendo em conta a sua personalidade, poderá dizer-se que esta é uma forma de se defender, mantendo uma distância confortável, para o não envolvimento. Esta questão reflecte-se no contacto com o outro, onde ele não consegue levar uma conversa até ao fim, saltando consecutivamente de tema, para tema. Isto é algo que ele diz não conseguir controlar, podendo o outro depreender que não existe uma linha coerente ao nível do seu raciocínio. Estes acontecimentos podem ser interpretados, na perspectiva de que, o Rui fica pela superficialidade dos assuntos, o que será uma maneira de ele marcar um distanciamento com o seu mundo interno, não havendo um afloramento das questões fulcrais, de forma a não ter contacto com os seus verdadeiros sentimentos. Nas conversas que estabelece, quando este se aproxima do aprofundamento dos assuntos, o seu *self* é invadido por conteúdos fragmentários que o levam a sobrepor uma linguagem agida a uma linguagem pensada, não existindo uma capacidade de pensar esses conteúdos, “pensamentos à espera de pensador.”

Algo que distingue também o funcionamento do José e do Rui, é a forma como abordam os relacionamentos amorosos. José refere que acaba por ter relações na sua maioria superficiais, não investindo nestas e perdendo o interesse com facilidade. Ele nas consultas demonstrou uma idealização excessiva que efectuou de um relacionamento que estabeleceu quando tinha 14 anos. A idealização desta relação, remete para uma fixação da qual ele faz uso, justificando assim a falta de investimento nas relações. Essa fixação faz com que qualquer outro relacionamento pareça insignificante e vazia.

Embora mantenha este comportamento bastantes vezes, percebe-se que o José apresenta uma capacidade ao nível do investimento relacional. Isto fica evidente na relação que estabeleceu durante dois anos com Elisabete. O José durante as consultas referiu que esta era sentida, como sendo boa e segura, apesar disso, houve um ponto de viragem nesta relação, que acaba por caracterizar muito do funcionamento do próprio José. Quando o relacionamento se tornou mais sério, houve uma fuga. O José fugiu para Espanha sem dizer nada à sua companheira e sem nada lhe dizer, se manteve até hoje.

Ele abandonou para não ser abandonado, o que poderá também ser visto como um medo de falhar perante o compromisso e ou, o medo que o outro falhe. Os conteúdos destrutivos existentes no seu mundo interno são reintrojectados, causando arrependimento e culpabilidade.

Os sentimentos dos quais fugiu permanecem presentes, mas foram, de alguma forma, transformados. José acaba por procurar agora, de uma forma quase desesperada, uma mulher, uma relação amorosa significativa. Existe nele, uma vontade de haver um reinvestimento objectal.

Rui por seu turno, parece ter uma abordagem e uma forma de viver as relações amorosas bastante diferente. Ao contrário de José, que fala constantemente da sua relação com as mulheres e da vontade de ter uma relação amorosa, Rui passou todas as sessões sem quase abordar o tema. Referiu que tinha uma namorada, mas muito raramente se referiu a ela. A referência mais significativa e que mais retive, acabou por ser quando disse que não fumava à frente desta. Isto poderá levar a crer que ele se submete à vontade do outro (neste caso da namorada), evitando sempre o confronto. Isto porque, para confrontar alguém, a pessoa tem de pensar e principalmente sentir, algo que ele tenta evitar ao máximo em todas as situações. Se não pensar e não sentir, não tem de se confrontar, mais uma vez, com a sua dor mental.

Abordando as características estruturais ao nível da personalidade, verificam-se algumas diferenças. A culpabilidade demonstrada pelo José, principalmente em relação aos seus pais, é o movimento que ele faz, que parece aproximar-se mais do contacto com a sua parte neurótica da personalidade. Existe um contacto com a dor mental e uma certa capacidade para pensar sobre ela. O problema não é o consumo de substâncias, mas sim ele próprio. O José aproxima-se também deste pensamento, apesar deste, não estar completamente adquirido. Embora se note a referida capacidade, regista-se alguma limitação na elaboração do seu sentir.

No entanto, a aproximação que este estabelece com o registo mais saudável da sua mente, acaba por ser mais evidente do que no Rui. Este aproxima-se bem mais da parte mais psicótica da sua personalidade. Fica evidente pelo seu registo paranóide, anteriormente referido. Denota-se também quando fala dos roubos que, por vezes, leva a cabo e diz: “Não gosto de ser apanhado.” As angústias persecutórias são activadas por si próprio e em vez de existir uma culpabilidade, aparece agora uma vergonha que é constantemente referida. Quando efectua estes roubos e também ao espiar as gavetas de

outras pessoas (algo que ele afirmou por vezes fazer na sua casa), evidencia a sua vontade de invadir e possuir o outro, trazendo-lhe, em vez de culpabilidade, algum prazer. Ao existir aqui um uso de mecanismos projectivos de forma maciça, não ocorre reintrojecção, resultando num desejo voraz de possessão. O facto de não me olhar nos olhos durante as consultas, também remete para o seu registo paranóide. Instala-se nele um medo que o outro tenha realmente acesso ao que está dentro de si, que o julgue e veja as suas fraquezas.

Perante o que foi descrito, também se verifica no Rui um cultivo da parte mais doentia da sua mente, indo ao limite e pondo-se em situações de risco, que levam, ao julgamento de quem é exterior a este. Verifica-se isto, quando ele se sente constrangido perante o olhar do outro, não deixando de se envolver em situações de roubo e também referindo que a sua aparência despoleta no outro a percepção de que ele será um consumidor de substâncias. No entanto, Rui não evita o julgamento, uma vez que, não apresenta uma aparência cuidada. Interpretando estes factos, poderá dizer-se que para si, lidar com a possível desconfiança do outro, tornando-se também desconfiado, acaba por ser mais suportável, do que a dor mental que existe se este tiver contacto com os sentimentos mais autênticos da sua mente.

Remetendo novamente para o José, por vezes verifica-se que o contacto com a parte mais saudável da sua mente é comprometido. Nas sessões demonstrou uma tentativa de fuga, faltando a estas, quando começaram a evoluir para um maior aprofundamento da sua dor. Este tema foi abordado na relação terapêutica, sendo relacionado com a fuga que este efectuou no relacionamento mais significativo que teve (Elisabete).

Todos os fundamentos apresentados, adquirem uma maior significação quando se fala na relação terapêutica que foi estabelecida com os pacientes, uma vez que sua postura e investimento iniciais nesta nova relação, foram bastante distintas. Falando no José, houve uma tentativa de identificação para comigo (identificação projectiva), bem como um esforço para a aproximação, que remete para a idealização. Isto é evidente quando ele começa por me tratar por “tu” e quando refere que gostaria de ter mais amigos como eu, com o meu “estilo”.

Este investimento mostra uma forte necessidade de ser aceite pelo outro, no sentido das suas inseguranças e angústias serem apaziguadas. Este seu movimento na tentativa de estabelecimento de uma relação de aceitação, é feita de uma forma bastante

sedutora. Há um desejo de aproximação, de ser um outro, do estabelecimento da relação simbiótica. Não mantém uma distância necessária para o seu ser individual.

Num registo bastante diferente apareceu o Rui. De início pareceu querer manter alguma distância, não fazendo um movimento no sentido do investimento na relação. Denotando-se algum sentimento de desconfiança em relação a mim. Tentou não contactar com o seu sentir, concentrando-se apenas numa descrição de factos. Não existiu uma aproximação com a sua com a dor mental, de forma a não lidar com os conteúdos depressivos existentes.

Algo que foi também totalmente oposto nos dois, foi a forma como se apresentaram na primeira consulta. O José com uma aparência cuidada, sorridente e bem disposto (algo que complementa a sua postura sedutora), em oposição ao Rui, que surgiu com um aspecto descuidado e com uma expressão facial fechada e muito carregada.

Ainda abordando a relação terapêutica, uma outra diferença sentida, foi o pedido subjectivo. No José, este pedido baseia-se na sua afirmação e capacidade de dizer “não”, de forma a ter um controlo sobre si próprio. Falando do Rui, o único pedido cingiu-se a algo muito concreto, que passou por deixar de consumir heroína. Não parecendo haver nenhum pedido que tenha sido expresso de forma consistente e a existência de uma predisposição e conseqüente tentativa de emancipação para a mudança. Mais uma vez, o Rui tenta não contactar com as angústias do seu mundo interno para que não haja uma elaboração destas, centrando-se apenas no exterior, na substância. Todavia, é notório que de uma forma completamente consciente, o consumo de substâncias é aquilo que pretendem ver extinto.

O desejo de se tornarem independentes, foi outro campo em que existiu uma divergência entre os dois. O José expressou claramente esse desejo, falando inclusivamente em estar à procura de uma casa para alugar. Há uma tentativa de sair de casa dos pais, o que gera um conflito interno entre o desejo de ser autónomo e o mantimento da relação de dependência que tem com a mãe. Apesar de não ter sido consumada a sua autonomia, foi dado um passo nesse sentido. Antagonicamente, Rui não se mostrou interessado em realizar este movimento de mudança. Ele não chega a abordar este tema durante a totalidade das nossas consultas. Isto estará relacionado com a relação extremamente fusional que mantém com a mãe. Esta não lhe dá espaço suficiente para que ele possa sequer esboçar um pensamento neste sentido. Ele também

evita de se confrontar com isto, uma vez que tal iria despoletar as angustias incrustadas na base da sua personalidade, o que suscitaria uma dor mental insuportável para a integridade do eu.

Considerações Finais

Ao longo desta tese foram extraídas conclusões do conjunto hipotético que foi referido ao longo do meu trabalho e confronto-me com o carácter limitativo que este apresenta. Contudo, existiram limitações na execução deste trabalho, ao nível das teorias e das consultas apresentadas dos dois pacientes, visto que, as sessões ocorreram num tempo restrito.

Os valores éticos e morais estiveram sempre presentes e as suposições apresentadas residiram numa tentativa de ir ao encontro de um ponto de vista mais compreensivo, de forma a explorar a temática da toxicodependência. No entanto, para o aprofundamento das questões fulcrais da toxicodependência e da sua fuga à dor, foi estritamente necessário explorar o material das consultas e as características que estão na base da personalidade dos pacientes.

Tendo em vista o que foi referido anteriormente, foram estabelecidas um conjunto de hipóteses interpretativas, tendo como referência a Teoria Psicanalítica, o que leva a afirmar que poderiam ter sido construídas outras suposições perante a riqueza do material.

Relativamente ao processo terapêutico estabelecido, verifica-se que não foram aprofundados alguns temas, pois não eram trazidos pelos pacientes para as sessões e devido ao curto espaço de tempo em que estas foram realizadas, não houve a possibilidade de abordar certas temáticas. No entanto, isto tem um carácter limitativo, havendo peças fulcrais para que houvesse um maior contacto e elaboração da dor psíquica existente nestes.

Esta não foi a minha primeira escolha para tema desta dissertação, nem mesmo a segunda, mas depois de finalizada, chego à conclusão de que não poderia ter feito escolha mais acertada. Não só por este ser um tema que sempre me despertou bastante curiosidade e interesse e desta forma ter conseguido aprofundá-lo, mas principalmente por, durante todo este tempo que se seguiu à realização do meu estágio, ter ficado com um sentimento de que o trabalho que tinha feito com estas duas pessoas, não tinha sido concluído. Esse sentimento permanecerá comigo, mas foi de alguma forma apaziguado

por ter dedicado mais algum tempo a realizar esta análise da complexidade das suas existências. De alguma forma, mesmo sem terem consciência disso, acabaram por contribuir para o desfolhar de mais uma página da minha vida. Página essa, que foi sem dúvida a mais difícil de virar, durante estes meus quase vinte e sete anos, mas foi igualmente, uma das que me deram mais prazer.

"Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço de que a minha vida é a maior empresa do mundo. E que posso evitar que ela vá a falência. Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um 'não'. É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta".

(Dez Leis Para Ser Feliz, Augusto Cury)

BIBLIOGRAFIA

- Angel, P., Richard, D. & Valleur, M. (2002). *Toxicomanias*. Lisboa: Climepsi. (Toxicomanies. Paris: Masson, 2000)
- Bergeret, J. (1983). *Toxicomania e Personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar
- Bergeret, J. (2004). *Psicopatologia Patológica*, Teórica e Clínica. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bion, W. (1965). *As transformações: A Mudança do Aprender para o Crescer*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bion, W. R. (1991). *A Atenção e Interpretação: O Acesso Científico À Intuição em Psicanálise e Grupos*. Rio de Janeiro. Imago Editora. (Obra original publicada em 1970)
- Bion, W. R. (1994). *Estudos Psicanalíticos Revisados* (3ª ed. rev). Imago Editora. (Obra original publicada em 1967).
- Dias, C. A. (1979). *O que se mexe a parar: Estudos sobre a droga*. Porto: Afrontamento.
- Dias, C. A. (1995). *(A) Re-Pensar*. Porto: Afrontamento
- Dias, C. A. & Nunes, V. T. (1991). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Afrontamento.
- Dias, C. & Fleming, M. (1998). *A Psicanálise em Tempo de Mudança: Contribuições teóricas a partir de Bion*. Porto: Edições Afrontamento.
- Farate, C. (2001). *O acto do consumo e o gesto que consome*. Coimbra: Quarteto.
- Fleming, M. (2001). *Família e toxicodependência*. (2ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome. Pensar o sofrimento*. Porto: Afrontamento.
- Jacques, J. P. (2001). *Para acabar com as toxicomanias*. Lisboa: Climepsi. (Pour en finir les toxicomanies. Psychanalyse et pourvouiace legalissé dès drogues. França: De Boeck & Lacier, 1999)
- Klein, M. (1996). *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos 1921-1945*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Lemaire, A. (1982). *Jacques Lacan uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Campos Ltda.
- Marcelli, D. & Bacaunier, A. (2005). *Adolescência e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2001). *A depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Morel, A., Hervé, F. & Fontaine, B. (1998). *Cuidados ao toxicod dependente*. Lisboa: Climepsi. (Soigners les Toxicomanes. Paris: Dunod, 1977)
- Pinto-Coelho, M. (2001). *Ser herói para a heroína*. (2º ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Rezende, A. M. (1995). *Wilfred R. Bion: uma Psicanálise do pensamento*. São Paulo: Papyrus.
- Sequeira, J. P. (2006). *As origens psicológicas da toxicomania*. Lisboa: Climepsi.
- Sissa, G. (1999). *O prazer e o mal. Filosofia da droga*. Lisboa: Piaget. (Le plaisir et le mal. França: Odile Jacob, 1977)
- Sommer, M. (2004). *Carreiras de saída da toxicod dependência*. Lisboa: Climepsi.
- Yin, R. (1984). *Case study research. Design and methods*. Beverly Hills. Sage Publications.

ANEXOS

CASO 1

1ª Consulta (27/02/08)

Eu - Bom dia José como está?

José - Estou bem obrigado. Estou um pouco cansado, ou melhor, estou bastante cansado. Estou aqui com uma directa em cima. Ontem fui para a noite, bebi uns copos e acabei por não dormir nada. Vim quase directamente para aqui. Fui sair com um amigo, o Alberto...bem, não é bem amigo, é mais um conhecido, mas estou a gostar de conhece-lo.

Eu - Como o conheceu?

José - Foi numa casa de fados. Eu gosto muito de ir jantar a uma casa de fados ali em Alfama, conheço lá algumas pessoas e acabei por conhece-lo lá. Começámos a falar e demo-nos logo bem. Ele é uma pessoa que já viveu muita coisa, separou-se à pouco tempo da mulher, está numa fase difícil, mas é uma pessoa que sabe muito. Vê-se que ele é uma pessoa instruída e que sabe falar. Não é como os que eu conhecia quando andava nos maus caminhos. Com esses não tinha uma conversa de jeito, só se falava de droga.

Eu - Quer falar-me um pouco sobre essa altura da sua vida?

José - Eu comecei a consumir aos dezasseis anos. Era ainda um puto, não sabia o que andava a fazer. Nos últimos anos tenho mantido abstinente quase todo o ano, mas depois chega o Inverno e pronto. É sempre na mesma altura. Quando chegava a Outubro ou Novembro, recaía sempre, ia-me sempre a baixo. Era sempre por volta dessa altura.

Eu - E sabe-me dizer porque acontecia nessa altura?

José - Não sei se era do frio, se era da chuva, não sei o que é que acontecia naquela altura, mas recaía sempre, sempre. Dizem que o frio faz as pessoas ficarem mais triste se calhar era por isso, não sei.

Eu - E como recaía?

José - Eram as companhias. Quando chegava a esta altura começava-me a dar as ideias, começava-me a lembrar que podia lá ir e acabava mesmo por ir. Outras vezes

encontrava algum conhecido que tinha alguma coisa e aí ainda era mais fácil, nem precisava de ir lá ao sítio. Eram as tais companhias, os tais conhecidos. Conhecidos, porque ali não havia amigos nenhuns. Ali era só interesses, só interessava a droga, quem estava ali ao lado só interessava enquanto tivesse droga, quando não tinha era como se nunca o tivesse visto. Era só com estas pessoas que eu me dava e depois claro, lá ia eu para a porcaria. Mas agora é diferente, já não quero saber dessas pessoas para nada, não quero falar com elas, já não me interessam. Agora quero é conhecer pessoas como o Alberto. Pessoas que sabem da vida, com quem se pode conversar, pessoas interessantes. Mas também não posso abusar.

Eu - Não pode abusar?

José - Sim. Eu dou-me muito às pessoas. Dou-me bem com toda a gente, mas às vezes exagero. Quero fazer tudo à pessoa sem ainda sequer a conhecer. Muitas vezes prejudico-me para os outros estarem bem. Quando eu estava na Comunidade, na Comunidade do Restelo, conhece?

Eu - Sim, conheço. Tive lá a estagiar há pouco tempo.

José - Eu estive lá dois meses e estavam sempre a dizer que eu queria agradar a toda a gente, que queria estar sempre bem com toda a gente. O Manel estava sempre a dizer que eu tinha que pensar mais e mim, que não me podia prejudicar só para agradar aos outros. Diziam que eu era falso porque nunca tinha coisas más para dizer de ninguém, que só dizias coisas boas para agradar aos outros, para que gostassem de mim. Algumas coisas eles tinham razão, mas também não era assim tanto.

Eu - No que é que acha que eles tinham razão?

José - Quando diziam que eu me prejudicava para os outros estarem bem e que devia pensar mais em mim e menos nos outros. Eu não consigo ver os outros mal, não gosto de ver isso. Por isso eu tento sempre ajudar quando acho que uma pessoa está mal, só que às vezes eles interpretavam isso mal. Diziam que eu só estava a fazer aquilo para as pessoas gostarem de mim, que era tudo teatro, mas não era, eu sou mesmo assim. Por exemplo, às vezes fazia coisas que não era eu a fazer, fazia o trabalho de outros, mas era porque queria ajudar e lá diziam que era para terem pena de mim. Acho que aí eles às vezes exageravam.

Eu - Acha então que fazia isso só mesmo para ajudar os outros?

José - Sim era.

Eu - E como era a sua relação com as outras pessoas da casa?

José - Com alguns era boa, ainda me dava bem com alguns deles, mas com outros nem por isso. Eu às vezes nem percebia, eu tentava dar-me bem com toda a gente, não me chateava com ninguém, mas de repente, havia alguém que já não gostava de mim. Mas ainda fiz alguns amigos lá dentro. Bem não eram bem amigos. Eu gostava de fazer alguns amigos agora. Estava a precisar de amigos assim como o João.

Eu - Como eu?

José - Sim, assim com o seu estilo. Pessoal assim mais jovem, com ideias novas, com vida, com vontade de fazer coisas diferentes, de sair.

Eu - E para que queria ter esses amigos?

José - Para poder falar quando tenho algum problema, como estou agora a falar contigo, para sair e ir beber uns copos, para ir beber um café, essas coisas. Eu conheço muitas pessoas, conheço pessoas em todo o lado, onde quer que vá há sempre alguém que conheço. Mas pensando bem, são só conhecidos...só tenho conhecidos, não tenho amigos. Pois é. É triste, isto ver-se que não se tem amigos, muitos conhecidos mas nada de amigos daqueles verdadeiros. (chora)

Eu - Mas nunca teve amigos?

José - Quando era mais novo tinha. Tinha alguns amigos, que moravam ao pé de mim, crescemos todos juntos. Lembro-me de nos sentarmos todos, uns cinco ou seis, numas escadas na nossa rua. Tenho essa imagem muito nítida na minha cabeça, estou mesmo a ver-nos sentados nas escadas, todos ao lado uns dos outros, é engraçado. Costumávamos jogar á bola, andar de bicicleta, jogar às escondidas, essas coisas todas. (lágrimas nos olhos)

Eu - O que aconteceu a esses seus amigos?

José - Uns foram para longe, mas houve outros que se afastaram quando souberam que andava metido na droga. Quando souberam isso, era raro estar com eles e quando me viam cumprimentavam-me, perguntavam-me como estava e iam à vida deles. Eu via que eles já me olhavam de maneira diferente.

Eu - E como é que isso o fazia sentir?

José - Sentia-me mal claro. Eu não gostava de sentir que eles me olhavam de forma diferente, ninguém gosta, mas eu até percebia, porque eu não era exemplo para ninguém. Mas eles também tinham a vida deles. Têm a vida feita.

Eu - A vida feita?

José - Casaram, têm filhos, têm bons empregos, têm uma boa vida. Eu também tinha tudo para ter uma boa vida. Podia ter feito coisas muito boas. Eu tinha tudo. Sabe que joguei no Sporting?

Eu - Ai foi?

José - Joguei com o Figo, com o Peixe, ainda conheci o Simão. Eu era bom, tinha tudo para ter uma grande vida. Podia ter feito carreira no futebol e agora ter tudo o quisesse, mas estraguei tudo. Deitei tudo a perder. Foi tudo para o lixo por causa da droga. Deixei escapar todas as oportunidades que tive. Mesmo depois do futebol, tive muito mais oportunidades. Tive trabalhos muito bons, ganhava muito dinheiro, mas depois estragava tudo. Ia tudo para a droga, depois faltava, respondia mal aos meus superiores, só fazia porcarias. Estraguei todas as oportunidades que tive, que não foram poucas.

Eu - Quando pensa nisso o que sente?

José - Sinto uma enorme tristeza e frustração. Eu podia ser um senhor, mas estraguei tudo e agora não sou ninguém. Eu nem dei por o tempo passar...eu já tenho 35 anos. Eu nem acredito que já tenho esta idade. Eu devia ter uma grande vida, mas não tenho. Não tenho nada. Não tenho trabalho, não tenho namorada, não tenho filhos, nada. Eu tinha uma namorada, mas também aí fiz asneira.

Eu - Como se chamava a sua namorada?

José - Antonieta.

Eu - O que aconteceu?

José - Nós vivíamos juntos, eu estava com ela há dois anos, ela gostava muito de mim, tratava-me muito bem, era muito boa para mim, era divertida. Eu também gostava dela, nós tínhamos uma boa relação. Depois chegou a uma altura em que tudo começou a ficar mais sério, em que a relação estava a caminhar para o casamento, mas quando chegou esse ponto eu fiz uma coisa da qual não me orgulho.

Eu - Que coisa foi essa?

José - Fugi para Espanha. Fugi e não lhe disse. Não telefonei, não deixei uma carta, um bilhete, nada. Até hoje nem sei se ela tem a certeza se ainda estou vivo. Fui e fiquei por lá seis meses. Fiquei na casa do meu irmão que morava lá na altura. Viver com ele também não foi fácil. Nós temos feitios muito diferentes e chocamos muito, mas também tínhamos coisas boas e gostamos muito um do outro e conseguimos entender-nos. Mas à Antonieta nunca mais disse nada.

Eu - Qual acha que foi a razão pela qual fez isso?

José - Não sei. Eu só pensava que não conseguia ficar ali e que tinha de ir embora. Não queria falar com ninguém, só queria ir embora. Acho que nem pensei muito, fiz e pronto. Quando pensei no que tinha feito não percebi porque o tinha feito, mas já estava e não voltei atrás.

Eu - E agora quando pensa nisso, o que sente?

José - Sinto pena. Acho que não devia ter feito, se fosse agora não fazia. Acho eu que não fazia, mas quem sabe. Foi mais uma das coisas que eu estraguei. Era uma boa relação que já durava há dois anos. Foi a melhor relação que já tive. Podia ter sido a mãe dos meus filhos, mas não. Os meus pais também ficaram muito desgostosos e tristes. Eles gostavam muito dela e não perceberam porque fiz aquilo. Foi mais uma que lhes fiz.

Eu - Aos seus pais?

José - Sim, Eles já sofreram muito comigo.

Eu - Fale-me um pouco deles.

José - O meu pai é uma pessoa muito boa, muito trabalhadora, mas nunca foi muito carinhoso e nunca tive uma relação de grande proximidade física com ele. É uma pessoa muito calma e ponderada. A minha mãe é muito diferente. Sempre a mandar em tudo, sempre atrás de mim a ver se eu preciso de alguma coisa. Mais carinhosa, mais expansiva e também demonstra mais o afecto que o meu pai. Mas são os dois pessoas muito boas, que não mereciam o que eu lhes tenho feito.

Eu - O que lhes tem feito?

José - Só lhes tenho dado preocupações e isso custa-me muito. Esta vida que eu tenho levado de droga, deu-lhes uma grande infelicidade. Os meus pais não são mais felizes por minha causa. Eles estão sempre preocupados com o que me irá acontecer, se vou

chegar inteiro a casa. Outra coisa que me custa bastante é estar sempre a pedir-lhes dinheiro, é algo que me custa cada vez mais a fazer, mas eu não tenho trabalho, por enquanto tenho mesmo de lhes pedir. Mas isto faz-me sentir pessimamente. Saber que os meus pais não são mais felizes por minha causa, porque estão sempre preocupados com o filho deles que já tem 35 anos, que podia ter a vida feita, ter uma grande vida, com mulher e filhos e em vez disso não tenho nada. 35 anos...cada vez que penso que já tenho esta idade...

Eu - O que sente?

José - Que desperdicei todas as minhas oportunidades e que estou a passar ao lado de uma grande vida.

Eu - Aqui o José está a começar uma nova oportunidade. O José já teve a experiência de deixar fugir muitas e só depende de si não deixar fugir mais uma. Eu vou estar aqui e fazer o que puder para que isso não volte a acontecer-lhe.

José - Muito obrigado.

Eu - Não tem de agradecer. Hoje ficamos então por aqui.

José - Gostei muito desta conversa. Senti-me muito bem, muito à vontade, apesar de estar com uma directa. Quando falei consigo achei que me entendeu. Isto normalmente não me costuma acontecer, mas gostei.

Eu - É bom ouvir isso. Para a semana à mesma hora cá estaremos outra vez, para mais uma conversa.

José - Sim agora, depois da consulta de hoje, já começo a vir com mais gosto e tudo. Na próxima semana cá estarei, sem falta.

Eu - Uma boa semana para si. Até quarta.

José - Para si também. Até quarta, muito obrigado.

6ª Consulta (26/05/08)

Eu - Bom dia José, como está?

José - Podia estar melhor, já tive melhores dias.

Eu - Quer falar-me um pouco sobre isso?

José - É lá em casa. A minha mãe pensa que sou uma criança, está-me sempre a dar ordens, faz isto, faz aquilo, não me deixa um minuto em paz. Anda sempre atrás de mim, há sempre alguma coisa que está mal, consegue sempre arranjar uma coisa para me chatear.

Eu - E com que tipo de coisas é que ela costuma chateá-lo?

José - Tudo serve. Eu chegar tarde a casa, por exemplo. Vou sair ao sábado, chego tarde, é normal, no outro dia é domingo não tenho de me levantar cedo, não há problema, mas para ela há. Depois começa-me a dizer que ando pelos maus caminhos outra vez. Essa conversa vem sempre ao barulho. Mas eu agora estou bem, estou limpo, por isso, não deixo que me mandem isso à cara. Quando estou bem não deixo que me mandem nenhuma pedra, por isso, quando ela me diz isso eu não me calo. Mas há dois dias exagerei...

Eu - Exagerou? Como assim?

José - Por causa deste tipo de coisas pequeninas e mesquinhas, tivemos uma grande discussão. Ela mandou-me coisas à cara como sempre e eu respondi-lhe, mas abusei, fui ordinário...nem quero falar nisso...disse-lhe coisas horríveis, coisas que não devia ter dito e agora arrependo-me disso. Mas nem quero falar sobre isso, não me quero lembrar mais dessa discussão.

Eu - O José aqui tem liberdade para isso. Falamos apenas daquilo que estiver disposto e estiver à vontade para falarmos. Não quero que sinta pressionado a falar sobre nada.

José - Pois, sobre isto, hoje não quero mesmo falar, pode ser que falemos noutra dia qualquer, mas hoje não.

Eu - Tudo bem.

José - Mas eu estava mesmo a precisar de vir aqui falar consigo, já estava ansioso para que chegasse o dia de vir cá.

Eu - E o que o deixou tão ansioso para falar comigo?

José - São uns pensamentos que ando a ter nestes últimos dias.

Eu - Que pensamentos são esses?

José - Pensamentos sobre consumos, mas nada de especial. Eles dispersam-se com a mesma velocidade que aparecem.

Eu - Diz que não são nada de especial, mas estava ansioso por chegar aqui para me contar que teve esses pensamentos.

José - Pois não sei, acho que queria partilhar isto consigo, queria mandar cá para fora, para não ficar só para mim.

Eu - E quer partilhar mais alguma coisa sobre esses pensamentos?

José - Estes pensamentos apareceram quando passei em sítios onde costumava consumir. Quando vi pessoas que costumavam estar nesses sítios onde eu ia consumir, mas não são nada de especial.

Eu - E que tipos de pensamentos foram em esses? Em que é que pensou?

José - Ao ver aqueles sítios, passou-me pela cabeça ir lá buscar qualquer coisa e meter. Lembrei-me dos momentos que passei lá e isso veio-me à cabeça. Ao ver aquelas pessoas, lembrei-me das conversas decadentes que tinha com eles, sempre sobre droga, sem qualquer objectivo, sem interesse. São pessoas que não interessam a ninguém. Antes também não me interessavam, mas estava com elas por interesse. Queria consumir e com eles era mais fácil, mas agora já não estou nada interessado nisso. Eram assim pensamentos destes, mas iam-se embora com a mesma velocidade que chegavam. Aquilo passava-me pela cabeça e depois ia-se logo embora.

Eu - O José quer consumir?

José - Não, não quero. Isso é a última coisa que quero neste momento. Já estou limpo há três meses, ainda não é muito tempo, mas já é alguma coisa e quero continuar assim. Desta vez não quero fazer asneiras e não vou fazer.

Eu - O que sentiu quando teve esses pensamentos?

José - Não é uma boa sensação. Não posso dizer que tive medo, mas foi algo que não gostei que me passasse pela cabeça. Fiquei um bocado nervoso e incomodado quando aconteceu, mas depois passou-me. Foi só passageiro.

Eu - Em alguma altura em que isso lhe passou pela cabeça, sentiu que podia não resistir e ir consumir?

José - Foi tudo muito rápido. Tive os pensamentos, mas eles desapareceram com uma grande velocidade, nem tive tempo para isso.

Eu - Acha que se tivesse tido esses pensamentos durante um período de tempos mais prolongado, isso poderia ter acontecido?

José - Eu acho que não. Neste momento eu estou muito concentrado na minha recuperação, eu quero muito organizar a minha vida e fazer alguma coisa. Acho que estou diferente, mais forte e por isso, também acho que consigo resistir melhor a esse tipo de situações.

Eu - O que acha que em si está diferente?

José - O que está diferente? Penso mais em mim. Primeiro penso em mim e só depois nos outros. Se eu não estiver bem, não vou pensar no bem estar dos outros. Agora já não me prejudica para os outros estarem bem, eu é que tenho de estar bem. Não quer dizer que não queira saber das outras pessoas, eu não quero ver as pessoas mal, eu continuo a preocupar-me com elas, mas primeiro eu. Diziam-me muito na Comunidade que esse era um dos meus problemas e que eu tinha de melhorar nisso, se quisesse estar melhor e acho que já consegui alguma coisa em relação a isso.

Eu - O que acha que levou a essa mudança em si?

José - Acho que foi mesmo eu querer endireitar a minha vida e estar determinado a fazer alguma coisa dela. Também tenho uma maior auto-estima e acho que isso também faz com que seja mais fácil. Eu arranjar trabalho, também me fez muito bem. Estou-me a dar bem com as pessoas com quem trabalho, lá o ambiente é porreiro. Há lá boas pessoas e também gosto do que faço. Não é o meu trabalho ideal, mas gosto de fazê-lo. Agora tenho uma rotina, tenho algo para fazer, não ando o dia todo enfiado em cafés a beber imperiais, como cheguei a fazer. Agora acordo todos os dias cedo, faço a minha barbinha, tomo o meu pequeno almoço com calma e vou para o trabalho. Normalmente, sou o primeiro a chegar, às vezes até ficam espantados por eu chegar tão cedo. Depois do trabalho, quando não estou muito cansado, vou ao ginásio. Do ginásio vou para casa, janto, vejo um bocadinho de televisão e vou para a cama. Isto também já há muito que não acontecia e sinto-me bem com isso. A única coisa que me tem chateado agora, é só mesmo a minha mãe. Porque o meu pai, desde que eu não lhe peça nada, está tudo bem. Agora a minha mãe tem-me feito a cabeça em água nos últimos dias. Estou a sentir-me muito pressionado e não gosto disso.

Eu - Já falou com a sua mãe sobre isso? Não discutir, falar calmamente sobre a situação?

José - Por acaso não. Como ela me tem irritado tanto, nos últimos dias nem tenho tido cabeça para pensar em fazer isso.

Eu – Se calhar seria uma boa forma de tentar resolver essa situação com a sua mãe. Ela pode ainda não se ter apercebido que o está a fazer sentir assim.

José - Pode ser. Se calhar é mesmo o melhor que tenho a fazer.

Eu - Bem José, o nosso tempo já acabou. Hoje ficamos então por aqui.

José - Para a semana à mesma hora?

Eu - À mesma hora. Tenha uma boa semana José e até segunda.

José - Uma boa semana para si também. Até segunda.

7ª Consulta (18/06/08)

Eu – Bom dia José, como está? Há muito tempo que não o via

José – Pois é, já há 3, 4 semanas?

Eu – Foram 4. Então e o que se passou consigo?

José – Sabe o que é, é que como eu já tinha falado consigo, agora está a começar a ficar complicado lá no emprego, porque eu digo sempre que vou ao dentista, mas já são muitas segundas, são muitas vezes a ir ao dentista e eu acho que as pessoas começam a desconfiar...nunca me disseram nada directamente, mas às vezes dizem na brincadeira, ”lá vais tu ao dentista outra vez. Vais é almoçar com alguma miúda. Eu sei que eles dizem mesmo por brincadeira, mas mesmo assim n gosto de mentir. Mas foi por isso, e na ultima semana não vim porque fui passar o fim-de-semana a Leiria e só vim na terça-feira, porque segunda não ia trabalhar.

Eu – Esta sua atitude lembra-me algo que já se passou consigo...o José já teve aqui no CAT dois terapeutas, não foi?

José – Sim, foi

Eu – Nesses dois processos terapêuticos quando se começou a avançar e a aprofundar a relação o José começou a desaparecer, não foi?

José – Mais ou menos...pode-se dizer que sim...

Eu – O José também teve duas relações mais sérias?

José – Sim

Eu – E quando essas relações começaram a evoluir e a tornar-se mais profundas e realmente sérias, o José abandonou essas relações, e numa delas fugiu para Espanha, mesmo sem dizer nada à pessoa em questão.

José – Sim, isso também aconteceu

Eu – Parece que há algo mais nas suas relações que não funcionam muito bem, não lhe parece?

José – Sim, há algo errado

Eu – Já pensou nisso?

José - Sim, alguma vezes pensei sobre esse assunto, principalmente quando fui para Espanha.

Eu – E chegou a alguma conclusão?

José – Não sei muito bem, parece que tenho medo de assumir alguma coisa ou medo da responsabilidade...porque eu estou bem com a pessoa, como estava bem com a Antonieta, mas de repente, passa-se alguma coisa e eu vou-me embora. O que ache que é?

Eu – O José falou em medo e parece-me que tem realmente medo, mas não me parece que seja de assumir alguma coisa ou da responsabilidade como disse...parece—me que tem medo que o abandonem, então quando as relações começam a ficar sérias mais uma vez e antes que isso aconteça, é o José que abandona a outra pessoa.

José – Isso realmente faz-me sentido...nunca tinha pensado nisso, mas é capaz de ter a ver com isso

Eu – Parece-me que foi essa a real razão pela qual o José não veio às nossas consultas, estava com medo que eu o abandonasse...mas desde que o José tenha vontade eu estarei cá para falar consigo

José – Pois, não sei e terá sido essa razão pela qual eu não vim estes dias às consultas, mas isso faz-me realmente sentido

Eu – Então e como foram estes seus dias em que não falamos

José – As coisas em casa andam mais calmas. Ambiente sem os meus pais está mais calmo, a minha mãe já só me chateia tanto. Agora também arranjei um novo sistema

Eu – Novo sistema??

José – Sim, eu antes saía do trabalho e quando não ia ao ginásio passava pelo café e antes de ir para casa bebia uma ou duas imperiais, mas agora já não vou lá...agora já não vou ao café. Agora também é mais fácil, como dão os jogos do euro, quando saio do trabalho vou logo para casa, vejo o futebol com o meu pai, vejo um bocadinho de televisão e deixo-me dormir...no outro dia a minha mãe até me chamou a atenção porque deixei a televisão ligada. E antes, às vezes também ia para o café ou ia sair durante a semana, mas já não vou...agora só saio ao fim de semana.

Eu – E qual a razão para essa mudança?

José – Principalmente por razões monetárias, o dinheiro não dá para tudo e eu quando fico sem dinheiro fico doente. Mas também, por exemplo, quando vou para o café não há ninguém que me interesse, metade das pessoas que estão lá não são minhas amigas e não me interessa.

Eu – Sente falta de ter amigos?

José – Eu tenho amigos, mas a maioria deles estão casados e têm a vida deles...mas sim sinto falta de ter amigos.

Eu – Acha que se tivesse amigos iria ter mais vontade de sair de casa?

José – Sim, se tivesse mais amigos podia ir mais vezes ao café ou a outro sitio qualquer, acho que ia sair mais durante a semana. Mas eu saio muito durante o fim de semana, tenho aquele amigo que lhe falei, que ainda não é bem amigo, ainda nos estamos a conhecer, o Paulo e saio muitas vezes com ele ao fim de semana. Muitas vezes até abuso um bocado, bebo um pouco demais e chego muito tarde a casa, já os meus pais estão acordados quando chego. Depois até penso que não devia ter feito aquilo, que foi dinheiro mal gasto e que se tivesse gasto noutra coisa teria sido melhor e fico a pensar nisso, mas na altura não penso nisso.

Eu – Parece que lhe falta um pouco de auto-controlo...

José – Sim, eu acho que às vezes não me controlo bem, eu tenho também mais alguns daqueles pensamentos.

Eu – Que pensamentos?

José – Os pensamentos sobre os consumos.

Eu – E como têm sido esses pensamentos?

José – São como lhe tinha dito, às vezes vou a passar num sitio onde antes consumia e penso “e se eu agora fosse consumir”, mas depois passa-me logo e continuo.

Eu – E como é que isso o faz sentir?

José – Não gosto de ter estes pensamentos,

Eu – Sente-se assustado?

José – Sim claro, é algo que não quero pensar.

Eu – Mas sente-se assustado por achar que pode não conseguir resistir a esses pensamentos?

José – Não não, isso não. Eu não tenho vontade nenhuma de consumir. E não acho que corra esse perigo. Consumir não vou.

Eu – É normal que tenha esses pensamentos, ainda não passou assim tanto tempo desde que deixou de consumir. O importante será aprender a viver com esses pensamentos sem que isso o leve a consumir.

José – Pois, eu acho que estou a conseguir fazer isso. Mas também acho que isto é normal...isto costuma-me acontecer mais ou menos nesta altura....quando eu deixava de consumir, quando chegava aí o terceiro mês começava a ter estes pensamentos, mas antes eram mais fortes e logo ao primeiro ia consumir.

Eu – Parece então que já conseguiste fazer progressos nessa área.

José – Sim sim, é verdade

(Silencio)

Há outra coisa também que eu tenho sentido falta.

Eu – De quê?

José – como eu já lhe tinha dito, sinto falta de uma mulher. Mas eu sou muito esquisito. Não quero uma qualquer, e como já lhe disse também quero ter uma relação mais....que não seja só uma atracção física, que não seja só uma curte de uma noite....

Eu – Está à procura de algo mais profundo e não de uma relação superficial.

José – Exactamente. Porque eu escolho até tenho...eu muitas vezes acabo a noite aos beijos com uma ou com outra, mas eu quero mais que isso, e também acho que não vou ter uma relação séria com alguém que eu conheça na noite.

Eu – Qual a razão que o levou a pensar nisso?

José – É que eu há certas coisas que não gosto que uma mulher faça....

Eu – Que coisas?

José – Certas coisas que eu faço...

Eu – Sair à noite com os amigos?

José – Não, eu não me importo que ela sai de vez em quando com as amigas ou com os colegas de trabalho, mas não gosto que saia todos os dias...é que eu sou um bocado ciumento, não sou muito, mas sou um bocadinho. Não gosto que beba muito ou que fume. Mas eu agora também não me quero preocupar muito...estou numa fase de deixar o tempo passar, viver o dia a dia e quando tiver que acontecer acontece. Quando fui a Leiria também conheci uma pessoa...

Eu – À foi? Conte-me mais sobre essa ida a Leiria e sobre essas pessoas.

José – Eu fui lá ver o meu cunhado e os meus sobrinhos, vi algumas pessoas que já não via há muito tempo, foi bom, eu gosto muito de Leiria. Acho que Leiria tem mais a ver comigo do que Lisboa. Em Leiria as pessoas são diferentes...são mais afectivas, mais abertas...acho que são mais parecidas comigo. E conheci a Elisabete...

Eu – E como é a Elisabete?

José – Ela é mais velha do que eu, tem 38 anos....tem o curso de filosofia...falamos durante muito tempo e não sei...acho que foi diferente das mulheres que tenho conhecido ultimamente...

Eu – Em que é que acha que foi diferente?

José – Acho que houve aquela química...ela é inteligente, é bonita, tem sentido de humor...e consegui ter conversas diferentes com ela.

Eu – Diferentes como?

José – Diferentes como...com essa é que me apanhou (risos). Deixe-me ver...não tenho só aquelas conversas de que carro é que tens e onde é que vais às compras e quanto é que ganhamos...não, tivemos conversas para nos conhecermos melhor um ao outro.

Eu – Conversas não tão superficiais e mais sobre as pessoas que vocês são?

José – É isso exactamente, foi diferente...acho que pode haver ali alguma coisa, mas logo se vê. E depois deste fim de semana também penso que mais vale ir um fim de semana a Leiria do que ir sair em Lisboa. Gosta mais ou menos o mesmo dinheiro e em Leiria é um tempo muito melhor aproveitado.

Eu – Fico contente por saber que teve esse bom fim de semana, quase como umas mini férias e que conheceu essa pessoa, isso parece ter sido bom para si.

José – Sim, foi quase como umas férias.

9ª Consulta (15/07/08)

Eu – Bom dia José. Já há algum tempo que não o via...

José – Pois é, já há algum tempo.

Eu – E ao que se deveu esta ausência?

José – Foi por causa do trabalho. A semana passada tive muito trabalho no nosso dia e não consegui cá vir, mas eu avisei.

Eu – Sim sim, eu recebi o recado. Mas diga-me, como está?

José – Agora acho que estou um bocadinho melhor. A minha irmã já não está lá em casa. Não que eu não gostasse de tê-la lá, mas eu já estava farto das discussões.

Eu – Ela continuava a discutir com os seus pais?

José – Cada vez mais.

Eu – E consigo?

José – Não, comigo não. Mas com os meus pais era todos os dias. Era sempre a mesma história.

Eu – E qual era a história?

José – Era sempre por causa da bebida e por ela não fazer nada da vida. Ela como estava lá em casa e tinha comida e roupa lavada, não fazia nada. Não tentava encontrar trabalho, uma ocupação, nada. Ela só bebia, comia, dormia e discutia com os meus pais.

Eu – E o José, como se sentia com isso?

José – Mal. Eu era mediador, andava ali no meio.

Eu – Pode-me explicar isso um pouco melhor?

José – Ela começava a discutir com os meus pais e eu não queria ouvir aquelas discussões, ia lá e tentava acalmar a situação. Não me queria pôr nem de um lado, nem de outro, ficava ali no meio. Eu sabia que ela não tinha razão, mas como não queria que ela depois viesse para cima de mim, também não ficava do lado dos meus pais. Era uma situação muito má, já estava farto. Antes eu ainda tentava falar com ela e pôr-lhe algum juízo naquela cabeça, mas agora só queria acabar com aquelas discussões.

Eu – O que seria para si, pôr-lhe algum juízo na cabeça?

José – Era ela fazer-se à vida. Procurar um emprego, qualquer coisa e tentar tratar-se. Mas ela agora foi para casa de um amigo e pelo menos acabaram as discussões. Já não podia mais com aquilo. Mas mesmo assim as coisas não estão bem lá em casa.

Eu – Não?

José – Não. Há bocado disse-lhe que estavam um bocadinho melhor, mas secalhar até não estão. Estou farto de viver com os meus pais. Cada vez sinto mais falta do meu espaço. Não estou à vontade, não consigo fazer aquilo que quero em casa.

Eu – O que gostaria de fazer e não consegue?

José – Por exemplo: no outro dia estava no meu quarto e levantei a música um bocadinho, mas foi pouco, foi mesmo, mas veio logo a minha mãe chatear-me, a mandar-me baixar o som. Depois também está sempre a tentar controlar-me em tudo, não me dá espaço para respirar. É com horas, com saídas, com refeições, com tudo.

Eu – O José é um homem de 35 anos que vive em casa dos seus pais, é normal que em algumas situações sinta essa falta de espaço. Já pensou em alguma solução?

José – A solução eu sei qual era.

Eu – Qual era?

José – Era sair de casa. Alugar uma casa.

Eu – O José sente-se preparado para isso?

José – Não é fácil. Monetariamente ainda é muito difícil. As casas não estão baratas e depois são também as contas da água, da luz, gás, com o meu ordenado é complicado. Eu até começava a sair menos, agora já não saio todas as semanas e quando saio já

chego mais cedo, podia continuar assim, mas não é fácil. Mas secalhar ate dá, não sei. Eu já fiz algumas contas e se continuasse a não sair tanto, se poupasse, ate dava.

Eu – Ainda está com muitas dúvidas. Todas essas dúvidas são apenas devido a questões monetárias?

José – Principalmente sim.

Eu – Principalmente, mas há algo mais que o preocupa?

José – Não sei.

Eu – Há algo a nível emocional, por exemplo, que ache que poderia ser um problema para si se fosse morar sozinho?

José – Acho que não. Acho que me sinto cada vez mais seguro de mim mesmo.

Eu – Mas parece-me que algo mais, para além do factor monetário, o preocupa.

José – Não sei, se calhar o comprimido.

Eu – O comprimido?

José – Sim, a toma do comprimido. Agora a minha mãe é que me lembra sempre de tomar o comprimido, ela nunca se esquece e assim eu tomo-o sempre, nunca falha.

Eu – Acha que se não fosse a sua mãe, não o tomava sempre?

José – Não sei, se calhar não. Mas não sei, se calhar até tomava, acho que conseguia.

Eu – Ainda não se acha suficientemente confiante para assumir essa responsabilidade e prefere que seja a sua mãe a assumi-la por si?

José – Eu sinto-me com mais confiança em mim e com mais auto-estima também, mas não sei, assim é mais certo.

Eu – Parece que afinal o próprio José continua a precisar de um certo controlo da sua mãe, o tal controlo que diz, o incomodar tanto.

José - Sim, neste caso este controlo acaba por ser bom.

Eu – O José ainda me parece um pouco indeciso e inseguro. Sente-se mal por ser controlado, mas ao mesmo tempo gosta desse controlo. Quer assumir a responsabilidade de alugar uma casa e viver sozinho, mas não se sente preparado para tomar um comprimido todos os dias. Existem aqui algumas contradições.

José – Sim, é verdade.

Eu – Penso que sair de casa dos seus pais é um passo natural e tenho a certeza que o irá dar, mas como todos os passos nesta altura da sua vida, penso que deve ser dado com muita certeza e segurança. Quando o José achar que está realmente preparado.

José – Sim, eu não quero dar um passo para frente e depois dois ou três para trás. Não quero estragar o que de bom já fizemos até aqui. Eu agora fazer as coisas com calma.

10ª Consulta (29/07/08)

Eu: Bom dia José. Como está?

José: Vou indo Dr. João. A semana passada não consegui vir, tive um trabalho que não esperava e não deu para vir.

Eu: Sim, sim, eu lembro de me dizer quando falámos ao telefone. Mas diga-me, como se sente, desde a última vez que falámos?

José: O trabalho vai indo bem. Acho que estão a confiar cada vez mais em mim e eu também me sinto mais à vontade com eles. Agora parece-me que a minha chefe já nem liga muito quando eu lhe digo que vou ao dentista para vir aqui. Acho que ela também confia mais em mim e isso faz-me sentir bem.

Eu: E o José, já confia mais em si?

José: Eu sinto-me melhor comigo mesmo, já não penso só nos outros como pensava, agora penso primeiro em mim. Já não deixo de fazer algo por mim para fazer pelos outros.

Eu: Está-me a dizer que tem uma maior auto estima e que se tem em melhor conta que há uns tempos atrás, mas confia mais em si?

José: Como assim?

Eu: Já se sente capaz de tomar o comprimido todos os dias ao pequeno almoço?

José: Não sei. Eu tenho algum medo que ainda não consiga. A minha mãe é que me lembra todos os dias de manhã. Eu acho que se eu estivesse sozinho era capaz de conseguir tomá-lo, mas não tenho a certeza. Eu às vezes também sou um bocado esquecido e de manhã com o sono podia não me lembrar. Mas o que acha?

Eu: Eu acho que o José ainda não consegue tomar o seu comprimido, todos os dias de manhã, mas não por se esquecer ou por estar com sono. Parece-me que o José está muito dependente dos seus pais, principalmente da sua mãe. Está habituado a que façam tudo por si e quando se vê numa situação em que tem que ser o José a agir, sente-se perdido sem saber o que fazer e acaba por não fazer nada. Não em confiança em si mesmo para tomar uma decisão e então acaba por evitar tomá-la. O que sente em relação a isto?

José: Isso faz-me sentido e lembra-me também uma coisa que o Dr. João me disse uma vez, que era como uma criança que estava a começar a aprender a andar outra vez. Ao ouvir o que me disse sinto-me assim, uma criança.

Eu: E quer continuar a ser uma criança?

José: Não, não quero! Eu não posso ser uma criança para sempre. Toda a gente precisa de crescer, senão não vai a lado nenhum. Eu tenho de crescer, senão não vou ser ninguém. Eu tenho 35 anos e preciso de crescer, tenho de andar por mim, sozinho.

Eu: Isso irá depender apenas de si. É o José que terá que tomar a iniciativa de dar os primeiros passos sozinho. Terá que ter a coragem suficiente para largar as mãos dos seus pais e começar a andar pelo seu próprio pé.

José: Sim eu sei. Tenho que me mexer. Já tenho trabalho, mas tenho muito mais coisas para fazer. Tenho que arranjar uma mulher. Eu agora tenho saído menos, mas mesmo assim tenho tido as minhas noites e as minhas amigas. Ainda no outro dia tive a noite toda com uma. Dormi uma ou duas horas e fui para o trabalho. Estava com uma pedrada de sono. Mas nenhuma destas miúdas me interessam. Algumas delas gostam de mim e se eu quisesse tenho a certeza que queriam namorar comigo, mas eu não quero. Eu sou muito esquisito com as mulheres, não quero qualquer uma. Para mim eu tenho que gostar delas mesmo ou então não dá. Tem de haver aquela química. As mulheres que eu conheço não me interessam. São as mulheres da noite. Muitas delas querem é saber de carros e de dinheiro e se este ou aquele é alguém conhecido. São pessoas muito...muito...está-me a faltar a palavra...

Eu: Materialistas?

José: Também, mas não só...

Eu: Superficiais?

José: Exacto. Era isso que queria dizer, superficiais. Para mim o que importa é gostar da pessoa, que seja uma pessoa simpática e com quem eu goste de estar e com quem consiga ter uma conversa. Mas pronto, é assim. Pode ser que consiga encontrar alguém assim, vamos ver. Eu gostava.

Eu: O José hoje parece-me um pouco nervoso, algo ansioso.

José: Sim, desde que cheguei que estou um bocadinho, mas agora estou a ficar mais.

Eu: A que se deve tal ansiedade e nervosismo?

José: Acho que é por ser o nosso último dia. Acho que deve ser por isso.

Eu: Quer falar-me um pouco sobre isso? Sobre o que está a sentir em relação a este ser o nosso último dia?

José: É estranho, estou a sentir coisas diferentes. Eu fico muito feliz por si, por ir para um trabalho melhor para si, por ser uma coisa que vai melhorar a sua vida, fico mesmo muito contente por saber isso. Mas fico também muito triste, acho que mais por mim. Eu gostava mesmo destas conversas consigo, acho que desde o princípio me fizeram bem. O João disse-me coisas que me fizeram sentido e que eu percebi e me ajudaram. Como eu já lhe tinha dito, eu já ando nisto de consultas desde os 18 ou 20 anos e consigo pela primeira vez, eu consegui sentir-me à vontade. Eu consegui sentir-me à vontade para dizer o que realmente sentia e o que estava a pensar. Eu não pensava no que dizia, dizia o que estava a sentir. Não sei se isso foi por ser a primeira vez que tive consultas com um homem, não sei, mas senti-me melhor. Eu por exemplo com a Dra. Isabel, estava sempre muito nervoso, nem sabia como devia sentar-me, punha-me muito direito. Quando ela me perguntava alguma coisa eu demorava muito tempo a responder. Pensava bem se dizia isto ou aquilo e só depois é que dizia. Com o João não. Com o João eu senti-me completamente à vontade, como se eu pudesse contar tudo, abrir-me. Não pensava em nada antes de falar. O que me vinha à cabeça era o que eu dizia. Isso era bom. Por isso, estou muito triste, mas eu compreendo. O Dr. João tem de continuar com a sua vida e eu tenho que continuar com a minha.

Eu: É bom ouvir isso que o José disse e fico contente por ouvi-lo dizer que se sentiu bem ao falar comigo e que o poderei ter ajudado de alguma forma. Mas eu não vou deixar de acompanhá-lo. Claro que não será da mesma forma, mas eu vou continuar a vir cá sempre que poder para saber como o José está, se está tudo a correr bem consigo.

José: Sim, sim, claro e eu agradeço por isso.

Eu: Não tem que agradecer. Também, sempre que o José quiser falar comigo por alguma razão, pode falar com a Cristina ou a Rita na recepção, que elas têm facilidade em entrar em contacto comigo e eu telefono-lhe ou tento mesmo passar por cá num dia em que cá esteja para podermos falar. Não se esqueça disso, sempre que precisar.

José: Sim, isso é muito bom. Eu ia gostar de poder fazer isso.

Eu: Eu queria dizer-lhe também algo.

José: Sim diga.

Eu: Isto não é nenhum conselho, porque eu não estou aqui para lhe dar conselhos, é algo que eu vi em si durante o tempo que falei consigo e que gostava de lhe transmitir.

José: Diga.

Eu: Eu senti, nas primeiras consultas que tive consigo, uma enorme abertura da sua parte. Senti que, como disse, trazia realmente os seus pensamentos e as suas emoções para as nossas consultas, que estava verdadeiramente a investir nesta relação. Essa foi uma primeira fase. Depois senti que, com o passar do tempo, foi começando a trazer menos as suas emoções e pensamentos para este espaço, senti algum desinvestimento da sua parte. Até que chegou a uma altura em que isso me pareceu ainda mais evidente, onde o José se pôs em fuga, começando a faltar inúmeras vezes às nossas consultas. Compreendo que tal se deveu, em parte, também ao seu trabalho, mas acho que ambos temos a noção de que essa fuga não se deveu apenas ao trabalho.

José: Sim o trabalho foi importante aí para eu faltar a algumas consultas, mas se calhar tem alguma razão. Não foi só isso que levou a que faltasse às consultas.

Eu: O que mais contribuiu para que isso acontecesse?

José: Não sei bem. Se calhar tinha algum medo. Alguma coisa me assustava e fazia com que não agisse da mesma forma. Isso já me aconteceu algumas vezes, eu fugir das pessoas, já não é a primeira vez.

Eu: Como quando morava com a Antonieta e fugiu para Barcelona?

José: Sim, essa foi uma das vezes. Isso por vezes acontece-me.

Eu: Sabe-me dizer qual será a razão pela qual isso acontece?

José: Isso não sei muito bem. Medo que me aconteça algo de mal.

Eu: Que algo de mal acha que lhe pode acontecer?

José: Isso já é difícil de dizer, nunca percebi. Eu começo no início sempre muito forte, a querer dar tudo às pessoas, mas depois recuo e às vezes tenho vontade de desaparecer. Nestas situações nunca percebi porque faço isso, só sei que faço e pronto.

Eu: O que acha que fica diferente para se dar essa mudança?

José: Não sei, não percebo.

Eu: A mim parece-me que o José investe inicialmente muito nas relações e quer agradar às pessoas, quer que gostem de si. Depois quando a relação começa a ter realmente algum significado, quando sente que está a criar algo realmente importante, põem-se em fuga. Eu penso que isto acontecesse pois o José tem um enorme medo que o abandonem. Não suporta a ideia de que alguém o irá deixar. Então antes que alguém o possa abandonar, é o próprio José a abandonar a pessoa, mesmo sendo essa uma relação importante para si.

José: Sim isso faz-me sentido. Eu detesto ouvir um não e quando as coisas começam a ficar sérias ponho-me a andar.

Eu: Penso que seria bom o José conseguir conservar alguma dessa sua atitude inicial nas relações. É claro que não pode estar sempre disposto a dar tudo de si, mas não chegar tão rapidamente a uma situação de fuga, provavelmente seria benéfico para si. Isto não apenas nas suas relações amorosas como também por exemplo nesta sua relação que vai agora reactivar-se com a Dra. Isabel. Se partilhar com ela aquilo que realmente pensa e sente, será mais fácil para ela poder ajudá-lo e será mais fácil para o José poder ajudar-se a si mesmo.

José: Não sei se vou conseguir falar com a Dra. Isabel como falava consigo aqui, mas vou fazer um esforço para ficar o mais à vontade possível e partilhar aquilo que partilhava consigo.

Eu: Muito bem José, vamos então ficar por aqui. Foi um enorme prazer conhece-lo e ter partilhado estas conversas consigo.

José: Eu também gostei muito de ter esta oportunidade de falar consigo aqui. Espero que lhe corra tudo pelo melhor e que consiga alcançar aquilo que pretende.

Eu: Tudo de bom para si e espero voltar a vê-lo.

José: Vai ver com certeza. E agora pode-me dar o tal abraço?

Eu: Posso sim senhor. Com muito gosto.

CASO 2

1ª Consulta (10/03/08)

Eu - Bom dia Rui como está?

Rui - Vou indo.

Eu - Bem esta é a nossa primeira, consulta, se calhar podia começar por me falar um bocadinho de si e o que o trouxe até aqui.

Rui - Quer que lhe fale sobre o quê?

Eu - Fale-me sobre si, sobre a sua vida, a sua história. O que achar que pode ser importante eu saber. Aquilo que me quiser contar.

Rui - Eu tenho 33 anos, agora estou a viver com a minha mãe e com os meus avós na casa deles.

Eu - Há quanto tempo vive na casa dos seus avós?

Rui - Não me lembro bem. Há um ano, mais ou menos, acho eu.

Eu - Sim.

Rui - Tenho um filho de onze anos. Com a idade dele eu não estava cá. Eu cresci lá em cima.

Eu - Onde?

Rui - Numa aldeiazinha chamada Campos de Sertão.

Eu - E gostava de lá viver?

Rui - Gostava muito. Tinha muito campo onde eu podia correr e brincar à vontade. Eu gostava de armar ratoeiras, era uma das coisas que eu gostava de fazer quando andava lá no campo.

Eu - O que queria apanhar nessas ratoeiras?

Rui - Era o que calhava. Umhas vezes eram ratos, outras vezes coelhos pequeninos, era o que calhava. Gostava de andar por lá a brincar. Aquilo não é como aqui em que as

crianças não podem sair à rua sozinhas. Lá eu podia andar sozinho que não me acontecia nada. Depois quando eu ainda era pequenino a minha mãe veio morar para Lisboa.

Eu - Qual foi a razão pela qual a sua mãe veio viver para Lisboa?

Rui - Ela arranhou um trabalho melhor aqui e então veio.

Eu - E o Rui ficou na aldeia?

Rui - Sim eu fiquei lá.

Eu - E quem ficou a tomar conta de si?

Rui - Eu fiquei com a minha madrinha e com os meus avós. Foram eles que me criaram.

Eu - E gostava de viver com os seus avós e com a sua madrinha?

Rui - Gostava. Os meus avós gostavam muito de mim, tratavam-me muito bem. Quando era pequeno andava sempre com a minha madrinha, que é a minha tia Cristina. Ela era mais velha que eu, mas nós brincávamos muito os dois. Andávamos sempre a fazer corridas e a trepar às árvores. Eu gostava muito de brincar com ela nessa altura. Mas depois a minha mãe veio buscar-me

Eu - Para vir morar para Lisboa?

Rui - Sim viemos para Lisboa.

Eu - Que idade tinha?

Rui - Não sei bem...devia ter uns sete ou oito.

Eu - E o que achou disso?

Rui - Não gostei muito. Eu preferia ficar lá. Eu gostava mais de estar lá do que cá em Lisboa.

Eu - Disse isso à sua mãe quando ela lhe disse que queria trazê-lo para Lisboa?

Rui - Não.

Eu - Não falou nada com ela em relação a essa mudança?

Rui - Não, ela disse-me que íamos para Lisboa e viemos.

Eu - A sua mãe disse-lhe a razão pela qual queria vir consigo para Lisboa?

Rui - Foi porque ela ia continuar no trabalho em Lisboa e queria que eu fosse viver com ela. Mas ela também quis vir para Lisboa porque arranjou o meu padrasto e então eu fui viver com ela, com ele e com o meu irmão, o filho do meu padrasto

Eu - E dava-se bem com o seu padrasto?

Rui - Não. Ele batia-me, maltratava-me. Desde que fui viver com ele, ele sempre me maltratou.

Eu - E o que é o seu padrasto costumava fazer-lhe.

Rui - Muitas coisas. Dava-me tarefas de cinto, dava-me chutos na cabeça; partiu-me a cabeça algumas vezes, as vezes lá ia eu para o hospital de cabeça aberta; partia-me cabos de vassoura e colheres de pau nas costas, por isso é que agora ando sempre cheio de dores nas costas. Uma vez pôs a minha mão numa frigideira a ferver, queimou-me a mão toda. Mandou-me com água a ferver para cima, tive sorte de não ficar com cicatrizes. Mas a pior foi uma vez que ele quase me matou, a minha vizinha é que me salvou, se não fosse ela eu não estava aqui hoje.

Eu - O que aconteceu?

Rui - Ele achou que eu lhe tinha roubado dinheiro da carteira, mas não roubei, eu disse-lhe que não tinha roubado, mas ele não acreditou em mim. Então torceu-me o braço, atirou-me para o chão e pôs a bota dele em cima do meu peito e fez força. Disse-me para eu admitir que tinha roubado o dinheiro, mas como eu não tinha roubado, eu disse que não tinha sido eu. Ele depois pôs a bota em cima da minha garganta e começou a fazer força, a fazer força e eu comecei a não conseguir respirar, já estava todo azul. Ele pisou-me até eu quase desmaiar. Quando eu estava quase a desmaiar a minha vizinha apareceu e conseguiu fazer com que ele parasse. Se ela não tivesse aparecido ele tinha-me matado. Depois, passado dois minutos ele encontrou o dinheiro. Virou-se para mim e disse que era para eu aprender a lição.

Eu - O que sentiu nessa altura?

Rui - Nem sei, nessa altura acho que nem senti nada porque ainda não estava a respirar bem, mas havia muitas alturas em que sentia raiva. Mas também não era só por ele me bater que eu sentia raiva.

Eu - O que mais o fazia sentir raiva?

Rui - Sentia também raiva porque ele só tratava bem era o filho dele.

Eu - Pode-me explicar isso um pouco melhor?

Rui - Ele para o filho dele só comprava coisas novas, brinquedos novos, roupas novas. Para mim comprava tudo usado. Eram brinquedos usados, alguns partidos, roupas em segunda mão e para o filho dele era tudo novo. Não está certo. Se comprava novo para um também devia comprar novo para outro. Não acho bem. Isso irritava-me, depois às vezes falava e levava porrada. Às vezes também o filho dele fazia asneiras e eu é que levava. Às vezes levava e nem sabia porquê, mas ao filho dele ele não batia.

Eu - O que sentia nessas alturas?

Rui - Sentia uma grande fúria! Eu só me queria era ir embora. O que eu queria era ter idade suficiente para me poder vingar.

Eu - E vingou-se?

Rui - Não. Depois quando já tinha idade já não me vinguei.

Eu - Ainda se quer vingar?

Rui - Não agora já não. Agora já não.

Eu - Aconteceu alguma coisa para deixasse de se querer vingar?

Rui - Não, mas quando eu e a minha mãe saímos de casa e deixamos de viver com ele, eu deixei de me querer vingar. Agora já não quero, já não quero fazer-lhe nada.

Eu - E foi viver só com a sua mãe?

Rui - Não, fomos para casa dos meus avós e a minha tia Cristina ao principio também foi connosco.

Eu - E como sentia a viver na casa dos seus avós?

Rui - Eu gostava, mas às vezes discutia com a minha tia.

Eu - E quais eram as razões das discussões?

Rui - Eram coisas parvas, ela implicava comigo, mas eu sei porque é que ela implicava comigo.

Eu - Sabe?

Rui - Sei. Ela implicava comigo porque tinha ciúmes de mim.

Eu - A sua tia tinha ciúmes?

Rui - Tinha porque os meus avós gostavam muito de mim, gostavam mais de mim do que dela e por isso ela tinha ciúmes. Depois, discutia comigo, mas era por causa dos ciúmes. Mas era melhor que viver com o meu padrasto, pelo menos não levava porrada. Agora tenho dores nas costas e na cabeça por causa das tareias que levei.

Eu - O que sente quando pensa nas alturas em que o seu padrasto lhe batia?

Rui - Não sinto nada.

Eu - Não tem qualquer tipo de sentimento quando pensa nisso?

Rui - Não, não sinto nada. Eu agora sinto-me é farto da droga, quero sair desta vida. Estou farto de ter de arranjar dinheiro todos os dias para a droga.

Eu - Como arranja o dinheiro todos os dias?

Rui - Arrumo carros, faço roubos, coisas dessas.

Eu - Que roubos costuma fazer?

Rui - Coisas pequenas. Às vezes vou ao supermercado, outras vezes roubo carros, é o que calha.

Eu - Como se sente quando está a roubar?

Rui - Sinto-me mal, mas eu tenho de arranjar dinheiro e é assim que arranjo. Mas eu não quero continuar assim, eu quero sair disto, não quero continuar nesta vida. Quero deixar de consumir. Eu até tenho vergonha das pessoas na rua.

Eu - Tem vergonha das pessoas? Qual é a razão da sua vergonha?

Rui - Tenho vergonha porque eu sei que as pessoas olham para mim e sabem que eu ando na droga e depois olham para mim de maneira diferente, olham para mim como se eu não fosse ninguém.

Eu - Sente-se inferior às outras pessoas?

Rui - Sinto. E depois as pessoas ficam a olhar para mim na rua. Não gosto quando as pessoas ficam a olhar para mim na rua.

Eu - Pode explicar-me isso, um bocadinho melhor?

Rui - Eu vou na rua e as pessoas ficam a olhar para mim porque sabem que eu ando na droga, porque sabem que não presto e eu não gosto de vê-las a olhar para mim. Às vezes, quando tenho de apanhar um autocarro e tenho de esperar por ele não vou para a

paragem, fico cá longe à espera que o autocarro chegue e só quando ele chega é que vou para a paragem. Faço isso para as pessoas não ficarem a olhar para mim na paragem.

Eu - O que é isso lhe faz sentir?

Rui - Faz-me sentir excluído. Eu não quero sentir-me excluído, mas para isso eu tenho de deixar a droga, tenho de deixar esta vida.

Eu - E é para tentar ajudá-lo nessa tarefa que eu cá estou. Hoje vamos ter que ficar por aqui. Na próxima quarta teremos, então consulta à mesma hora.

Rui - Ok Dr., então na próxima quarta eu estou cá.

Eu - Tenha uma boa semana Rui e até quarta.

Rui - Até quarta.

2ª Consulta (8/04/08)

Eu - Bom dia Rui, como está hoje?

Rui - Não estou muito bem.

Eu - Então Rui?

Rui - Nestes últimos dias tenho andado muito violento e furioso.

Eu - Mas tem estado sempre ou só em determinadas ocasiões?

Rui - Tenho andado a toda a hora mais que o normal, mas noto mais depois de fumar.

Eu - A heroína?

Rui - Sim, depois de fumar a heroína é quando me sinto mais violento e furioso.

(toca o telemóvel do Rui)

Com licença.

(O rui atende o telemóvel)

Desculpe, era a minha namorada, pensava que a consulta já tinha acabado e queria saber como tinha corrido. Não é só eu andar violento, agora a minha avó também teve uma trombose e está na cama. Sou eu que estou a tomar conta dela, mas ela está-me sempre a chamar a meio da noite e às vezes irrita-me, porque chama-me e depois quando eu lá chego já não quer nada. Isso não se faz, mete-me nervos. Depois não consigo dormir

quase nada, ando muito cansado por causa disso. Depois ainda por cima a minha tia está sempre a chatear-me.

Eu - Com o que é a sua tia o costuma chatear?

Rui - Arranja sempre discussões comigo, inventa coisas, ela irrita-me. O pior é que ela é mentirosa, arranja mentiras sobre mim.

Eu - Que mentiras é que a sua tia arranjou sobre si?

Rui - No outro dia andava só a chatear-me e a discutir comigo porque dizia que eu lhe tinha roubado o dinheiro, que os meus avós lhe tinham dado, da carteira. Mas era mentira. Ora, os meus avós deram o dinheiro à minha tia, ela pôs na carteira, a carteira ficou na entrada e ela foi para o quarto. Eu fiquei na sala com os meus avós o tempo que ela teve no quarto. Depois ela vai a sair e quando pega na carteira começa a dizer que eu lhe roubei o dinheiro. Se eu tive o tempo todo com os meus avós na sala, como é que roubava o dinheiro? Não podia ter sido eu a roubar. Ela é muito mentirosa, inventa muitas coisas sobre mim, mas eu sei porque é que ela faz isso.

Eu - Sabe?

Rui - Sei. É pela mesma razão que lhe tinha dito no outro dia, são ciúmes. Ela tem ciúmes meus por os meus avós gostarem mais de mim do que dela. São só ciúmes. Depois também se começa a meter na minha vida.

Eu - Como faz ela isso?

Rui - Começa a opinar sobre o que é que eu devo fazer e a dizer que eu não faço nada, que sou um drogado, que não sirvo para nada, só para roubar.

Eu - E o Rui como reage?

Rui - Eu aí vou-me embora, não lhe dou resposta.

Eu - Qual razão pela qual faz isso?

Rui - tenho medo que provoque coisas piores.

Eu - Pode explicar-me isso um pouco melhor?

Rui - Ela começa-se a meter na minha vida, a chatear-me e essas coisas todas e eu tenho medo que qualquer dia, se eu não me vou embora, qualquer dia ainda lhe dou uma bolachada ou qualquer coisa assim. Eu não quero fazer isso e por isso é que me vou embora, mas só espero que qualquer dia isso não aconteça.

Eu - Já pensou em bater na sua tia?

Rui - Já, já pensei, isso já me passou pela cabeça, mas eu não quero fazer isso. Ela irrita-me e inventa mentiras sobre mim, mas não quero bater-lhe, ela é minha tia. Mas isso já me passou pela cabeça algumas vezes.

Eu - Já tentou falar com ela calmamente?

Rui - Já tentei mas não dá.

Eu - Não?

Rui - Não, sempre que eu tento falar com ela, ela vira-me as costas. Mas ela qualquer dia ainda se dá mal.

Eu - Vai dar-se mal como?

Rui - Ela mete-se com as pessoas e depois leva no focinho. Qualquer dia leva mesmo, mas não é de mim.

Eu - Mas o que faz a sua tia para que as outras pessoas lhe queiram bater?

Rui - Ela tem a mania que é esperta, responde mal a toda a gente, chama nomes às pessoas, qualquer dia leva no focinho. Ainda por cima depois mete-se logo com pessoas mais novas que ela, qualquer dia leva porrada. Eu estou farto de avisar, mas ela não liga nenhuma. Ela só faz asneiras.

Eu - Mas a sua tia costuma fazer mais alguma coisa que o deixa assim irritado?

Rui - Faz. Outra coisa que me enerva e faz-me mesmo confusão é a comida que ela dá aos meus avós. Não dá comida nenhuma de jeito aos velhos. Só lhes dá é nestum e ceralac e essas porcarias dessas papas. Não lhes dá comida a sério quase vez nenhuma e quando dá também dá pouco. No outro dia, fez-lhes peixe assado, mas só um para os dois. Tiveram que dividir um peixe pelos dois. Mas ela faz isto, porque assim guarda o dinheiro que devia gastar para comprar a comida e vai comprar coisas para ela. Depois diz que eu é que roubo os velhos. Tem uma lata. Mas ela só começou assim quando eu comecei a correr mais que ela.

Eu - Quando começou a correr mais que ela?

Rui - Sim. Nós quando vivíamos lá na aldeia andávamos sempre juntos e dávamo-nos bem. Nós fazíamos muitas vezes corridas e como ela era mais nova ganhava sempre.

Mas um dia eu ganhei e partir daí ganhava sempre as corridas. Desde aí, ela começou a chatear-me , a meter-se na minha vida, a discutir comigo.

Eu - E qual acha que será a razão pela qual ela começou a fazer isso?

Rui - São os ciúmes e ela também quer é que espingarde com ela, porque se eu espingardar com ela, depois ela faz de mim o mau da fita e assim já pode dizer que eu faço isto e aquilo. Mas eu não faço isso, eu viro-lhe as costas e vou-me embora.

Eu - Tem realmente estado em constante confronto com a sua tia. Acha que será só a essa a razão para o seu comportamento violento e para a sua irritação?

Rui - Acho que se não é só por isso, pouco falta. Isto é o que me tem mesmo irritado nestes últimos tempos.

Eu - Não acha que exista algo mais que lhe tenha provado esta irritação?

Rui - Não, acho que é mesmo ela.

Eu - Bem Rui, hoje vamos ficar por aqui. Na próxima semana cá estaremos à mesma hora, certo?

Rui - Sim, sim, para a semana eu venho cá.

Eu - Tenha uma boa semana Rui

Rui - Para si também.

3ª Consulta (15/04/08)

Eu - Então Rui, como está hoje?

Rui - Estou farto, farto de tudo!

Eu - O que é esse tudo?

Rui - É a droga, é a vida que tenho por causa da droga. Quero mudar tudo, quero começar uma vida nova. Estou farto disto.

Eu - O Rui já tentou muitas vezes tentar de consumir, mas não conseguiu...acha que há algo diferente em si desta vez?

Rui - Eu acho que estou mais disposto. Quero fazer isto por mim.

Eu - Nas vezes anteriores não tentou por si?

Rui - Acho que não. Acho que era mais pelas outras pessoas...era mais a minha mãe que insistia comigo e me fazia vir aqui, mas agora quero fazer isto por mim. Quero esquecer o que passou. Estou farto!

Eu - Quando diz que quer esquecer o que se passou, ao que se está a referir exactamente

Rui - A toda a experiência na droga. A tudo o que passei desde que estou na droga. Isto não é vida para ninguém e acho que quando gostar de mim mesmo, vou conseguir deixar isto.

Eu - O Rui não gosta de si?

Rui - Eu gostar gosto...mas estou-me a estragar, a prejudicar-me, não estou a fazer nada de bom para mim.

Eu - Como se vê quando se olha ao espelho?

Rui - Vejo-me como um coitado um inútil...e depois não trabalho, não faço nada, tenho de roubar para arranjar dinheiro para a droga. Roubo na minha casa às vezes, outras nos supermercados...mas nunca roubo na casa de outras pessoas. Na casa de amigos ou de outras pessoas não consigo roubar, não consigo.

Eu - Já alguma vez pensou fazer isso?

Rui - Já pensei já, muitas vezes. Mas não consigo, em casa de amigos ou de outras pessoas não consigo roubar. Por isso é que depois vou roubar nos supermercados, porque não consigo tirar nada da casa de ninguém.

Eu - Qual a razão pela qual não consegue roubar na casa de outras pessoas?

Rui - Porque se eu vou roubar alguma coisa em casa de amigo, posso estragar a amizade. A pessoa pode ficar chateada comigo e estragar a amizade que temos. Por isso é que não consigo roubar na casa de outras pessoas.

Eu - É então por aquilo que as outras pessoas podem pensar de si.

Rui - Sim. Eu não quero que as outras pessoas pensem mal de mim. E por isso é que vou roubar aos supermercados. Mas roubo coisas pequenas, queijos, champôs, para depois vender, porque eu mesmo nos supermercados não gosto de roubar.

Eu - O que faz com que não goste de roubar?

Rui - Não gosto porque posso ser apanhado.

Eu - Já foi alguma vez apanhado?

Rui - Já, duas vezes.

Eu - E como se sentiu?

Rui - Não gostei, senti-me mal, envergonhado...senti que as pessoas estavam a olhar para mim. E também tenho medo de ser preso, por isso é que roubo coisas pequenas.

Eu - Acha que se roubar só coisas pequenas não vai ser preso?

Rui - Eu já fui apanhado duas vezes e o segurança levou-me só para fora do supermercado. Mas eu quando faço essas coisas é como se não pensasse. Como uma vez que tirei uma coisa de casa de uma amiga da minha mãe.

Eu - Afinal consegue tirar coisas da casa das outras pessoas.

Rui - Foi só dessa vez...e eu tirei mas foi como se não pensasse, não penso na altura em que estou a fazer aquilo.

Eu - Há mais algum tipo de coisas que faça sem pensar?

Rui - Às vezes há.

Eu - Que tipo de coisas?

Rui - Sem pensar? Respondo mal à minha avó. Falo alto com ela e digo coisas más, falo mal para ela. E para a minha madrinha e para minha mãe. Muitas vezes falo mal para elas mas não penso...depois quando penso vejo que elas têm razão, mas na altura não penso.

Eu - Elas têm sempre razão?

Rui - Quase sempre.

Eu - E como é que isso o faz sentir? Pensar na discussão e ver que apesar de ter falado mal com elas, elas tinham razão?

Rui - Não sinto grande coisa porque umas vezes vou-me embora e outras mudo de conversa...não sei porquê mas mudo de conversa.

Eu - Pode-me explicar isso um pouco melhor?

Rui - Às vezes estou nu grupo de amigos, está-se a falar sobre um tema, eu começo a falar sobre isso e depois, não sei porquê, mudo de assunto e começo a falar de outra coisa...não sei porquê mas começo a falar de outra coisa completamente diferente,

mudo de assunto. É como se não tivesse mais nada para dizer sobre aquilo e mudo de conversa.

Eu - Será que isso poderá ocorrer porque o Rui não ter mesmo mais nada para dizer sobre esse assunto e como não quer que os seus amigos percebam isso, muda de conversa?

Rui - Não sei, se calhar, mas não sei...eu faço isto sem pensar e não gosto de fazer isto. É como os animais...eu antes apanhava os animais e fazia-lhes mal...agora isso está a voltar. Eu apanhava os gatos, pegava numa corda, levava-os para cima de uma árvore e enforcava-os. Parece que me dava prazer e isso agora está a voltar.

Eu - Diz que parece que lhe dava prazer, mas não lhe dava realmente prazer?

Rui - Eu não sei, eu gosto de ver os animais a sofrer, mas sei que não devia fazer...mas na altura em que estou a fazer aquilo não penso e gosto de ver. Uma vez também peguei num rato e pus dentro de um tacho com água ferver. O bicho claro, estava sofrer e começou a guinchar...depois chegou a uma altura em que já chegava e quando ia a tirá-lo de lá fiquei com um bocado da pele do rato na mão. Também apanhava os pombos e trincava-lhes o pescoço, mordia mesmo. E um cão uma vez, era um cão muito pequeno que encontrei e comecei a apertar-lhe o pescoço até ele ao conseguir respirar. A apertar mesmo com força.

Eu - Há quanto tempo começou a fazer isso aos animais outra vez?

Rui - Há uns três, quatro meses, desde que fui para casa da minha madrinha. Quando fui para lá comprei um hamster fêmea, mas pensei: este é para durar, não lhe vou fazer mal. Mas ela esteve grávida e quando os filhos nasceram ela comeu-os e eu fiquei muito chateado. Depois disseram-me que os hamsters fazem sempre isso, que comem a primeira ninhada, mas eu fiquei muito chateado com ela. Então comecei a fazer judiarias. Comecei a morder-lhe o pescoço, a esticar aquela pele que eles têm atrás do pescoço, a esticar aquela pele que eles têm atrás das orelhas, que aquilo aleija, comecei a apertá-la...mas também não posso apertar muito, senão dou-lhe cabo dos órgãos.

Eu - Parece que o Rui está a fazer aos animais o mesmo que o seu padrasto lhe fez a si. Essa era a forma de o seu padrasto resolver os problemas e agora parece que o Rui quando tem problemas, como não quer fazer isso à sua avó ou à sua tia, faz aos animais.

Rui - Pois, vá lá que ainda não fiz a nenhuma delas.

Eu - Já pensou em fazer-lhes mal?

Rui - O que faço aos bichos não, mas às vezes apetece-me bater na minha tia...Já a empurrei umas vezes e atirei-lhe uns óculos para cima. Mas eu não lhes quero fazer mal, elas são da minha família. É como os animais, eu não lhes quero fazer mal, mas parece que não penso...gosto de os ver a sofrer...mas depois, antes de os matar paro. Nunca os mato. Quando já estão quase a morrer, deixo de gostar de ver e paro. Com a hamster, quando ela comeu os filhos, eu também lhe comecei a bater lá no sítio íntimo dela...ela depois começou-se a lamber no sitio...eu gostei de vê-la a lamber-se, mas depois comecei a apertar-lhe o pescoço. Isto parece que são impulsos que não consigo controlar, é como se fosse uma criança com um brinquedo novo. Foi desde que fui viver para a casa da minha tia.

Eu - E foi desde que foi viver para casa da sua tia que começou a discutir mais com ela e começou a ficar mais irritado e violento não foi?

Rui - Foi, foi. Foi quando a minha avó veio do Hospital. Nós comprámos-lhe as fraldas e combinámos que durante a noite não íamos levá-la à casa de banho, que ela fazia nas fraldas, mas ela a meio da noite começou a chamar e a minha tia foi lá, para a levar à casa de banho e isso não está certo, porque agora ela está a chama-la de vinte e vinte minutos para a levar à casa de banho e ela vai. E as fraldas estão para lá, gastou-se o dinheiro e não se usam as fraldas. Depois a minha avó também me chama a mim, eu levo-a à casa de banho e depois não faz nada e começa a rir como se tivesse a gozar.

Eu - Acha que a sua avó está a gozar consigo?

Rui - Parece. Ela não faz nada e começa-se a rir. E eu fico furioso, fico irritado. Depois a meio da noite ela grita e berra...e eu vou lá e digo-lhe: ou se cala ou então eu ato-lhe as mãos e os pés e ponho-lhe um penso na boca. E então ela cala-se. Mas não está certo estarmos sempre a levantarmo-nos e não conseguir dormir, para ir tantas vezes com ela à casa de banho. Ela não gosta, aguente-se. No Hospital ela ficava com as fraldas, agora também pode ficar. Depois a minha tia faz-se de vítima. Diz que se levante muitas vezes durante a noite e que não consegue dormir e que está muito cansada. Ela quer que toda a gente tenha pena dela, diz isso para as pessoas terem pena dela e isso irrita-me, deixa-me chateado.

Eu - Gostava que tivessem pena de si?

Rui - Não, mas aquilo irrita-me e deixa-me chateado, é sempre a mesma história, sempre para terem pena dela.

7ª Consulta (11/06/08)

Eu – Bom dia Rui, como está?

Rui – Estou um bocadinho melhor Sr. Dr.

Eu – Um bocadinho melhor?

Rui – Sim. Saí de casa da minha tia. Eu e a minha mãe fomos morar para a casa dela.

Eu – Sente-se melhor em casa da sua mãe?

Rui – Muito melhor...já não tenho as discussões todos os dias e a toda a hora...já estou mais descansado.

Eu – Quem tomou a iniciativa para sair de casa da sua tia?

Rui – Foi a minha mãe. Ela estava a ver que eu não estava bem e que não estávamos bem ali. Ainda mais depois da história da carteira.

Rui – Foi a minha tia que disse que eu lhe roubei a carteira

Eu – E roubou?

Rui – Não. Ela saiu de casa no mesmo tempo que eu, depois eu voltei primeiro e estive sempre com a minha avó na sala...ela quando chegou disse que tinha deixado a carteira na sala e que agora já não estava e começou-me a acusar, a dizer que tinha sido eu. Eu disse-lhe para perguntar à avó, que eu tinha estado sempre com ela, mas ela não quis saber e disse que tinha sido eu. A partir daí estava sempre a falar disso e a acusar-me.

Eu – E como se sentiu?

Rui – Senti-me mal. Eu não tinha feito nada e ela estava a acusar-me. Ela tem ciúmes e mim e depois faz estas coisas, acusa-me de tudo. Mas agora já não moro com ela, já não tenho tantas discussões.

Eu – E o que mudou agora que foi viver com a sua mãe?

Rui – Agora estou com a minha mãe, estou melhor, estou normal.

Eu – Normal?

Rui – Sim, posso estar em casa mais descansado, na sala ou no meu quarto. Mas também fico mais vezes em casa...a minha mãe não gosta que eu saia, por isso fico mais vezes em casa para ela não ralhar comigo.

Eu – Ela costuma ralhar consigo?

Rui – Às vezes...

Eu – Quais são as razões pelas quais a sua mãe costuma ralhar consigo?

Rui – Umás vezes é porque eu saio de casa e ela não gosta...diz que eu vou para a rua é para ir para a má vida, para comprar droga. Outras vezes é por não arrumar a casa...eu às vezes não me apetece arrumar a casa e ela ralha...

Eu – E o que sente quando ela ralha consigo?

Rui - Sinto-me mal...tenho vontade de discutir com ela, de lhe gritar.

Eu – E grita?

Rui – Não, não posso

Eu – Não pode?

Rui – Não ela teve há pouco tempo um problema de coração e não se pode irritar, por isso não posso gritar com ela.

Eu – Então o que faz?

Rui – Vou-me embora.

Eu – Tenta fugir?

Rui – Sim é um bocado isso...

Eu – Essa sempre foi a sua forma de resolver os problemas não foi?

Rui – Às vezes faço isso...

Eu – E o que pensa sobre isso?

Rui – Não sei

(devia ter feito silêncio e esperado por mais alguma coisa)

Eu – Parece-me que passou a sua vida a fugir...sabe do que está a fugir Rui?

Rui – Não, não sei. Mas eu tinha de fugir, ela não se pode irritar. Mas eu estou chateado com ela.

Eu – E o que o levou a ficar chateado?

Rui – Ela veio-me ralhar porque eu desarrumei as coisas no quarto dela, revoltei as gavetas da roupa?

Eu – E foi o Rui que fez isso?

Rui – Fui

Eu – Costuma fazer isso muitas vezes?

Rui – Sim. Quando estou sozinho em casa, vou mexer nas coisas das outras pessoas, nas gavetas e nos armários.

Eu – O que pensa quando faz isso?

Rui – Não sei...eu tenho curiosidade, quero saber o que está ali...mas acho que não penso em nada...acho que só depois de fazer é que penso.

Eu – É como se o Rui andasse a procurar alguma coisa.

Rui – Sim, mais ou menos isso

Eu – Sabe o que está à procura?

Rui – Não

Eu – O Rui começou a consumir quando descobriu droga no bolso do seu padrasto não foi?

Rui – Sim

Eu – Andava também a fazer o mesmo, a mexer nas coisas lá de casa, a procurar alguma coisa.

Rui – Sim

Eu – Não estará agora a procurar o que na altura provavelmente também procurava...não estará a tentar encontrar alguém que cuide realmente de si?

Rui – A minha mãe cuida de mim.

Eu – Ela cuida realmente de si?

Rui – Sim.

Eu – Sentiu que a sua mãe cuidou realmente de si, durante todos os anos em que viveu com o seu padrasto e que foi agredido por ele?

Rui – Ela fazia o que podia. O meu padrasto não a deixava fazer mais.

Eu – Nunca pediu à sua mãe para sair de lá?

Rui – Não.

Eu – Mas queria sair não queria? Queria que a sua mãe o tirasse de lá, que fosse cuidar de si para outro lado...

Rui – Sim, mas ela gostava dele, não podia fazer nada. E agora já não estou com ele, agora vivo com a minha mãe. E queria era também poder viver com o meu filho.

Eu – Não costuma visitá-lo?

Rui – Vou muito poucas vezes.

Eu – Gostava de ir mais vezes?

Rui - Gostava.

Eu – E qual a razão pela qual não vai?

Rui – Tenho vergonha. Não o vejo há três meses.

Eu – Tem vergonha?

Rui – Sim, tenho vergonha do que ele pensa de mim.

Eu – O que acha que ele pensa de si?

Rui – Ela pensa que eu não sou ninguém, que não presto, que não sirvo para nada.

Eu – É isso que o Rui também pensa de si?

Rui – Sim. Eu sou um Zé ninguém. Também não quero que os amigos dele gozem com ele põe ter um pai drogado. Mas quero engordar para ter melhor aspecto, para estar mais tempo com ele.

Eu – Gostava que ele morasse consigo?

Rui – Não, isso não queria.

Eu – Não gostava que ele morasse consigo?

Rui – Não queria. Depois eu tinha de ir para o quarto fumar...não queria que ele me visse a fumar. E eu acho que não ia saber tomar conta dele, não sabia o que fazer...

Eu – Não sabia tomar conta dele porque se calhar nunca ninguém tomou realmente conta de si...

Rui – Não sei...mas quero sair da droga, quero arranjar um emprego...quando vou ter com ele nem tenho dinheiro para lhe comprar uma prenda, gasto tudo na droga. Por isso é que eu quero mudar, não quero ser um Zé ninguém e estar fora da sociedade, quero mesmo mudar.

(silêncio)

E há uma coisa que me tem ocorrido...

Eu – Que coisa é essa?

Rui – Comprar uns carrinhos e brincar na terra com eles.

Eu – Costuma brincar com carrinhos?

Rui – Já há algum tempo que não brinco, mas costumava brincar.

Eu – No que costuma pensar quando brinca com carrinhos?

Rui – Em nada.

Eu – Não pensa na droga?

Rui – Não.

Eu – É das poucas alturas em que não pensa na droga...

Rui – Sim, quando estou a brincar com os carrinhos não penso na droga.

Eu – Então se calhar devia brincar mais com carrinhos.

Rui – Mas eu sou crescido, sou adulto. Porque acha que quero brincar com carrinhos?

Eu – Eu acho que o Rui ao querer brincar com os carrinhos, quer ser criança e quer ser criança para que alguém cuide de si e lhe dê atenção...para que alguém brinque consigo. Acho que seria bom pensar um pouco sobre isto.

12ª Consulta (22/07/08)

Eu – Bom dia Rui. Hoje parece vir animado.

Rui – É verdade Sr. Dr., hoje venho muito contente. O meu patrão deu-me um aumento. Achou que eu tenho trabalhado muito bem e para me recompensar, aumentou-me o ordenado.

Eu – Isso é uma boa notícia. Parabéns Rui. Como se sentiu quando recebeu essa notícia?

Rui – Muito contente. Não é uma grande diferença, mas é alguma coisa. Houve alguém que reparou em mim.

Eu – Houve alguém que reparou em si?

Rui – Sim, houve alguém que reparou, que eu fiz alguma coisa bem feita.

Eu – Até hoje ninguém tinha reparado em alguma coisa bem feita que o Rui tenha feito?

Rui – Nem sei. Se repararam já nem me lembro, já deve ter sido há muito tempo. Só reparavam, era nas coisas más que eu fazia. Eu também não fazia muitas coisas bem feitas, mas as poucas que fazia, ninguém reparava.

Eu – Como é que isso o fazia sentir?

Rui – Na altura acho que nem notava, não ligava, mas agora que penso nisso, acho que não está certo. Se me chamam a atenção quando faço alguma coisa mal, também me deviam dizer qualquer coisa quando faço alguma coisa bem. Mas não quero pensar mais nisso, hoje estou contente pelo meu aumento e não me quero pensar em coisas menos boas. Olhe, mas vou mesmo ter que pensar nessas coisas menos boas...

Eu – E que coisas são essas que vai ter que pensar?

Rui – Que hoje é a nossa última conversa. Essa não é uma boa notícia. É uma má notícia.

Eu – Como é que isso o faz sentir?

Rui – Faz-me sentir triste. Eu agora já me habituei a si, a vir cá falar consigo. Para mim já era um hábito. Mas não era daqueles hábitos que chateiam, era um bom hábito. Podia chegar aqui e falar de qualquer coisa que me apetecesse. Eu cheguei a dizer coisas muito más e o Sr. Dr. Nunca fez cara feia. Ouviu sempre o que eu disse.

Eu – Gosta de ser ouvido?

Rui – Nem sempre. Às vezes não sei o que dizer e então prefiro estar calado. Mas quando vinha aqui tinha era de falar de mim e então eu não me importava. Aconteceram mesmo coisas boas, desde que comecei a falar consigo. Entrei para o programa de metadona, arranjei um trabalho, comecei a ver o meu filho mais vezes. Ainda este fim-de-semana, estive com ele.

Eu – E como foi então esse fim-de-semana?

Rui – Foi muito bom.

Eu – O que fez com o seu filho?

Rui – Fomos dar uma volta ao Colombo, comprei-lhe uma bola de futebol. Ele agora anda com a mania que vai ser jogador. Depois fomos um bocado ao parque experimentar a bola e fomos para casa. Em casa já se sabe, ele está sempre agarrado à playstation. Eu ainda jogo uns jogos com ele, mas não consigo jogar tanto tempo, começa-me a doer a cabeça.

Eu – Lembra-se como me descreveu a imagem que achava que o seu filho tinha de si?

Rui – Não me lembro bem.

Eu – Disse-me que achava, que ele o via como um zé ninguém, como alguém que não prestava. Continua a achar que o seu filho o vê assim?

Rui – Não.

Eu – Como acha que o vê agora?

Rui – Não sei muito bem, mas acho que tem uma opinião bem melhor do que tinha. Eu já estou muito mais vezes com ele e quando estou com ele, não estou ressacado. Não tem nada a ver.

Eu – E o Rui, como se vê agora?

emprego, já não ando na má vida, já vejo mais vezes o meu filho, sinto-me melhor. Olhe mas sabe uma coisa? Lembra-se de eu uma vez lhe ter dito, que andava com umas ideias de comprar uns carrinhos para brincar com eles na areia?

Eu – Sim lembro-me perfeitamente.

Rui – Eu comprei os carrinhos.

Eu – E tem brincado com eles?

Rui – Tenho, tenho. Agora brinco com eles com o meu filho. Vamos os dois para a areia ou então ficamos em casa e brincamos com os carrinhos. Às vezes até me esqueço das horas a passar, quando estou a brincar com os carrinhos.

Eu – Então afinal, sempre lhe fez, bem brincar com os carrinhos.

Rui – Fez muito bem, não penso em mais nada quando estou a brincar com os carrinhos.

Eu – Bem Rui, vamos ter que ficar por aqui. Foi um prazer conhecê-lo e falar consigo durante este tempo.

Rui – Também gostei muito e tenho pena que vá embora, mas é mesmo assim.

Eu – Eu vou continuar, como lhe disse, a acompanhar o seu percurso e sempre que quiser falar comigo, basta pedir a alguém ali na recepção, que ligam para mim e podemos falar.

Rui – Obrigado Dr. e boa sorte para si.

Eu – Boa sorte para si também Rui e espero voltar a vê-lo.

Rui – Vai ver sim.